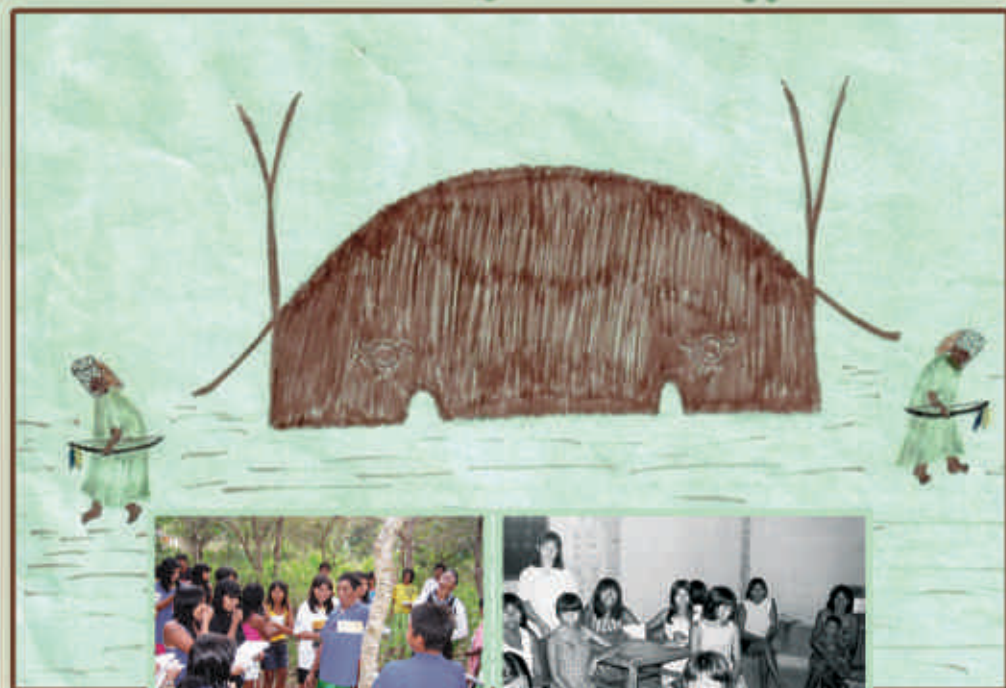




# XANEXEMA'EÃWA PARAGETÃ

## História da Educação Escolar Apyãwa



Autores  
Professores Apyãwa




Autores  
*Professores Apyãwa*

# **XANEXEMA'EÃWA PARAGETÃ**

## **História da Educação Escolar Apyãwa**

Organizadores  
*Adailton Alves da Silva, Eunice Dias de Paula*  
*Luiz Gouvêa de Paula, Lucimar Luisa Ferreira e*  
*João Severino Filho*






## AUTORES

Adeilda Katoaxowa Tapirapé  
Agnaldo Wariniay'i Tapirapé  
Alberto Orokomy'i Tapirapé  
Alzirene Iparewao Tapirapé  
Ana Cláudia Awokopytyga Tapirapé  
Apaxigoo Tapirapé  
Arivaldo Takwari'i Tapirapé  
Arnaldo Oxawaj'i Tapirapé  
Arokomyo'i Fábulo Tapirapé  
Awarao'i Fabio Tapirapé  
Bismarck Warinimyta Tapirapé  
Deuzirene Eirowytygi Tapirapé  
Demilson Makarore Tapirapé  
Edimilson Kaxanapio Tapirapé  
Eironi Elizete Tapirapé  
Fabiola Mareromyo Tapirapé  
Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé  
Hillo Aparaxowi Tapirapé  
Ikatopawyga Daniela Tapirapé  
Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé  
Jamilson Maropawygi Tapirapé  
Josimar Xawapare'ymi Tapirapé  
Júlio César Tawy'i Tapirapé  
Júnior Kaxowario Tapirapé  
Kamaira'i Sanderson Tapirapé  
Kamajrao'i Tapirapé  
Kamoriwa'i Elber Tapirapé  
Katypyxowa Graciela Tapirapé  
Kaxowari'i Tapirapé  
Klebson Awararawoo'i Tapirapé  
Koria Valdvane Tapirapé  
Koxamaxowoo Tapirapé  
Koxamy'i Tapirapé  
Koxamokoaxiga Tapirapé

Koxamytyga Carla Tapirapé  
Koxawiri Tapirapé  
Ma'i'i Tapirapé  
Makato Tapirapé  
Marape'i Tapirapé  
Marayky Anjinho Tapirapé  
Mareaparygi Lisete Tapirapé  
Marewipytyga Tapirapé  
Mykori Tapirapé  
Nivaldo Korira'i Tapirapé  
Oparaxowi Marcelino Tapirapé  
Orokomy Tapirapé  
Orokomy'i Tapirapé  
Paxawari'i Tapirapé  
Reinaldo Okaraxowa Tapirapé  
Rogério Morawi Tapirapé  
Rosinei Ko'aro Tapirapé  
Rosineide Koxama Tapirapé  
Samuel Oparaxowa Tapirapé  
Tamanaxowoo Tapirapé  
Tapapytyga Tapirapé  
Taparauvytyga Vanete Tapirapé  
Taroko Edimundo Tapirapé  
Taropa Tapirapé  
Thais Mareapawyga Tapirapé  
Valmir Ipawygi Tapirapé  
Waraxowoo'i Maurício Tapirapé  
Waromaxi'i Tapirapé  
Xaopoko'i Tapirapé  
Xario'i Carlos Tapirapé  
Xawapa'i Tapirapé  
Xawapa'io Tapirapé  
Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé  
Xawatamy Nélío Tapirapé





# **XANEXEMA'EÃWA PARAGETÃ**

## **História da Educação Escolar Apyãwa**

Organizadores

*Adailton Alves da Silva, Eunice Dias de Paula  
Luiz Gouvêa de Paula, Lucimar Luisa Ferreira e  
João Severino Filho*



Copyright © by Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa

**CAPA**

Hudson Freire Milcharek

**IMPRESSÃO**

Gráfica e Editora Sanches Ltda – Gráfica Tangará  
Todos os direitos desta edição reservados aos autores.

Impresso no Brasil – Novembro de 2019

**PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS**

Luiz Gouvêa de Paula, Eunice Dias de Paula e Adailton Alves da Silva.

**EDITOR GERAL**

Adailton Alves da Silva e Lucimar Luisa Ferreira

**REVISÃO FINAL**

Luiz Gouvêa de Paula, Eunice Dias de Paula e  
Lucimar Luisa Ferreira

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Rogério Alves Feitosa

**CONSELHO EDITORIAL**

Adailton Alves da Silva – UNEMAT

Águeda Aparecida da Cruz Borges – UFMT

André Wanpurã de Paula – SEDUC-MT

Edson Pereira Barbosa – UFMT

Elizete Beatriz Azambuja – UEG

Eunice Dias de Paula – CIMI/SEDUC-MT

João Severino Filho – UNEMAT

Judite Gonçalves de Albuquerque – UNEMAT

Heloísa Salles Gentil – UNEMAT

Lúcia Helena Alvarez Leite – UFMG

Lucimar Luisa Ferreira – UNEMAT

Luiz Gouvêa de Paula – CIMI/SEDUC-MT

Maria Aparecida Rezende – UFMT

Maria Helena Sousa da Silva Fialho – FUNAI

Maristela Sousa Torres – SEDUC-MT

**ORGANIZADORES**

*Adailton Alves da Silva, Eunice Dias de Paula,  
Luiz Gouvêa de Paula, Lucimar Luisa Ferreira e  
João Severino Filho*

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

S568h Silva, Adailton Alves da.

História da educação escolar Apyãwa / Adailton Alves da Silva– Tangará da Serra: Ideias, 2019.

208p. il. col.

15,5x23 cm

ISBN: 978-85-7057-012-3

1. Paradidático

I. Título.

CDU – 82-93

Daniel Silva Dalberto CRB/1: 2723



(65) 3326-9816

Rua Manoel Dionísio Sobrinho, 34-S

Tangará da Serra - MT

ideiaseditora@gmail.com

**Para**

***Daniel Kabixana Tapirapé  
Mareaxigi Genoveva Tapirapé  
Ronaldo Komaoro'i Tapirapé***

***(in memoriam)***



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
**CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO**

**Rodrigo Bruno Zanin**

Reitor

**Nilce Maria da Silva**

Vice-Reitora

**Alexandre Gonçalves Porto**

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

**Anderson Fernandes de Miranda**

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

**Ricardo Keichi Umetsu**

Pró-Reitor de Gestão Financeira

**Leonarda Grillo Neves**

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

**Antonia Alves Pereira**

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

**Tony Hirota Tanaka**

Pró-Reitor de Administração

**Luiz Fernando Caldeira Ribeiro**

Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação

**Fernando Selleri Silva**

Diretor de Unidade Regionalizada Político-Pedagógico e Financeiro

**Adailton Alves da Silva**

Diretor da Faculdade Indígena Intercultural

**Eder Geraldo de Oliveira**

Diretor de Unidade Regionalizada Administrativa



## **ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL TAPI'TTÃWA**

**Kamoriwa'i Elber Tapirapé**

*Cacique da aldeia Tapi'itãwa*

**Nivaldo Korira'i Tapirapé**

*Cacique da aldeia Myryxitãwa*

**Arnaldo Oxawaii Tapirapé**

*Cacique da aldeia Tapiparanytãwa*

**Xaopoko'i Tapirapé**

*Cacique da aldeia Wiriaotãwa*

**Tamakorawygi Aloisio Tapirapé**

*Cacique da aldeia Inataotãwa*

**Ararawytygi Paulo Tapirapé**

*Cacique da aldeia Towajaatãwa*

**Makapyxowa Valdemar Tapirapé**

*Cacique da aldeia Akara'ytãwa*

**Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé**

*Diretor da Escola*

**Arakae Tapirapé**

*Coordenador Pedagógica*

**Arakae Tapirapé**

*Presidente do C.D.C.E.*

**Kamaira'i Sanderson Tapirapé**

*Secretário*

**Xario'i Carlos Tapirapé**

**Reinaldo Okaraxowa Tapirapé**

**Katypyxowa Graciela Tapirapé**

**Koxamaxowoo Tapirapé**

**Koxamy'i Tapirapé**

*Apoio Administrativo Educacional*

*De longe, toda montanha é azul.*

*De perto, toda pessoa é humana.*

*Pedro Casaldáliga (1971)*



# SUMÁRIO



Lista de Siglas.....	13
Prefácio.....	15
Apresentação.....	19
 <b>1. O Povo Apyãwa .....</b>	<b>23</b>
1.1. Surgimento do Povo Apyãwa.....	23
1.2. O Contato .....	25
1.3. A saga do povo Apyãwa: percurso e luta .....	28
1.4. A Chegada das Irmãzinhas na Aldeia.....	38
 <b>2. Educação e Sociedade Apyãwa .....</b>	<b>41</b>
2.1. Educação Apyãwa.....	41
 <b>3. A Educação Escolar Entre os Apyãwa: movimento de lutas e conquistas .....</b>	<b>53</b>
3.1. Os primeiros professores não indígenas .....	53
3.2. O início da educação escolar Apyãwa .....	54
3.3. Porque os Apyãwa pediram a escola .....	57
3.4. A Luta e a Conquista da Escola Municipal na Aldeia.....	62
3.5. A municipalização da Escola Tapirapé e o Projeto Inajá I ...	65
 <b>4. Implantação da Escola da Aldeia Tapi'itãwa .....</b>	<b>69</b>
4.1. Retomada de Tapi'itãwa .....	69
4.2. A Fundação das Aldeias como estratégia de reocupação do território .....	77
4.2.1 Fundação da Aldeia Majtyritãwa.....	77
4.2.2. A Escola da Aldeia Tapi'itãwa – um instrumento de luta do processo de reocupação .....	78
4.2.3. Fundação da aldeia Akara'ytãwa .....	80
4.2.4. Fundação da Aldeia Xapi'ikeatãwa .....	82
4.2.5. Fundação da Aldeia Wiriaotãwa.....	85
4.2.6. Fundação da Aldeia Tapiparanytãwa .....	87

4.2.7. Fundação da aldeia Myryxitãwa .....	89
4.2.8. Fundação da Aldeia Inataotãwa .....	92
<b>5. Cursos de formação de docentes: caminhos de autonomia ....</b>	<b>95</b>
5.1. Projeto Inajá II .....	95
5.2. Proformação - Magistério .....	98
5.3. Projeto Aranowa'yao: Novos Pensamentos .....	100
5.4. Novo Formato do Projeto Aranowa'yao .....	114
5.5. Projeto Aranowa'yao - Magistério Intercultural.....	114
5.6. Participação dos Apyãwa no Projeto Haiyô .....	121
5.7. Curso Técnico em Agroecologia do IFMT- Confresa-MT....	123
5.8. Implantação da Educação Infantil .....	127
<b>6. Formação Continuada na Escola Apyãwa</b>	
<b>construindo caminhos.....</b>	<b>131</b>
6.1. Oficina de Produção de Texto e Leitura.....	131
6.2. Primeira Convenção da língua Apyãwa .....	132
6.3. Oficina de História do Povo Apyãwa .....	134
6.4. Terceiro Curso sobre Língua Apyãwa - Sintaxe da Língua Apyãwa .....	135
6.5. Seminário sobre criação de palavras novas na língua Apyãwa ..	137
6.6. Formação Continuada da UNEMAT/FAINDI .....	139
6.6.1. Relato do trabalho de um grupo .....	141
<b>7. Os Apyãwa e o Ensino Superior .....</b>	<b>143</b>
7.1. Primeiros Estudantes Apyãwa na Universidade .....	143
7.2. Os Apyãwa na Faculdade Indígena Intercultural – UNEMAT ..	144
7.2.1. Primeira Turma de Acadêmicos da UNEMAT.....	142
7.2.2. Segunda Turma de Acadêmicos da FAINDI/UNEMAT	145
7.2.3. Terceira Turma de Acadêmicos da FAINDI/UNEMAT	147
7.2.4. Quarta Turma de Acadêmicos da FAINDI/UNEMAT .	149
7.2.5. Quinta Turma de Licenciatura Intercultura da FAINDI/UNEMAT .....	150
7.2.6. Primeira Turma do curso de Pedagogia Intercultural da FAINDI/UNEMAT.....	151
7.2.7. Segunda Turma do Curso de Pedagogia Intercultural da FAINDI/UNEMAT .....	152

7.2.8. Curso de Especialização da FAINDI/UNEMAT .....	153
7.3. Primeiros Acadêmicos na Universidade Federal de Goiás – UFG .....	154
7.4. Curso de Especialização na Universidade Federal de Goiás - UFG.....	156
7.5. Primeiros Passos de Docentes Apyãwa no Mestrado.....	159
<b>8. Educação Escolar Apyãwa - ocupando novos espaços .....</b>	<b>165</b>
8.1. Professor Tapirapé Nota 10 - Prêmio Nova Escola .....	165
8.2. Projeto Aplauso .....	168
8.3. Prêmio Culturas Indígenas – Ministério da Cultura - MinC	170
8.4. O Concurso dos Professores Indígenas .....	172
8.5. Programa Mais Educação.....	173
8.6. Vaga do CEFAPRO Para Educação Indígena .....	174
8.7. Saberes Indígenas .....	175
8.8. Sala do Educador na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa .	177
Para não terminar e nem concluir, mas para seguirmos o caminho .	179
Glossário de palavras Apyãwa.....	183
Referências Bibliográficas .....	189
Consultores Apyãwa.....	193
Anexos .....	195
Apêndice .....	203



## LISTA DE SIGLAS



ANSA – Associação de Educação e Assistência Social Nossa Senhora da Assunção

APITAM – Associação do Povo Indígena Tapirapé Myrxytãwa

CDCE – Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar

CEEI – Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena

CEFAPRO – Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CONDISI – Conselho Distrital de Saúde Indígena

FAINDI – Faculdade Indígena Intercultural - UNEMAT

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

FAPEMAT – Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso

PPP – Projeto Político Pedagógico

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

SESAI – Secretaria de Saúde Indígena

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SPI – Serviço de Proteção aos Índios

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UMASS – Universidade de Amherst, EUA.

UnB – Universidade de Brasília

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas





## PREFÁCIO



Tive uma surpresa quando abri os originais do livro **Xanexema'eãwa Paragetã - História da Educação Escolar Apyãwa** para fazer um prefácio! Folhiei as primeiras páginas, curiosa. Fotos lindas, crianças trabalhando, mulher tecendo sob o olhar atento de crianças. Uma menininha de seus dois anos com um livro nas mãos. Um recorte de uma aldeia? Virando mais páginas, uma obra de arte em um simples cuité em forma de ovo!

Essa apresentação gráfica inicial dá o tom e faz significar tudo o que vamos ler neste precioso livro/documentário **Xanexema'eãwa Paragetã - História da Educação Escolar Apyãwa**: ele é o retrato da Educação Escolar da etnia Apyãwa, mais conhecida como Tapirapé, uma entre as outras 400 etnias de povos indígenas diferentes que vivem hoje no Brasil. Os leitores vão se surpreender: primeiro, um índice tão longo e detalhado! Qual a sequência? Temas estranhos! Mas nenhum sinal de “escola” (carteiras, mesas, quadro-negro, alunos, giz, professor na frente!)

Pois é isso mesmo! As primeiras páginas do livro trazem uma certa inquietação. É que tudo depende do olhar de quem lê, da imagem que cada leitor tem de Escola. E da imagem que tem dos Índios do Brasil, a partir da mídia, que, em sua maioria, concorda com a frase: “Índio, aquele que deve morrer”. Pois os Apyãwa, como o livro mostra, sempre acreditaram no “Índio, aquele que deve viver”. E nestes quinhentos e tantos anos de luta, de criatividade, coragem e resistência, os Tapirapé estão contando sua história num livro sobre escola! Beleza de livro!

Lendo-o, você leitor, terá a oportunidade de perceber o que significa a lógica perversa do capitalismo, que, em nome do progresso e da acumulação de dinheiro, insiste em afirmar: “Índio, aquele que deve morrer”! Os Tapirapé desmentem, com sua história, sua sabedoria, resistência e arte, essa afirmação. E depois de mais de quinhentos anos, juntamente com as outras etnias, tomam na mão essa história e, juntos, convocam para a vida.

O livro traz uma visão global da história desse povo, desde a origem, de como se deu o deslocamento do litoral para o centro do país,

fugindo da escravidão por parte dos colonizadores europeus, até a chegada ao Mato Grosso: as dificuldades, a dispersão, a formação de muitas aldeias no Urubu Branco, local adequado ao povo já bastante numeroso. Quando tudo está correndo bem, e a vida flui, vêm as doenças, vem a invasão dos índios Kayapó. Guerra. Dizimados, os Tapirapé abandonam o Urubu Branco e chegam à beira do rio Tapirapé, na confluência com o rio Araguaia. A aldeia se torna pequena para o povo que, mesmo depois de décadas, nunca esqueceu seus primeiros tempos na região do Urubu Branco. E vêm o sonho, a persistência, os planos: voltar para o local onde tinham tudo em abundância. Do sonho à realidade foi só um tempo necessário de organização e de negociações. E o retorno se dá com a força, a energia e a alegria de quem retoma seu primeiro território no Mato Grosso.

Na estratégia para explicar tantas idas e vindas, sem perder o foco da história da Educação Escolar, objeto principal do livro, os autores usam Boxes. Sempre que uma informação se faz necessária, aparece um Box, bem explicativo, ligando os tempos e os fatos históricos, o papel da Escola, os espaços e a organização da aldeia. O leitor pode se deter em cada Box que aparece ou, se preferir, seguir lendo e voltar. Assim está organizado o livro, de forma bastante interessante, como se fosse uma conversa animada, em que os assuntos vão se completando, se interrompendo, se retomando. Por exemplo, o surgimento do povo Apyãwa está explicado no Box 1. Lindo! E eu já fui lendo cada um dos dez, porque os assuntos de cada Box são autônomos. Têm sentido em si e completam informações curiosas e interessantes do tema central. Por exemplo, para entender um pouco mais profundamente como se dá a formação integral dos Tapirapé, leia o Box 4, “Espaços de Educar”, sobre o Acampamento de Caçadores. Você vai ver como se completam Comunidade e Escola: localização, distâncias, orientação. As trilhas sempre se localizando em relação à posição do sol. É o momento de aprender a geografia própria e de valorizar o modo de educar do grupo e dos anciãos.

Fotos e incríveis desenhos representam a organização espacial de uma aldeia, com destaque para a Takãra, local central de transmissão da educação tradicional Tapirapé, deixando claro que a educação escolar é uma ferramenta complementar, uma vez que o povo já possui o seu sistema próprio de educação.

Outro aspecto tratado no livro é que, para se ter educação escolar de qualidade, foi preciso o auxílio de não índios. É quando chegam as

Irmãzinhas de Jesus, o casal Luiz e Nice e seu pequeno filho André, de meses. Esse fato vem descrito numa cena comovente da adoção do casal e da criança como parte da família Tapirapé. A foto fala por si.

A escola, desde o princípio, foi compreendida como um recurso a mais para ajudar a manter as tradições e a língua Tapirapé. Por isso, nos três primeiros anos, só se trabalhou com a língua apyãwa, nada em português. O grupo já contava com assessoria da linguista Yonne Leite, que já tinha pesquisado a gramática da língua Tapirapé. E então veio a elaboração da escrita da língua, para alfabetizar na língua materna.

Numa admirável produção coletiva, o livro vai mostrando como se deu esse processo de trabalhar a alfabetização na língua materna para mantê-la viva, assim como as tradições culturais de seu próprio povo. Aos poucos, indo e vindo, o leitor, com a arte das narrativas, fotos, gráficos e desenhos, vai juntando dados dessa história tão pouco conhecida.

“O Broto que deu Flor e Fruto” me pareceu uma síntese do livro. Meu desejo, ao escrever, emocionada, este prefácio, foi pensar que muitos leitores indígenas e não indígenas poderão conhecer a construção de uma educação escolar, como os Tapirapé conseguiram fazer, no profundo respeito pelas tradições culturais próprias e no diálogo criativo com não índios. Meu desejo é que a leitura deste livro possa fazer crescer a produção de muitos outros livros de história indígena como este. Nós, que vivemos neste imenso território brasileiro, precisamos conhecer como tem se dado, nestes quinhentos anos, essa resistência sábia e corajosa dos Povos Indígenas no Brasil.

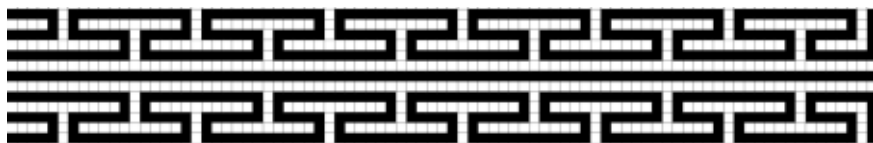
Aos Tapirapé, aos Autores e Organizadores, minha imensa gratidão!

**Judite Gonçalves de Albuquerque**





## APRESENTAÇÃO



O livro **XANEXEMA'EÃWA PARAGETÃ – História da Educação Escolar Apyãwa** é resultado do esforço dos docentes Apyãwa, da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa (T. I. Urubu Branco – Confresa - MT), no sentido de sistematizar e registrar os processos de instauração e condução da educação escolar entre o povo Apyãwa, mais conhecido como Tapirapé.<sup>1</sup>

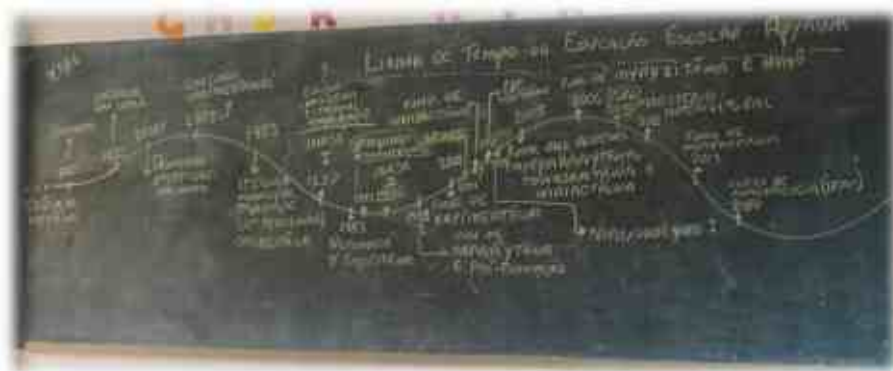
Para isso, recorreram à memória coletiva, listando acontecimentos e fatos culturais, sociais, históricos e políticos que marcaram a educação escolar do povo (Figura 1). Além disso, utilizaram relatos, depoimentos pessoais e documentos produzidos anteriormente, que abordam ou fazem referência a esse assunto.

Os textos foram produzidos por grupos de docentes, sendo que, em alguns, aparecem marcas pessoais do autor, sem, no entanto, ficar registrada essa autoria, que foi assumida por todos que participaram da produção, já que se tratou de um trabalho coletivo.

Na ocasião da produção, esses grupos de professores iniciaram a investigação a partir do levantamento coletivo dos principais acontecimentos relacionados à educação escolar Apyãwa. Nesse exercício, depois de uma longa discussão, foram elencados aproximadamente 40 fatos para serem investigados, sendo o primeiro deles o contato do povo Apyãwa com os *maira* (não indígenas). A figura 1, a seguir, sintetiza o trabalho desse primeiro momento da investigação.

---

<sup>1</sup> Tapirapé é o nome atribuído ao povo na literatura linguística e antropológica, mas, neste livro, usaremos, sempre que necessário, o termo Apyãwa, o etnônimo pelo qual eles querem ser conhecidos (PAULA, 2014).



**Figura 1:** Foto do quadro no início das atividades da Oficina Pedagógica para elaboração coletiva da linha do tempo da educação escolar Apyãwa. Registro de Adailton Alves da Silva (maio/16).

Para desenvolver cada um dos temas elencados, a turma foi dividida em oito grupos de trabalho. Cada grupo se responsabilizou pela produção de, em média, cinco textos relacionados a esses temas.

Para a investigação e a sistematização dos variados temas, foram realizadas quatro oficinas de uma semana cada (uma por semestre). Nesses encontros, cada grupo se empenhou em produzir textos, ilustrações e socialização dos resultados até então alcançados. Entre uma oficina e outra, os grupos se empenharam em realizar pesquisas com os anciãos e as anciãs, com o objetivo de obterem dados e informações seguras e confiáveis, pois muitos dos fatos que estavam sendo investigados aconteceram em épocas anteriores ao nascimento dos professores Apyãwa.

A produção/compilação de textos se deu em oficinas de formação continuada com interface à pesquisa, oferecidas através de projetos de formação continuada, proporcionados pela UNEMAT, com o apoio financeiro dos projetos de Extensão (ProExt 2015 - MEC/SESu/UNEMAT/EEIT, 2015-2019) e de Pesquisa (FAPEMAT - Edital Unival 2015).

A assessoria das oficinas foi realizada pelos professores Adailton Alves da Silva, Lucimar Luiza Ferreira e João Severino Filho, da Faculdade Intercultural Indígena da UNEMAT, Eunice Dias de Paula e Luiz Gouvêa de Paula, do Conselho Indigenista Missionário, professores aposentados da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, todos responsáveis pela organização do livro.

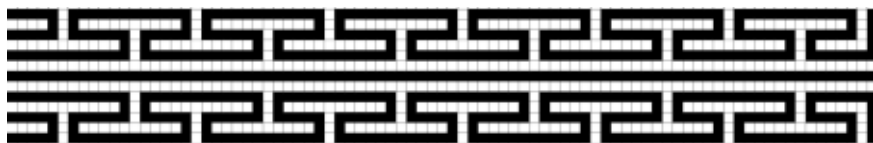
Com este livro, os professores Apyãwa e os assessores se propuseram registrar o processo de educação escolar do povo Apyãwa, instaurado dentro do contexto que se inicia a partir da década de 1970, com as lutas dos povos indígenas pelos seus direitos, de modo especial, os direitos à vida, à terra e ao modo próprio de educar seus filhos. Nesse sentido, além de destacar momentos da “linha do tempo” da educação escolar Apyãwa, o livro *Xanexema'eãwa Paragetã* faz referência aos processos próprios desse povo de educação de seus filhos e de formação de suas lideranças.

Assim, espera-se que, com *Xanexema'eãwa Paragetã*, professores e comunidades Apyãwa tenham mais uma ferramenta para manter viva sua história e incentivo para ampliar seu registro. Este livro também representa uma preciosa contribuição à história da educação escolar indígena no Brasil, revelando um olhar a partir das pessoas diretamente envolvidas no processo, os próprios Apyãwa. Três gerações estão contempladas nos textos: os pais dos atuais docentes, que solicitaram a escola, e seus filhos e filhas, que, atualmente, assumem a docência para seus netos e netas, evidenciando que a história da educação escolar entre os Apyãwa está intimamente entrelaçada com a história recente deste povo.

**Os Organizadores**



# 1. O Povo Apyãwa



## 1.1. Surgimento do Povo Apyãwa<sup>2</sup>

Segundo as narrativas históricas do povo Apyãwa, há muito tempo já existia um grupo de Apirape vivendo na terra, antes de surgir o segundo grupo da mesma família. Apirape era um grupo que vivia se preocupando em andar no mundo querendo descobrir outros grupos. Eles descobriram o segundo grupo que vivia debaixo da terra, onde ficava o pé de mandioca.

Os Apirape estavam ouvindo vozes debaixo da terra, pareciam as palavras do seu grupo. Alguém chamou a atenção para seu grupo ouvir direito as palavras que escutavam debaixo da terra. Quando ouviram direito, eles cavaram e conseguiram tirar um grupo de debaixo da terra. Acabaram de tirá-los e perguntaram quem eram. Logo responderam que eles eram o grupo de Mani'ytywera, porque havia um pé de mandioca em cima da caverna onde moravam. Os Apirape juntaram-se a eles, porque falavam a mesma língua, eram da mesma família, falavam igual e viviam juntos. Assim a história conta como surgiu o segundo grupo.

Os Apirape não paravam de andar, seguiram o caminho à procura de outro grupo. Chegaram a outro lugar, ouviram vozes em Tapirapé, do jeito que o grupo de Mani'ytywera falava debaixo da terra. Eles começaram a cavar e tiraram o terceiro grupo, que falava a mesma língua. Conversavam com eles, perguntaram quem eram. O grupo respondeu que eles eram Kawaroo, eram da mesma família.

---

<sup>2</sup> Cf. TAPIRAPÉ, Agnaldo Wariniay'i (2010), segundo versão narrada por Marcos Xako'iapari Tapirapé.



Os Apirape se reuniram novamente a esse grupo para viver com eles e aumentar a população da mesma família. Assim surgiu a terceira família do grupo. Apirape continuou à procura de outros grupos. E eles conseguiram tirar o quarto grupo. Esse grupo também vivia debaixo da terra.

Os Apirape sempre ouviam as vozes debaixo da terra. Através das palavras ouvidas, os Apirape ficavam tirando os grupos da mesma família. Esse grupo também falava igual e se juntou novamente a eles. O grupo se chamava Kawaro'i e era da mesma família do Kawaroo. Os Apirape continuaram mais ainda o seu caminho, andavam devagar para ouvir vozes de outros grupos.

As pessoas do grupo que vivia debaixo da terra também conversavam uns com os outros; por isso, os Apirape já sabiam pela conversa quem estava debaixo da terra. Eles acharam o quinto grupo da família, que falava a mesma língua. O grupo se chamava Xakare. Usamos, até hoje, esse nome no Tataopãwa quando a comunidade faz a cerimônia. O nome completo, que usamos no ritual, é Xakarepera. Esse grupo que foi achado viveu perto do buraco do jacaré. Eles também se juntaram com Apirape, pois era outro grupo da mesma família.

Os Apirape eram corajosos e andavam pelo mundo. Eles eram bons conhecedores do mundo da terra. Eles eram inteligentes, sabiam convencer outros grupos, já eram especializados em achar os grupos. Eles acharam o sexto grupo que também vivia debaixo da terra. O grupo se chamava Awajky.

Os Apirape viveram com esses grupos em cima da terra. Antes, eles moravam debaixo da terra. Algum tempo depois de acharem os Awajky, os Apirape foram achar outro grupo, que se chamava Xanetãwa, que também vivia debaixo da terra e foi tirado pelos Apirape. Esse grupo se chamava Xanetapy, que era um nome usado na cerimônia Tataopãwa, no início da festa. Hoje os Apyãwa não têm mais esse grupo.

Nessa cerimônia, as mulheres vão ao terreiro da casa dos homens levando as comidas para comerem com os representantes dos grupos que surgiram, de acordo com o nome da sua origem. Só levam as comidas no grupo delas e de seus maridos. Por exemplo: se eu sou descendente do grupo de Mani'itywera, posso comer as comidas nesse grupo representando a origem da minha família.

Se minha mãe é de outro grupo, eu posso comer junto com o grupo dela. Aí, na próxima cerimônia, vou continuar com ela e comer

junto. Mas só que, com o grupo do meu pai, eu não posso comer mais nenhuma comida, a lei da cultura não permite.

O penúltimo grupo que foi achado já tinha vivido em cima da terra. Por último, os Apirape acharam os Tawaopera, que também era um grupo de Apyãwa, e hoje nós temos esse nome usado pela nossa etnia Tapirapé. O nosso nome verdadeiro é Apyãwa. Os Tawaopera viviam no oco de uma enorme madeira, que os Tapirapé chamam *ywytyty*. Onde eles moravam havia um pé de fruta chamada *emoywã*. Com ela, os Tawaopera se alimentavam. O grupo limpava todo o lugar onde havia fruta para comer. Eles tinham muitos piolhos. Assim surgiu o piolho no mundo para os seres humanos.

Aprendi essa história com o Marcos Xako'iapari, que era grande historiador da aldeia e que faleceu há dois anos. Uma equipe do Museu Smithsonian dos Estados Unidos veio trabalhar com as lideranças da aldeia Tapi'itãwa e eu fui convidado a trabalhar com eles. Eu estava ouvindo a história contada pelo Marcos Xako'iapari. A equipe do Museu dos Estados Unidos gravou em fita cassete.

Fui transcrever essa fita em Brasília, em uma cidade que se chama Taguatinga. Por isso eu conheço essa história do surgimento do povo Apyãwa. Esses grupos que surgiram debaixo da terra se reuniram todos sob a mesma organização para a sobrevivência das famílias. Ficaram muito tempo vivendo juntos e brigavam com outros grupos diferentes. O povo Apyãwa se espalhou no mundo pra lá e pra cá.

Então, o povo Apyãwa pegou o caminho das antas. Eles perderam o caminho e se separaram dos grupos que vieram na frente. Eles vinham no caminho errado, por isso surgiu esse nome da etnia para os Apyãwa como Tapirapé. Hoje estamos com esse nome Tapirapé. Tapirapé significa caminho das antas. Assim surgiu o nome da etnia Tapirapé e somos chamados até hoje por esse nome. Assim, eu termino meu trabalho de pesquisa sobre o surgimento do nosso povo Apyãwa.

## **1.2. O Contato**

Até 1912, ainda não havia nenhum contato do povo Apyãwa com o não índio. Para ter contato com o povo Apyãwa, o Dr. Mandacaru e seu grupo fizeram várias visitas à aldeia, só que o povo Apyãwa fugia deles,

deixando suas casas sem presença, só de medo. Com isso, eles deixavam várias coisas para nossos ancestrais: machado, facão, espelho, miçanga etc. Mesmo assim, o grupo do Dr. Mandacaru não desistia, sempre insistia para contatar o povo Apyãwa. Até que chegou o ano certo do primeiro contato deles com os Apyãwa.

Com isso, no ano de 1912, foi o primeiro contato com o Dr. Mandacaru (Figura 2) e sua equipe na nossa aldeia. Por isso mesmo, a chegada deles ocorreu na Aldeia Xeke'atãwa e toda a população Apyãwa correu na direção dos brancos para ver. E eles diziam:

– Os brancos estão chegando para nós!



**Figura 2:** Mandacaru chegando pela primeira vez à Aldeia Xeke'atãwa em 1912.

Foto: Acervo das Irmãzinhas de Jesus.

De Xeke'atãwa, eles continuaram para outra aldeia, denominada Tokynookwatãwa. Daí os companheiros de Mandacaru voltaram e ficaram somente Mandacaru e sua mulher. Levaram muitas coisas para o povo Apyãwa e eles passaram muitos anos com os nossos antepassados e não distribuíam logo as coisas para o povo, deixavam escondido. Por isso mesmo, eles aprenderam muitas coisas da nossa tradição, principalmente passavam pintura no corpo e dançavam junto com os nossos antigos.

Em Ipirakwarootawera, as coisas do casal Mandacaru acabaram, e eles também, nesses anos, não tinham mais as roupas, nem rede, nem cobertor, tudo isso estava rasgado. Com isso, eles fizeram a troca de miçanga por algodão, para fazer as redes deles conforme a rede Apyãwa. Isso foi feito pelas mulheres, mas a saia e outras roupas foram confeccionadas por eles mesmos.

Em seguida, eles foram passar alguns dias na aldeia Okoytãwa e de lá eles foram embora para sua cidade de origem e foram embora com muita tristeza, chorando muito, e os nossos antigos também choravam muito. Eles deixaram a saudade para os nossos antepassados.

Em seguida, chegou o Pastor Frederico, que os nossos antigos chamavam de Padre Ho. Ele ficou alguns dias na aldeia, mas logo voltou para sua terra. Depois dele, chegaram Baldus e Galvão. Eles ficaram alguns dias na aldeia Apyãwa, registrando todos os acontecimentos dentro e fora da aldeia, no dia a dia.

Depois disso, foi a chegada do Wagley, Valentim e sua equipe na aldeia Apyãwa, trazendo muitas coisas para os nossos antigos, e eles faziam todo o registro dos acontecimentos cotidianos dentro e fora da aldeia.

Registrando também que quem vinha acompanhar esses brancos era um índio chamado Paxawari, nome de Apyãwa e Waradaru, nome de Javaé. É a mesma pessoa, pois, há muitos anos, o povo Apyãwa já se misturava com o povo Javaé. Por isso mesmo, esse nome é Paxawari/Waradaru. Paxawari casou com mulher Apyãwa, o nome da mulher dele era Atapa, e tiveram dois filhos: Amokori (nome de menino), Kamaira'i (nome de rapaz) e Xerawi (nome da menina), só que a menina não viveu, ela morreu antes de ficar moça.

Além dessas pessoas que chegaram à nossa aldeia, em 1940, outro contato com pessoas não índias dessa região do Brasil foi com um sertanejo, vindo do Pará, grande amigo do povo Apyãwa. O encontro foi na aldeia Ipirakwaritãwa. O nome dele era Lúcio da Luz. Dessa maneira, transcrevemos os primeiros contatos de não índios chegando às aldeias Apyãwa.

### 1.3. A saga do povo Apyãwa: percurso e luta<sup>3</sup>

Nós, do povo Apyãwa, do tronco linguístico Tupi, andávamos em várias regiões do norte de Mato Grosso e Pará. Íamos ao Pará chegando até onde hoje é Conceição do Araguaia. Segundo os estudos de vários antropólogos (BALDUS, 1970; WAGLEY, 1988 e TORAL, 1994 e 1996), nosso povo veio do litoral em direção ao centro do país, para fugir da escravidão imposta pelos colonizadores europeus. Isso foi uma forma de resistência. Temos, em nosso vocabulário, a palavra Paranyxigoo, que significa mar, e isso reforça essa hipótese.

De lá, nossos antepassados iam na direção sul, rumo ao Mato Grosso, vindo e voltando à procura de lugar com espaço suficiente e com fartura. Passaram no lugar que é hoje Vila Rica, que na época era uma aldeia, sem presença de nenhum “branco” morando naquela terra. A aldeia se chamava Maakotãwa, era outro grupo maior do povo Apyãwa, que se deslocou para chegar ao Urubu Branco, onde os Apyãwa encontrariam lugar melhor para habitar. Outro grupo veio em direção ao rio Araguaia até chegar à Ilha do Bananal, onde moraram por um tempo junto com os Javaé. Depois, atravessaram o Araguaia e se estabeleceram na região do Urubu Branco. A maior parte da população direcionou-se para o território mato-grossense, até chegar à região que futuramente seria conhecida como Urubu Branco, na qual habitaram por vários séculos.

Chegando àquele local, todo mundo achou bonito, porque a aldeia perto da serra ficaria bonita. Por isso, imediatamente, os mais velhos saíram para procurar na mata os lugares que tinham materiais ligados à nossa cultura, tais como: argila para fazer pote e taquari para fazer as flechas. Todas as coisas de que precisávamos havia naquele lugar.

Por isso, nós escolhemos esse lugar, Urubu Branco. Aqui, nossos avós construíram uma grande aldeia, Tapi'itãwa, que era a capital de todas as aldeias. Quando eles faziam uma festa, todas as aldeias vizinhas eram convidadas para a manifestação da alegria naquela aldeia.

Por isso, no ano de 1935, a região do Urubu Branco já era totalmente ocupada por várias aldeias: Xexotãwa, Maakotãwa, Moo'ytãwa,

---

<sup>3</sup> Cf. Josimar Xawapare'ymi Tapirapé e Nivaldo Korira'i Tapirapé. In: Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, 2009.

Tapi'itãwa, Tokynookwatãwa, Xoatãwa, Ipirakwaritãwa, Xakyrywatãwa, Tawoko, I'axoratãwa, Paranytãwa, Ami'aytãwa, Takarookywetãwa, Kanine'ytãwa, Ywaopetãwa, Ipirakwarootãwa, Okoytãwa, Xanypatãwa, Xeke'atãwa, Ykyrytãwa e outras mais. São essas aldeias que ocupavam essa região do Urubu Branco até o sul do Pará, num total de mais de 35 aldeias, somando 1500 pessoas do povo Apyãwa. Com esse total de pessoas, os nossos antepassados viviam sempre felizes, fazendo as festas, as roças, produzindo bastante alimentação para sustentar as famílias.

O modo de construir a aldeia era sempre em forma circular; no meio, havia uma grande casa, que é a Takãra, para os homens organizarem as coisas, as festas, as reuniões, os trabalhos etc. Naquela grande casa, todas as noites, os homens discutiam, debatendo os problemas de interesse da comunidade. O espaço servia também para os homens descansarem após as atividades, programarem seus afazeres e também contarem histórias durante a noite. A cerimônia para mudar o nome dos rapazes, quando acontecia a festa da iniciação, também se realizava na Takãra.

O trabalho era sempre coletivo, cada grupo tinha seu chefe para organizar o trabalho. Todos os chefes combinavam para ajudar os outros a fazer roça em mutirão. Quando o dono da roça queria pegar os produtos na sua roça, convidava as famílias todas para irem junto com ele pegar os produtos. No caminho, contava histórias para os outros, para o caminho não parecer longo.

A mesma coisa acontecia na parte da caça. Se um homem conseguia matar algum animal, como porcão, por exemplo, todas as famílias ganhavam um pedaço. O costume do povo Apyãwa desde o início vem acontecendo assim, mostrando como era a vida antigamente.

Quando os não índios entraram em contato com o nosso povo, eles foram levando as doenças na aldeia para nós. O nosso povo ia morrendo porque não estava acostumado com as doenças, então a população Apyãwa diminuiu cada vez mais nesse processo. Foi um período de muito sofrimento para o povo Apyãwa, pois centenas de pessoas morreram por causa do contato com os não índios. As doenças eram transmitidas através de presentes que os visitantes levavam. As doenças, que atualmente têm cura, transformavam-se em epidemias, contaminando toda a comunidade de uma aldeia. Quando houve os primeiros registros a respeito, o povo Apyãwa já estava muito reduzido e enfraquecido fisicamente por causa dessa situação. Nessa época, restava apenas a popu-

lação das aldeias Tapi'itãwa e Xexotãwa. Havia também interferências de alguns pajés feiticeiros no agravamento das doenças, aumentando o número de mortes. Um dos principais pajés que causou muitas mortes foi Koro'i.

No ano de 1947, houve um ataque na Aldeia Tapi'itãwa pelos Kayapó, denominados Mentuktire, causando a morte de três mulheres: Tamanaxowa, Amo'axowa e Eirowa. Foram também raptadas duas mulheres, Iparewao'i e Pawygoo, e um menino, Wakore. Depois desse acontecimento, o povo dirigiu-se para o sul do território, rumo ao rio Tapirapé, onde manteve contato com os sertanejos recém-chegados à região e também com os visitantes missionários, antropólogos, historiadores etc. Naquela época, o senhor Lúcio da Luz, que era conhecido pelos Apyãwa, esteve presente, ajudando a procurar os grupos de Apyãwa. Ele teve um papel importante na história do povo Apyãwa, uma vez que acolheu o povo nessa situação delicada, ele mesmo dando abrigo e alimentação ao grupo.

Até que, no ano de 1950, o restante da população, num total de 48 pessoas, foi reunido por representantes do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e pelos missionários dominicanos de Conceição do Araguaia na aldeia nova, Tawyao, situada na foz do rio Tapirapé, região onde há famílias nossas habitando até hoje. Essa aldeia mais tarde foi chamada de Orokotãwa. Ali, o povo Apyãwa recebeu tratamentos especiais da equipe da SPI e principalmente da equipe missionária, que veio para ficar e cuidar da saúde do povo Apyãwa. As Irmãzinhas de Jesus formaram aquela equipe, que se tornou a salvadora do povo Apyãwa.

Em outubro de 1963, um grupo de Apyãwa, que estava isolado na região de Xexotãwa, ao norte da atual Vila Rica, chegou a Lago Grande, na beira do rio Araguaia e, depois, se juntou aos que estavam vivendo em Orokotãwa. No ano de 1970, ainda chegou para essa aldeia uma família que estava separada nas matas do Urubu Branco. Era uma família que habitava a região oeste do Urubu Branco. Essa família (Figura 3) também foi transferida para Orokotãwa, a fim de somar com o restante da comunidade.





**Figura 3:** Local onde foi encontrada, em 1970, a família que estava vivendo na beira do Rio Ipirakwaroo (Gameleira), atualmente nas terras da Fazenda Luta.  
Foto: Iamaki Geniki.

Essa aldeia ficava localizada mais ou menos a trinta quilômetros da sede do município de Santa Terezinha – MT. Neste período de três décadas na região, com o renascer do Povo Apyãwa, nosso povo já conquistou seu primeiro território demarcado, a Área Indígena Tapirapé-Karajá (Figura 4), garantindo o futuro da vida do povo. Além disso, muitas conquistas positivas consolidadas aconteceram por parte da comunidade, inclusive a incorporação da educação escolar na aldeia como ferramenta complementar ao povo Apyãwa, que já possuía o seu sistema educativo próprio.





**Figura 4:** Entrega do decreto de demarcação da terra Tapirapé-Karajá em 1983.  
Foto: Luiz Gouvêa de Paula.

Quanto ao território tradicional do nosso povo, Yrywo'ywãwa (Urubu Branco), os velhos nunca se esqueciam, e, por isso, todo ano era visitado. Yrywo'ywãwa é um lugar sagrado, onde vivem muitos Espíritos e aonde o urubu rei vem beber. Nesse local, existe muita *akamaxywa* (taquara que serve para fazer flecha), existem lugares sagrados como a cachoeira do Yrywo'ywãwa, o cemitério dos nossos avôs que estavam expostos à destruição por parte dos fazendeiros. Na década de 1970, a região já estava sendo desmatada, o que preocupou mais ainda o povo Apyãwa.

Em 1993, resolvemos retomar a antiga área Urubu Branco por vários motivos: assegurar o território, proteger os cemitérios, preservar as florestas e os lugares sagrados para não serem destruídos.

Depois de nosso retorno, Tapi'itãwa foi a primeira aldeia fundada na Terra Indígena Urubu Branco, e, a partir do ano 2000, outras aldeias também foram criadas, tais como: Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Akara'ytãwa, Tapiparanytãwa e Myryxitãwa. E sempre estamos ligados, uma aldeia a outra, quase todo mês nos visitamos uns aos outros, sempre vivemos junto com as famílias. Construímos casas maiores e, nessas casas, mora a família toda. A nossa sociedade sempre vive em conjunto.

## **BOX 1 - Xario Paragetā**

*Maragetā kwaamatāta a'era mō mī iypy ramō ikwaapāra we py arakome'oakāt araxewe. A'erē xowe mī iparagetā aranogotogato 'ywyrape pe emikome'o ropi imanawo irekawo. A'era raka Korako we arakome'oakāt Xario paragetā, marygato raka'ē ipari tāwa wi.*

*Xario ro'ō raka'ē axeakygetaxī a'yao'i pe we. Iy ro'ō raka'ē Tarywajoo, towa xowe ro'ō raka'ē Koria, Noxa'i kywyrā ro'ō raka'ē. Maryn tā xe raka'ē enyra imaxemaāwa iy manō ramō.*

*Ipirakwaritāwa wi ro'ō raka'ē Xario agy iraā Dom Luiz agy, Porto Velho pe. Pe ro'ō raka'ē ipyyki aawo tatayāra, iraāwo Conceição do Araguaia katy.*

*Conceição do Araguaia pe ro'ō raka'ē ika axema'ewo Xario, a'e ro'ō raka'ē mī ka tawoho ropi wereka erekwāra gy ima'ema'eetewo maira xe'ega re.*

*Xario ro'ō raka'ē weraā ixekygetaxirē Dom Luiz. Xawaraxowa, Taywi agy ramō ro'ō raka'ē iraā, axe tanā ro'ō raka'ē a'egy naxema'ej akawo, taneme ro'ō raka'ē a'egy ixewyri 'ota tāwa gaty.*

*Xario ro'ō raka'ē axema'e akawo maira tājpe. Akapokoete ro'ō raka'ē maira tājpe axema'ewo Xario, Mytaona ne. A'era mō ro'ō raka'ē Xario wi ikaxymi Apyāwa xe'ega.*

*Axe tanā ro'ō raka'ē Dom Luiz agy ixamaatare'yimi ee akawo Frei Gil ne. Frei Gil ro'ō raka'ē Xario namagakapatāri maira tājpe. Mytaona ro'ō raka'ē amorakamatāt ranō, a'e ro'ō raka'ē, Dom Luiz namorakamatāri irekawo. A'egā ro'ō raka'ē amaxema'eakamatāt maira tājpe. A'e ro'ō raka'ē axaakāp akawo ee. A'era ro'ō raka'ē imorakāri tatayāra pe Xario.*

*A'e ro'ō raka'ē Mytaona towoho, a'eramō raka'ē Frei Gil agy imaxawerekaakamatāri panē Xario agy Mytaona ne, a'e ro'ō raka'ē Dom Luiz napatāri.*

*A'era ro'ō raka'ē ixaakāwi akawo ee, imorakamatāta axawi. A'era mō ro'ō raka'ē Dom Luiz imorakāri Xario, Mytaona wi.*

*A'e ro'ō raka'ē awyixe py aawo Xario Orokotāwa, pe py aawo Mato Verde pe, Luciara ryjme. A'e wi ro'ō raka'ē kwewi xe itori axypa Orokotājpe. Nakwaāwi py ro'ō raka'ē Xario etaagy, aywoywō ro'ō raka'ē*

*irekawo maira rexãka, maryn tã xe ro'õ raka'ẽ, ikaxymi ixowi Apyãwa xe'ega, 'ã axe'ega 'ota akawo maira xe'egimõ xe. Axe'ayp ro'õ raka'ẽ akawo maira ramõ, axyroĩ raka'ẽ akawo maira ramõ xe. A'e ro'õ raka'ẽ etaagỹ nakwaãwi Xario. Ma'e maira ro'õ ke 'ã 'ot e'i ro'õ raka'ẽ ixope etaagỹ imaina, a'e ro'õ raka'ẽ i'apyakwera xe apoenop akawo Apyãwa xe'ega.*

*A'era mõi ro'õ raka'ẽ ixekome'o maira xe'egimõ xe. Eu sou Domingo Tapirapé, e'i ro'õ raka'ẽ. A'e ramõ xe ro'õ raka'ẽ gỹ ikwaãwi, a'e ramõ ro'õ raka'ẽ gỹ iyj ikaty, pe akawo tãjpe, ipoenopa imanawo irekawo mawej'i'i xe'ega xanexe'egimõ ranõ. A'e ropi we ro'õ raka'ẽ towyra, Paxeapãra, iatywe'egi, imaxawerekaakamatãta Taparawoo ne, Awo-kãja memyra ne. A'era ro'õ raka'ẽ tyke'yra Xako'iapari - Apari, e'ie ro'õ raka'ẽ mĩ axaope akawo - ix'e'egi ixope takawyteripe. Ere ekawo ane xerexewe kapitãwa ramõ, ane 'ã erekwaãp maira xe'ega ekawo wetepe, terexe'eg erawãk maira xerexewi ekawo, axãwo ixope. A'era mõi ro'õ raka'ẽ Xario ixĩ ayro Kapitãwa axewe mana ramõ.*

*Xario waema ramõ ro'õ raka'ẽ gỹ ikawaiwi ix'e'aypãwa re. Wetepe ro'õ raka'ẽ gỹ ix'e'egi ee, axaerawewawewawo ee, ix'e'aypãwa re akwãpa.*

*Mỹ ramõ ta'ẽ Kapitãwa mõi ix'e'apipini akawo, e'i ro'õ raka'ẽ mĩ akwãpa gỹ ee axe'ega. A'egã hewi ro'õ ke i'apipinoo akawo, e'i ro'õ raka'ẽ mĩ ixope irekawo. Axe'aypãwa re ro'õ raka'ẽ mĩ Xario ixemagatyrogãto akawo, maira xawie. Amaaroni ro'õ raka'ẽ Xario irota aypyro piryga.*



**Figura 5:** Xario assumindo como cacique.  
Foto: Arquivo pessoal de Maria Rita Iparewã Tapirapé.

*A'erẽ xowe ro'õ raka'ẽ ee xe'egarera gỹ ix'e'aywi 'opa ixawie ranõ.*

*A'era mõi raka'ẽ xiero papaãwa wetepe ikwaãwi akawo, maira xe'ega ranõ.*

*A'era mõi ro'õ raka'ẽ Xako'iapari ika tataopãwa kwajtãra mõi xe, 'ã akawo Xario kapitãwa maira gỹ we xe. Maryn ro'õ raka'ẽ ix'e'egi gỹ we, pexe xixapyk xereywyre axãwo. Niwaxãj maira axe'ega xaneree axãwo gỹ we. Axema'ygapyk ro'õ raka'ẽ axee aywyraxe kwaxiaãwa re, amaixe'ekwaãwa re. Wereka ro'õ raka'ẽ mĩ apa pe 'ywyrape ikwaxiã-ta.*

*Emanyn a'era mõi Xario paragetã kome'oãwa.*

Professor Kamajrao (Xario'i Carlos Tapirapé)

## **BOX 2 - História de Xario**

*Para saber corretamente uma história antiga, primeiramente perguntamos a um sábio da aldeia, a fim de ter certeza sobre as informações. Com isso, sempre o Sr. Kaorewygi, de 80 anos de idade, se dispõe a colaborar respondendo às perguntas. Ele colaborou, contando a história de Xario, um Apyãwa que saiu pela primeira vez para a cidade.*

*Xario fez sua festa de rapaz bem novinho, com aproximadamente 12 anos de idade. A mãe dele era Tarywajoo, o pai era Koría, que era irmão de Noxa'i. Xario foi criado pela tia, Noxa'i, devido ao falecimento de sua mãe.*

*Da aldeia Ipirakwaritãwa foram levados Xario, Taywi, Xawaraxowa e Mytaona, pelo Dom Luiz, para o povoado Porto Velho e de lá eles pegaram o barco com destino a Conceição do Araguaia.*

*Xario estudava em Conceição do Araguaia e, além de estudar em Conceição do Araguaia, o padrinho dele viajava com ele para ensinar mais a língua portuguesa na cidade grande.*

*Logo depois que Xario fez a festa de rapaz, Dom Luiz o levou junto com Xawaraxowa e Taywi, mas eles dois não tinham interesse de estudar porque queriam voltar logo para a aldeia. Xario e Mytaona estiveram muito tempo na cidade para estudar, por isso foram esquecendo a língua materna.*

*Com isso, Dom Luiz e Frei Gil tiveram pequenas brigas porque Frei Gil não aceitava que o Xario e a Mytaona demorassem na cidade. Dom Luiz não queria que eles viessem para a aldeia, pois o interesse dele era mandar estudar na cidade. Devido a esse motivo, Xario veio embora de barco para a aldeia.*

*Também aconteceu desentendimento por causa de Mytaona quando ela cresceu. A equipe do Frei Gil queria fazer o casamento deles dois, mas Dom Luiz não concordou com o casamento. Devido a isso, os dois, Dom Luiz e Frei Gil, brigaram por causa deles e, então, com isso, Dom Luiz resolveu mandar embora o Xario para o seu lugar de origem, ficando a Mytaona.*

*Mas, no retorno, a viagem do Xario foi desviada para o rumo de Mato Verde, antigo nome de Luciara, em vez de ir na direção de Orokotãwa. Só na volta é que o barco encostou na aldeia e deixou ele. Mas, nenhum dos parentes de Xario o reconheceu, pois as características*

*dele eram totalmente diferentes, igual ao não índio, e já tinha esquecido a fala da sua língua materna, chegou falando só a língua portuguesa.*

*Chegou também com a diferença no corte do cabelo, com vestimenta diferente, igualzinho a branco, e, com isso, os parentes dele da aldeia não o reconheceram, dizendo que aquela pessoa era um branco. Mas, como ele ainda entendia algumas palavras na sua memória, o que o povo dele estava dizendo sobre ele e, para tirar a dúvida deles, ele mesmo esclareceu que era Apyãwa, dizendo para o seu povo na língua portuguesa: – Eu sou Domingos Tapirapé. Com essa palavra, o povo acreditou e daí todo mundo chegou para cumprimentar ele. Devido à permanência do Xario na aldeia, ele foi compreendendo, devagarzinho, sua própria língua materna durante o dia a dia.*

*Em seguida, logo, logo, o tio dele, Paxeapãra, pediu o seu casamento com Taparawoo, filha de Awokãja. Seu irmão, Xako'iapari, nessa época, falava a ele assim: Apari. Essa fala era especificamente só para os dois, usada no dia a dia ou na hora em que os homens saíam ao terreiro da Takãra, à noite.*

*Lá, ele foi indicado pelo povo para assumir o cargo de cacique, pois ele chegou com muita confiança porque aprendeu bem a língua portuguesa, com a qual ele pôde ser um verdadeiro defensor do seu povo. Por isso mesmo, ele aceitou a indicação do povo e, com isso, o Xario usou o cocar Ayro (Ver figura 5), simbolizando que iria ser verdadeiro cacique.*

*Quando o Xario chegou, as pessoas da aldeia falavam dele, que nunca viram um cacique com cabelo cortado, não existia este corte, dizia a população Apyãwa para Xario. Tanto o corte do cabelo como a vestimenta do Xario eram bem feitos, iguais aos dos não indígenas, pois usava mais roupa vermelha, que todo mundo da aldeia achava muito bonita nele.*

*Essas pessoas falavam contra o corte do cabelo dele, mas, nos anos seguintes, aquelas pessoas que falavam mal do modelo do corte de cabelo dele também usaram o mesmo modelo.*

*Naquela época, o Xako'iapari assumiu como chefe dos cerimoniais do nosso povo; agora, Xario era o cacique para receber o não índio. Daí, então, surgiu um novo pensamento dele, de promover uma reunião com seu povo, falando sobre a demarcação de uma terra especifi-*

*camente para os Apyãwa, pois ele ouvia muitas conversas dos brancos sobre os povos indígenas. O povo Apyãwa teve grande confiança nele, pelo domínio que tinha da língua portuguesa escrita e oral. Assim, a história do Xario foi finalizada e foi contada pelo senhor Kaorewygi Tapirapé.*

Professor Kamajrao (Xario'i Carlos Tapirapé)

#### 1.4. A Chegada das Irmãzinhas à Aldeia

Continuamos relatando a chegada das Irmãzinhas de Jesus à nossa aldeia. Em 1952, no dia 22 de junho, ocorreu pela primeira vez a chegada das Irmãzinhas de Jesus. Os nomes delas eram: Genoveva (Ve-va), Denise, Rosalina, Madalena e Clara (em português), Claire (em francês). A Madalena era superiora da equipe delas, Claire era enfermeira. Depois, chegaram Mayie (Mayie Batista), Elisabeth e Maria Olídia. O objetivo das Irmãzinhas era cuidar da saúde da população. Por isso mesmo, durante esses anos, sempre viviam na nossa aldeia, fazendo suas atividades particulares, aprendendo nossas artes, participando da nossa festa tradicional, rituais e respeitando nosso povo, principalmente a cultura Apyãwa.



**Figura 6:** Da esquerda para a direita: Elisabeth, Genoveva, Maria Olídia e Mayie em Tawyao. Foto: Acervo das Irmãzinhas de Jesus.



Nessa época, no final da década de 1950, a população Apyãwa subiu para aproximadamente 50 pessoas. E, mesmo que a população fosse um número pequeno, o povo Apyãwa, todos os anos, vinha visitar a área tradicional Ipirakwaritawera, que atualmente denominamos Tapi'itãwa e também Terra Indígena Urubu Branco, na qual existem muitas coisas ligadas à nossa cultura, como taquari (Figura 7) para fazer as variedades de flechas e outras matérias-primas.

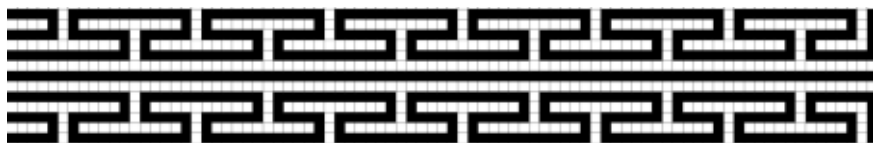


**Figura 7:** Terreiro da aldeia após uma ida à Serra do Urubu Branco, 1990  
(Foto: Luiz Gouvêa de Paula)





## 2. Educação e Sociedade Apyãwa



### 2.1. Educação Apyãwa

Primeiramente, vamos destacar alguns aspectos da Educação Apyãwa que havia desde muitos anos atrás. A educação Apyãwa já vinha acontecendo de acordo com a realidade da sua própria cultura, ou seja, os pais, tios, avós e outros parentes próximos já vinham educando seus filhos, netos e sobrinhos.

Dessa maneira, entendemos que a educação Apyãwa se inicia em casa e fora de casa, onde se ensina a organização familiar. Em seguida, passa pelo conhecimento da organização da comunidade, nas práticas culturais, nos rituais e na vida cotidiana do povo Apyãwa. Sabemos que tudo aquilo que a gente aprende com nossos pais e com nossa comunidade consideramos a educação indígena Apyãwa. Porque é daí que saímos sabendo tudo o que deve e o que não deve ser praticado, principalmente quanto ao uso das riquezas naturais do nosso território. Tudo isso aprendemos por meio da observação e das práticas. Nesse contexto, salientamos que a escola atual é simplesmente uma ferramenta de complementação. Nela se ensinam as escritas e os registros de tudo aquilo que aprendemos verbalmente e na prática com nossos sábios da Aldeia.

A educação tradicional Apyãwa, a que existia antes da escola e que sempre continuará a existir, possui toda uma pedagogia própria para a difusão de conhecimentos. Cada sociedade socializa suas crianças de maneiras diferentes.

### ***BOX 3 - Ensinaamentos Próprios Para o Cacique Apyãwa***

*Quando uma pessoa Apyãwa quer ser cacique, pode passar por um processo de aprendizagem até se formar. Por isso mesmo, desde menino, aquela pessoa que vai ser cacique é enfeitada durante o dia a dia e também recebe muitas informações e atenção dos velhos, pai ou mãe, sobre respeito das pessoas, modo de organizar as festas tradicionais e aquilo que o cacique realizará futuramente.*

*Igualmente, minha pessoa como cacique, tive um grande sonho de ser cacique, pois meu avô Kamajrao era um grande chefe. Como essa lembrança do meu avô está sempre presente em mim, através das informações de minha avó, meu desejo é ser um bom cacique, para que eu possa andar na mesma carreira de Kamajrao, bem respeitado e todos acreditando na palavra dele, principalmente, na participação dos trabalhos e em vários eventos tradicionais.*

*Eu já fiquei duas vezes como cacique, portanto, desde menino até chegar à fase adulta, tive bastante orientação sobre minha futura carreira, principalmente do cacique, como é tratado, respeitado, sobre o modo de organizar as festas e outros ensinamentos. Por isso mesmo, durante minha permanência como cacique Apyãwa, aprendi muitas coisas juntamente com os mais velhos, principalmente com meu pai e avô durante o dia a dia que não sabia anteriormente, por exemplo: modo de entoar o canto dos rituais, modo de respeitar as pessoas, o sogro, a sogra, a cunhada, o cunhado, o parente mais próximo, modo de entoar e divulgar os nomes novos das pessoas e outros mais. Por isso, até hoje, não tenho problemas com outras pessoas, porque o principal que fiz na minha vida foi cantar duas vezes um canto especial do cacique; é um sinal que esse canto traz à população Apyãwa, de grande importância, pois indica que se deve respeitar ele; não falar mal dele e nem ele pode falar mal de ninguém. Essa homenagem que o canto traz para a população geral Apyãwa, na qual eu fui acompanhado com todos os especialistas de canto, onde eles poderiam me corrigir, porém, eu já passei por isso com muita facilidade para entoar esse canto, pois é um canto difícil e todos os especialistas admiraram a minha pessoa, pois cantei esse canto corretamente. Com isso, eles me agradeceram com muito carinho e respeito e essa é uma maneira de aprovar a pessoa.*

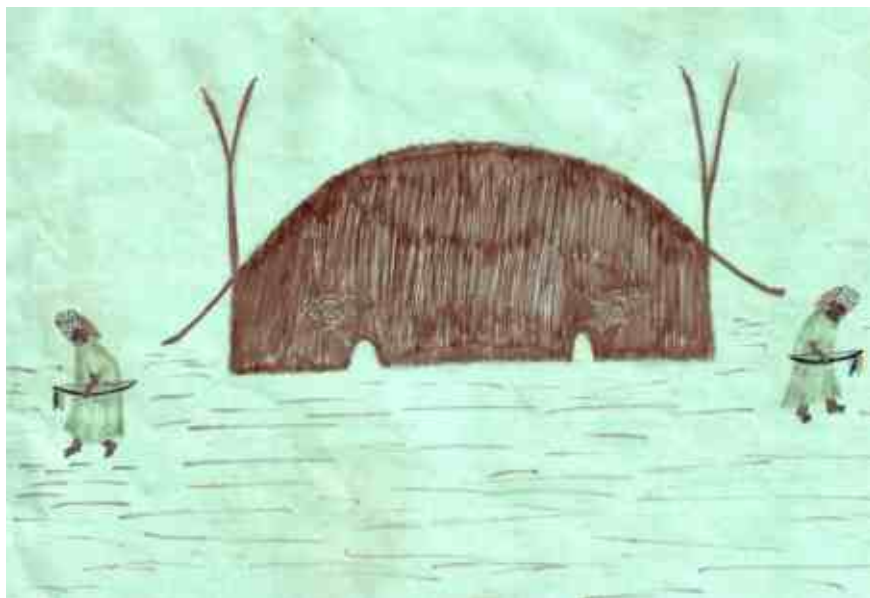
*Por isso mesmo, atualmente, ganhei esse nome famoso (Kamajrao) de herança dos conhecedores, os meus avôs Xako'iapari Tapirapé, Xawakato Tapirapé, Ataxowoo Tapirapé e meu tio Awarao Tapirapé.*

*Dessa forma, eu tive uma grande oportunidade de aprendizagem para as futuras gerações Apyãwa, juntamente com os velhos, durante minha carreira como cacique.*

Professor Kamajrao (Xario'i Carlos Tapirapé, 2010).

Para isso, nosso povo possui a Takãra, que é a casa cerimonial localizada no centro da aldeia. Nela se realizam todos os rituais festivos do povo Apyãwa. É também o espaço das decisões políticas da comunidade. No seu terreiro, se realizam, todas as noites, reuniões com os homens da comunidade. Em algumas ocasiões, são convocadas reuniões extras para se discutir algum assunto específico com a participação da maioria da comunidade. Sendo, portanto, o espaço de reflexão e decisão por excelência, é na Takãra que se vai conversar e decidir sobre qualquer assunto importante, por exemplo: a escolha dos professores, decisões sobre o calendário letivo etc.

O modo de construir a aldeia era sempre em forma circular, e, no centro, há uma grande casa, que é a Takãra (Figuras 9 e 10), para os homens organizarem as coisas, as festas, as reuniões, os trabalhos etc. Na grande casa, todas as noites, os homens discutem, debatendo os problemas surgidos no dia a dia. Também serve para os homens refrescarem seus corpos durante a noite. A cerimônia para mudar o nome dos rapazes, quando acontece a festa da iniciação, também se realiza na Takãra.



**Figura 8:** Realização do ritual Mytõ na Takãra.  
Foto: Acervo da E. I. E. Tapi'itãwa (2015).

Todas as decisões que emanam da comunidade são por muito tempo refletidas e conversadas por todos e tomadas com bom senso. Existem mecanismos para que todos participem e tenham voz sobre qualquer decisão a ser tomada. Uma decisão pode ser revogada se a comunidade achar necessário. É o processo dinâmico de conversas informais, reuniões por grupos familiares e grandes reuniões formais, onde as decisões sobre os assuntos da escola estão inseridas. Portanto, todos os Apyãwa participam, de alguma forma e em algum momento, da escola.

O menino Apyãwa muda o nome de acordo com o costume, acontecendo essa mudança durante as festas elaboradas na aldeia pela comunidade, deixando seu nome de criança, que não poderá ser pronunciado pelas pessoas da aldeia. O nome novo é escolhido pelos idosos. A noite é divulgado esse nome através de canto no terreiro da Takãra, chamando a atenção das pessoas para ouvi-lo.

Por isso mesmo, as aprendizagens dos rapazes são sempre realizadas nessa casa, a Takãra. É nela que os mais velhos os ensinavam e ensinam a fazer vários tipos de trabalhos que os homens fazem, tais como: arcos, flechas, pintura corporal, artes ou até mesmo ouvir as histórias antigas Apyãwa.

#### **BOX 4 - Takãra - Casa Cerimonial**

*A Takãra é uma casa cerimonial e tradicional do povo Apyãwa, indispensavelmente construída no centro da aldeia (Figura 10) pelos dois grupos Wyrã: Araxã e Wyraxiga. Na Takãra, sempre se encontram quatro portas, duas na direção oeste e duas na direção leste (Figura 9). As duas portas que pertencem ao grupo Araxã estão mais para a direção norte, e as outras duas portas que pertencem ao grupo Wyraxiga estão mais para a direção sul. Além dos grupos Araxã e Wyraxiga, existem os seus subgrupos. Os dois subgrupos do Araxã são Tarawe e Warakorã. Por sua vez, os subgrupos que pertencem ao Wyraxiga são Wyraxigio e Wyraonoo. De acordo com os grupos, as áreas estão divididas no interior da Takãra. Todas as pessoas que pertencem ao grupo Araxã têm direito de entrar e sair pelas portas que pertencem ao seu grupo. Do mesmo modo, as pessoas do grupo Wyraxiga também têm direito de entrar e sair somente pelas portas que pertencem ao seu grupo. Na construção da Takãra e nas outras atividades, é comum a gente ver dois grupos se dividirem. De acordo com nossa cultura, uma pessoa do grupo Araxã não pode ser o parceiro de uma pessoa do grupo Wyraxiga, nem na dança nem no trabalho.*

*A Takãra é uma casa onde estão os segredos dos homens e, devido a isso, não é permitida a entrada das mulheres. Se ocorrer a desobediência dessa regra por uma mulher, ela pode passar a ser considerada prostituta. Portanto, essa regra é respeitada até hoje pelas mulheres Apyãwa. Todos os tipos de conhecimento são adquiridos na Takãra pelos jovens Apyãwa. Pois, no interior e no pátio dessa casa, é que os sábios contam as histórias, se organizam, enfim, falam de todos os tipos de conhecimento que são próprios dos homens Apyãwa. Em algumas ocasiões, os cantos cantados pelos dois grupos são distintos, ou seja, existem determinados cantos que somente o grupo Wyraxiga pode cantar, e outros que somente o grupo Araxã pode cantar.*

*Desde os primórdios, na cultura Apyãwa, o pátio da Takãra é localizado na direção leste (Figura 9), e sempre é nesse lado que todos os tipos de rituais são realizados. Atualmente, acreditamos que a Takãra, de certa forma, é o lugar oficial onde os homens recebem a educação*

*Apyãwa, pois tudo aquilo que são bens do nosso povo se aprende dentro dessa casa.*

Professores: Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé, Klebson Awararawoo'i Tapirapé e Samuel Oparaxowa Tapirapé.

A Takãra é uma escola para os homens. Enquanto isso, as mulheres ensinavam e ensinam às suas filhas em suas próprias casas. Elas ensinam tudo aquilo que as mulheres fazem: como se faz *kawĩ*, *tamakorã*, as pinturas corporais e até mesmo como cuidar do bebê. Tudo isso vinha e vem da aprendizagem com as mulheres. Mas a Takãra não é um lugar de aprendizagem só para o sexo masculino, também serve para as meninas, por exemplo: aprender a entoar o *Ka'ó* e participar das outras festas que pertencem às mulheres Apyãwa.

A menina, durante a primeira menstruação, passa um longo tempo dentro da casa, tomando *kawĩ* de arroz ou milho, sem comer qualquer outro alimento. Enquanto isso, a mãe e a avó vão preparando os instrumentos para enfeitar a saída da menina, fora da casa, como moça. À noite, da mesma forma que no caso do rapazinho, o nome novo da moça é divulgado através de um canto e recebido junto com seus familiares. Esse nome também é escolhido pelos mais velhos. Ao contrário do rapazinho, o nome de criança da moça poderá ser pronunciado pelos homens, de acordo com o nosso verdadeiro costume.

### ***BOX 5 - Educação Adequada para as Meninas Aprenderem***

*Desde a época dos nossos antepassados até atualmente, a educação das meninas Apyãwa é sempre mantida e recebida na sua própria casa pelos pais, avôs, avós e pelos parentes mais próximos, isso é de suma importância para as meninas Apyãwa. Essa regra é respeitada e valorizada.*

*A educação da menina Apyãwa geralmente é repassada pelos pais, avôs e avós, de forma que a cultura e a tradição permanecem desde muitos anos atrás, como, por exemplo, respeitar as pessoas: cunhado, cunhada, irmãos, irmãs, tias, tios, sogro, sogra etc.*

*Também as meninas são educadas nos trabalhos que elas prati-*

cam, como: fazer cauim, fazer variedade dos adornos (tamakorã), as pinturas corporais, cozinhar peixinho, fazer farinha, tecelagem, trabalho de cerâmica, fazer as pequenas redes, brincar de boneca de cera ou barro e outros.

*Essa educação toda é repassada para elas e é totalmente respeitada, cumprida, acreditada e valorizada, atendendo a todas as demandas da nossa educação tradicional, para que, futuramente, a educação Apyãwa continue viva, fortemente, para que a nova geração feminina continue sendo valorizada.*

*Tudo isso, sem dúvida nenhuma, constitui a educação feminina Apyãwa, realmente considerada como pertencente à cultura do nosso povo Apyãwa.*

Professora Koxamare'i (Makato Tapirapé, 2012, p. 50).

Por isso mesmo, a Takãra é muito importante para o nosso povo Apyãwa. Ela é a grande casa cerimonial construída do modo tradicional no centro da aldeia Apyãwa.

### **BOX 6 - Gỹ, Takãra**

*Kwewiwe raka'ẽ mĩ gỹ iapa akawo Takãra, mĩ marymaryn akaãwa ramõ. Takãra raka'ẽ 'ỹj tarywa apaãwa ramõ, xe'exegãwa ramõ, mĩ ataaramõ aapatãta.*

*A'e Takãra pe raka'ẽ mĩ gỹ iapa xyre'i'i agỹ.*

*A'e ramõ Takãra aoxekato arereka we.*

*Axe tanã raka'ẽ mĩ kwewiwe koxyweragỹ nakej takãripe, koxymene'yma wi akyyxewo.*

*A'e ramõ gỹ we aoxekãto kwewiwe arereka.*

*Takãripe raka'ẽ mĩ ikeri xyre'i'i, awa'yão'i, mary'i äty ma'ee'yma.*

*'Ỹ wãripe tanã xyre'i'i, awa'yaweragỹ nakeri karẽ takãripe, awyra ropi xe mĩ ikeri akwãpa.*

*Takãripe raka'ẽ mĩ xyre'i'i, awa'yaweragỹ ikeri, konomiweragỹ we*



*imamaxywo Takāra. 'Ỹ tanā nakeri, a'e ramō mĩ konomiweragỹ imogoj imaina Takāra.*

*A'e ramō mĩ arewaxã konomiweragỹ ima'eāragỹ ramō aramagetã xerexekaxekare. Arama'e mĩ tarywa re ikwaãpa ma'e'āra re iapaãwa.*

*A'e ramō konomiwera, kotataiweragỹ ikwaãwi akwãpa marymaryn kaãwa.*

*Tarywaapapatãta py mĩ gỹ ixexegi Takāripe axaopeope, a'erẽ xowe mĩ watyagỹ we ikome'ome'o iraãwo awyra ropi.*

*Maryn 'ã araxekaxeka 'awe arawerekakato we.*

*Takāripe raka'ẽ mĩ kwewiwe gỹ iapa o'ywa ataaramō aapatãta.*

*A'e ramō mĩ 'ỹ gỹ iapa o'ywa takāripe ranō, mĩ te'omaomara.*

*A'e ramō gỹ ia akawo araxekaxekawo we.*

Professor Júlio César Tawy'i Tapirapé (2009).

*Agora, a educação para as pessoas do sexo masculino existe em três ambientes. Iniciando pela casa onde é ensinado a respeito da cultura, da caça para os alimentos, da pescaria para sustentar a família, a língua usada pelos homens para se comunicarem entre eles, a confecção de artesanato para usar no ritual e o respeito ao trabalho da roça que é ensinado, mostrando como o povo Apyãwa usa o espaço para plantar os alimentos. Tudo isso é ensinado no dia a dia para os meninos, porque é muito importante para nós como Apyãwa.*

*O outro ambiente para educar os rapazes é a Takāra (casa dos homens). Takāra, para o povo Apyãwa, é uma faculdade, porque dentro da Takāra já vêm planejadas as ações educativas que são ensinadas pelos anciões que conhecem todas as atividades masculinas: confecção de orokorowa para usar no ritual de Awara'i (máscara para o ritual de Awara'i), artesanatos masculinos para usar como enfeite no ritual, os alimentos necessários para ser consumido pelos homens ficarem sempre se fortalecendo, as músicas para usar no ritual e ficar conhecendo os ritmos, as histórias que são ensinadas para aprender como acontece com o povo Apyãwa, os mitos que também são ensina-*

*dos para fortalecer os conhecimentos sobre as matérias-primas que são importantes para conhecer de onde são retiradas, como são usadas nas festas tradicionais, a organização dos grupos como Wyraxiga e Araxã, pois é importante conhecer o seu grupo para a participação na festa e na caçada, a cultura para ser viva e usada no dia a dia e a língua materna falada pelos homens na comunicação entre eles. Todos esses conhecimentos dos anciões são obrigatórios e são ensinados para os rapazes e para os meninos. Porque é muito importante fortalecer a nossa educação dentro da Takãra para valorizar esses saberes dos anciões que sempre foram adquiridos pelo povo Apyãwa.*

*Além desses ambientes, existe outro espaço, que é o acampamento, onde os grupos de caçadores vão caçar os animais para os alimentos dos rituais. No acampamento, existe também a educação do grupo para os rapazes terem os conhecimentos dos animais que são perigosos, que podem atacar as pessoas. É preciso também conhecer as trilhas, onde eles vão caçar os animais, para que possam retornar pelo mesmo caminho, sabendo a posição do sol, onde nasce e onde se põe, para localizar o acampamento. É importante também aprender o tamanho do jirau para armazenar os animais que foram caçados, como o porcão e o caititu. Essa é uma educação que vem acontecendo desde antigamente para os rapazes, para eles conhecerem todos os processos que acontecem nas caçadas. Tudo isso é praticado pelo povo Apyãwa para fortalecer esse espaço de educar, para conhecer a geografia própria e valorizar o modo de educar do grupo e dos anciões.*

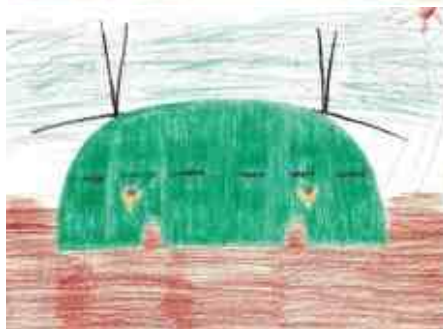
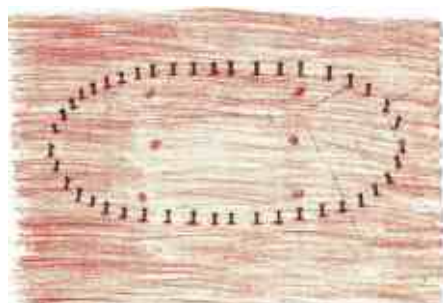
Professor Júlio César Tawy'i Tapirapé (2012)

Desde antigamente, o povo Apyãwa tem a tradição oral. Assim é que nós aprendemos no sistema da nossa educação própria, como a organização do nosso povo Apyãwa, por exemplo, é formada por dois grupos: Araxã e Wyraxiga.

O grupo Araxã é subdividido em dois subgrupos: Araxã e Warakorã. O grupo Wyraxiga também é subdividido em dois subgrupos: Wyraxiga e Wyraxigio. Essa organização social é o eixo principal do nosso povo Apyãwa que até hoje valorizamos.



**Figura 9:** a) *Takãra*, lado leste (pátio cerimonial) b) *Takãra*, lado oeste (pátio doméstico). Foto: Adailton Alves da Silva (2015).



**Figura 10** – Principais fases de construção e uso da Takãra.  
Desenho: Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé (2015).

## **BOX 7- A Formação Tradicional de uma Liderança Apyãwa**

*Na história do povo Apyãwa, quando uma família decide que o seu filho um dia quer ocupar o cargo de líder, o primeiro passo a seguir é a apresentação dele ao público da sua comunidade. O mesmo acontece no verão, no final do ritual chamado Kawiypyparakãwa, quando todas as comunidades das aldeias se juntam para participar da festa.*

*A bebida denominada Kawio (cauim grande) é preparada pela mulher pertencente à metade Wyraxiga. Wyraxiga e Araxã são dois grandes grupos de rituais dos homens Apyãwa. A bebida é preparada numa panela bem grande cheia de água misturada com grão de milho torrado.*

*Sete dias depois da preparação, a bebida é distribuída pelo ex-cacique da comunidade para as novas lideranças conhecidas e também para as crianças que estão em processo de preparação. A pessoa que realiza o ritual vai cantando na madrugada de casa em casa onde se encontra algum líder. Ele para só em casa de líderes. Aí o líder sai da casa para receber o cauim e o público que participa do ritual. A liderança madura lava a boca com o cauim e a criança apenas mergulha a mão na bebida. A última norma serve somente para criança de 0 a 3 anos de idade. Assim funciona a regra do kawio. As pessoas que acompanham o ritual de kawio participam, mas elas bebem de verdade para ganhar algumas coisas, tais como objetos de valor. A bebida tem cheiro ruim e, por isso, a pessoa é recompensada pelo próprio líder ou pelas famílias mais próximas.*

*Desde que o menino é reconhecido por todos, recebe uma atenção especial dos membros de sua família, principalmente dos avós paternos e maternos. Os objetos de uso pessoal ou confeccionados para ele são guardados carinhosamente em um espaço seguro. Alguns objetos de uso especial do menino são: Myxo'ỹ e Ayro. Só ele pode usar esse material. Outros enfeites podem ser utilizados por qualquer menino das aldeias.*

*O tratamento desse menino é diferente, nunca se deve tratá-lo mal, não se pode bater nele, não se deve xingar ele em público pelos membros da comunidade e, principalmente, pela família.*

*Os objetos mencionados como Myxo'ỹ são utilizados pelo menino desde criança até a fase de adolescência, enquanto que Ayro pode*

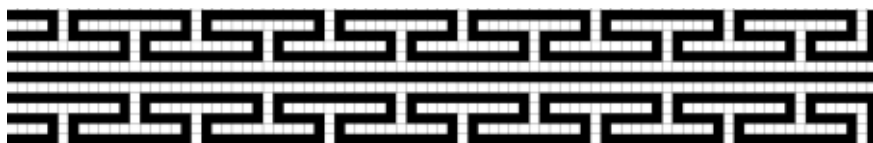
*ser utilizado nas fases de adolescência e adulta. Esses materiais são utilizados nas festas de Marakayja, Marakaxawãja e Kawiypyparakã-wa.*

*Antigamente, os Apyãwa, para repassar o conhecimento educativo tradicional, reuniam as crianças e jovens. Nessa junção de crianças e jovens, eram repassadas as histórias dos antepassados e histórias da natureza. Eram ensinadas também danças, músicas, toda a cultura; eram ensinadas no dia a dia na casa de moradia, nos trabalhos diários, durante a caçada, pescaria, entre outros. Existia a mulher mais idosa e experiente para ensinar só as meninas. O homem ensinava só os meninos também. Todos conseguem aprender, mas em ritmo diferente. Para aprender as coisas, ou seja, função do homem, isso era ensinado pelos pais ou pelos avôs. Eles são responsáveis por levar o menino para pescar, caçar e utilizar arco e flecha. A menina aprende suas funções e deveres através da mãe, da avó ou de pessoa mais velha. Dentro da escola, são adaptadas as atividades realizadas na comunidade, chamadas de educação indígena, aquelas que são repassadas de pai para filho.*

*Assim, então, acontecia a formação tradicional das crianças e jovens Apyãwa. Principalmente, existe até hoje uma educação específica na formação tradicional do líder Apyãwa, aquele que é chamado de cacique.*

Professor Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé, 2009).

### 3. A Educação Escolar Entre os Apyãwa: movimento de lutas e conquistas



#### 3.1. Os primeiros professores não indígenas

Segundo a história contada pelo meu pai Xywapare'i Tapirapé, a primeira professora que ele viu chegar à aldeia Apyãwa foi a Wanda, em 1968. Ela chegou à aldeia Itawawytãwa. Depois da Wanda, veio a professora Hosana. Ela também veio à aldeia Itawawytãwa para ensinar o meu povo Apyãwa a ler e a escrever.



**Figura 11:** De pé: Elizabeth, Genoveva, Luiz (com André nos braços), Eunice e Mayie Batista. Agachados: M. Olídia e o Bispo Dom Pedro Casaldáliga.  
Foto: Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Depois vieram Teny e Kato'ywa, em 1973 (Figura 11), não só para ensinar a ler e a escrever mas para aprender e conviver com o meu povo Apyãwa. Hoje, até nós os consideramos parte da nossa família. Depois de Teny e Kato'ywa, veio Moura, também para dar aula na aldeia Itawawytãwa. Dirceu, Elaine, José Ribeiro (Zezinho), Cristina, Maria, Luzia, Paula Vanucci, Éden Magalhães e Solange também foram professores nessa aldeia.

À aldeia Majtyri vieram outras pessoas para dar aula: Cidinha (Maria Aparecida Rezende), Regina Rodrigues, Maristela, Maria Gorete, Maria Antônia e Walkíria. Maria Antônia pesquisou mais junto com o meu povo Apyãwa sobre a vitória-régia, *axygexa'eryna*.

Para a aldeia Xapi'ikeatãwa veio Valdir. Ele também veio para dar aula. Ele gostava de ser chamado de Kamori'i. Também vieram Gilberto e Lala para dar aula na aldeia Tapi'itãwa. Walkíria e Yonne, através do trabalho, foram conhecidas como pesquisadoras da língua. Elas trabalharam mais sobre nossa língua materna escrevendo, por isso nosso povo Apyãwa viu e achou que elas foram as protetoras da nossa língua materna.

À aldeia Tapi'itãwa também chegou uma professora chamada Maria Gorete. Veio para dar aula para o nosso povo Apyãwa. Assim, o pai de Marape'i, Xywapare'i, contou a história dos primeiros professores não indígenas que chegaram às nossas aldeias.

### **3.2. O início da educação escolar entre os Apyãwa**

Continuando a investigação sobre a educação escolar do povo Apyãwa, relatamos, neste momento, que pesquisamos com o Sr. Kaorewygi Tapirapé, de 83 anos de idade, explicando a ele a importância da pesquisa sobre a primeira chegada dos professores não índios à aldeia Orokotãwa. E ele então concordou em colaborar com nosso grupo.

Com a realização deste trabalho, pegamos todas as informações importantes, a cada passo, desde a chegada do primeiro professor, que ocorreu no ano de 1968:

1º— Chegada da professora Wanda à aldeia Orokotãwa, através da FUNAI;



2º Chegada dos professores Mike, Hosana e Maximino, que vieram convidados pelo Padre Francisco Jentel. O professor Mike era inglês e ensinava somente na língua inglesa. Por isso mesmo, os mais velhos sabiam algumas palavras em inglês e, até hoje, os anciãos Korako e Warini sabem algumas palavras e cantos. Todos esses professores que passaram pela nossa comunidade não se acostumavam a morar na aldeia, que era totalmente diferente da cidade.

Foi nessa mesma época (1970), que os professores Luiz Gouvêa de Paula e Eunice Dias de Paula chegaram à nossa aldeia somente para fazer uma breve visita.

Na década de 70 do século passado, os Apyãwa queriam uma escola para poder aprender a língua portuguesa com o objetivo de entender o que estava escrito nos documentos e poder lutar pelos seus direitos com mais segurança. E solicitaram, então, às Irmãzinhas de Jesus, que levaram esse pedido a Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia na época.

### ***BOX 8 - Fala de Koreme na 10ª Assembleia de Chefes Indígenas***



**Figura 12:** Fala de Koreme (Awaetekato'i José Miguel Tapirapé) na 10ª Assembleia de Chefes Indígenas. Foto: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus (1977).

*Em 1977, aconteceu na Aldeia Orokotãwa a 10ª Assembleia de Chefes Indígenas. Foi uma grande reunião de lideranças indígenas, da*



*qual participaram representantes dos povos Nambikwara, Paresi, Irantxe, Kaiabi, Apiaká, Xavante, Bororo e o cacique Xangrê, do povo Kaingang. Nessa reunião, Koreme falou a respeito dos problemas de terra que os Apyãwa estavam enfrentando:*

*“Então, os Tapirapé estão contentes que vocês chegaram aqui na região do Tapirapé. Estão gostando. Porque aqui está precisando de conhecer os outros. E também aqui está havendo problemas de terra. Já tem muitos anos que nós estamos pelejando para demarcar a área nossa. Mas até agora nunca conseguiu ainda para demarcar. E a Funai fala que vai demarcar, e a gente fica contente, né? Depois, ela fala que vai passar um tempo, a gente fica esperando e cadê? Nunca vem demarcar essa área nossa. E esta fazenda Tapiraguaia cada vez está aumentando, puxando para cá. E então nós estamos pensando assim também, que o governo está lá quietinho. Ele fica só comendo e deitando. Ele não sabe onde é que os índios estão morando, ele manda, mas ele não está andando, só fica mesmo é no meio da cidade. Ele manda pra lá e não sabe onde é que o índio está. Isso ele podia pensar, porque o índio anda muito na mata e conhece tudo, então ele é quem sabe. Mas ele, o governo, só manda o pessoal dele, funcionário dele. Aqui a área nossa é muito pouca, muito pouca mesmo, e aqui tem dois fazendeiros que cada vez está tirando mais a área nossa. Nós estamos pelejando para pegar essa área, mas não sei se vamos pegar. Se não tiver a força, vamos perder. E tem duas aldeias, dos Karajá e dos Tapirapé, e essa área aí tem que ser muito grande, porque daqui uns dias, daqui uns vinte anos vai aumentar mais, e aí tem que fazer uma aldeia pra ali, aí fora, até agora estamos querendo fazer outra ali na roça, mas quando essa área ficar muito pequena, não vai dar pra ninguém, não vai dar nada. Então, nós estamos pensando assim: agora nós mesmos, os índios mesmo, vamos demarcar a terra, agora nós não vamos esperar ninguém. O que nós precisamos, vamos tirar, onde nós estamos querendo, nós não vamos esperar ninguém agora. Porque há quantos anos que nós estamos esperando para demarcar a terra. E quando eu era pequeno, estava com cinco anos, estava começando: “Diz que vai demarcar a terra”, e nunca demarcaram a terra para nós. Até agora, eu estou com 26 anos, até agora, nunca! Eu já fui quatro vezes lá em Brasília para ver se vai demarcar. Aí eles marcam o dia para nós: “Olha, você fica esperando lá, dia 20 de junho, de agosto, vai ficar pronto”. Nós ficamos aqui esperando e cadê? Nunca... Então, agora, nós mesmos é que vamos tirar a área nossa!”*

### 3.3. Por que os Apyãwa pediram a escola

A partir de muitas lutas contra os fazendeiros para a demarcação do território indígena Tapirapé/Karajá, um novo desafio foi pensado pela comunidade, a criação de uma escola na Aldeia, onde nosso povo poderia aprender a ler e escrever. Essa decisão tomada pela comunidade foi motivada pela dificuldade que as lideranças sentiam de dialogar com governantes. Ou seja, para as lideranças contradizerem os interesses dos governantes sobre a questão fundiária.

Nessa região, no período de três décadas, com o renascer do Povo Apyãwa, nosso povo conquistou seu primeiro território demarcado, a “Área Indígena Tapirapé-Karajá” (Figura 4), garantindo o futuro do nosso povo. Nesse período, ocorreram muitas conquistas positivas, inclusive a incorporação da educação escolar na aldeia como ferramenta complementar ao nosso povo, que já possuía o seu sistema educativo próprio.

Dessa forma, veio o casal Luiz e Eunice – com seu filho pequeno, André – para trabalhar na escola. Inicialmente, foram alfabetizados os jovens e adultos Apyãwa que tinham um pouco de conhecimento da língua portuguesa.

Durante um tempo, foram feitos estudos da língua pela Eunice e pelo Luiz, junto com a Irmãzinha Mayie, para preparar o material de alfabetização. A linguista Yonne Leite já tinha pesquisado a gramática da nossa língua. Assim, foi elaborada uma escrita para a língua Apyãwa, que nós chamamos de *Apyãwa xe'ega*, com o objetivo de alfabetizar as crianças na língua materna. Essa decisão foi muito importante para manter a língua Apyãwa viva e manter as tradições do nosso povo.

Nesse tempo, eu, Kamajrao, e meu irmão de criação André Waporã (Figura 13), que minha família adotou, estudamos na escola Apyãwa, aprendendo tanto a língua portuguesa como Apyãwa. Em nosso povo, não podem existir pessoas sem família, e assim meus avós adotaram os pais do André e o filho deles que, naquela época, se chamava Waporã e agora se chama Awaetekato'i.



**Figura 13:** Início da minha aprendizagem da língua portuguesa com meu irmão Awaetekato'i. Foto: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus (1974).

A escola, para nós, tem o significado da vida cotidiana, além da sala de aula. Nesse sentido, a escola Apyãwa foi muito importante para o nosso povo entender o mundo do *maira* (não indígena) e fortalecer o nosso modo de viver também. A escola é um espaço que garante a manutenção das nossas tradições e da nossa língua, para nós não perdermos nossa identidade como povo indígena.

O ano de instalação da Escola Tapirapé foi 1973. O primeiro nome que a Escola recebeu foi “Escola Tapirapé”. Em 1983, através do Decreto nº 003, de 07 de fevereiro de 1983, foi criada a “Escola Municipal Indígena Tapirapé e Karajá”. Em 1988, quando foi estadualizada, ela recebeu o nome de Escola Estadual de 1º Grau Indígena “Tapirapé”.

De 1973 até 1988, quem mantinha a Escola era a Prelazia de São Félix do Araguaia e depois ficou sendo o Estado de Mato Grosso.

A Escola foi instalada primeiramente numa Igreja antiga (Figura 14) que havia na aldeia. Só em 1994, o Estado construiu um prédio próprio para a escola na aldeia Majtyri. O primeiro prédio da Igreja ficava situado na aldeia Orokotãwa mesmo.



**Figura 14:** A primeira Escola Apyãwa. Início dos estudos numa antiga Igreja.  
Foto: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus (1974).

O prédio do Estado foi construído ao lado da Aldeia Majtyri, pois o povo já havia mudado o lugar da Aldeia. Então, a Escola começou a ficar mais organizada. No início, em Orokotãwa, eram três turmas que estudavam: uma turma de homens, uma turma de mulheres (Figura 15) e uma turma de jovens.



**Figura 15:** Primeiras alunas Apyãwa na Aldeia Orokotãwa. Maxãja, Taparawoo, Tajpa com Kararawore, Iparewã e Tage'ymi na aula das mulheres.  
Foto: Antonio Carlos Moura (1975).

A primeira alfabetização do nosso povo foi na língua Apyãwa. O material didático utilizado foi uma coleção de eslaides, com fotos e palavras em Apyãwa, trazendo temas da nossa realidade como *Tãwa* (aldeia), *Takãra* (casa cerimonial) e *Ka* (roça). Os professores não sabiam nossa língua, então os alunos discutiam o tema da aula em Apyãwa e depois explicavam em português. A produção de texto era feita em *Apyãwa xe'ega*. Através dos temas eram estudadas todas as disciplinas. Depois de três anos, aproximadamente, começaram a leitura e escrita em português.

O André chegou à aldeia ainda recém-nascido, aproximadamente com dois meses de idade e logo recebeu o nome de Waporã, através de Xako'iapari. Durante os meses iniciais que passaram na aldeia, seus pais realizavam somente a observação, principalmente na convivência com o povo, com respeito, e eles não tinham nenhum conhecimento da cultura. Por isso mesmo, o casal participava de todos os eventos tradicionais do povo Apyãwa, como dos nossos momentos festivos, dos rituais, dos cerimoniais, dos trabalhos, das danças, das pescarias, das caçadas etc.

Depois que eles foram compreendendo a realidade da convivência e da cultura Apyãwa, começaram a pensar em como ensinar nossos pais e nossas mães na escola (Figura 15). Depois que eles chegaram à aldeia, surgiu a ideia do povo Apyãwa de implantar uma escola diferenciada, para que facilitasse mais o ensino para nossa comunidade. Isso foi o interesse da nossa comunidade e foi pedido ao Conselho Indigenista Missionário – CIMI e à Prelazia de São Félix do Araguaia. Por isso mesmo, o Bispo D. Pedro Casaldáliga entrou em contato com Luiz e Eunice para que trabalhassem na nossa aldeia. A partir daí é que surgiu nossa linguagem escrita.

O calendário da Escola, nesse tempo, não tinha dia marcado, todo dia havia aula, só parava nas festas, nas pescarias, nos trabalhos coletivos da roça ou nas caçadas. Na opinião das pessoas que entrevistamos, o funcionamento da Escola era muito bom. Os professores respeitavam os alunos na sala de aula.

No ano de 1975, houve uma experiência com duas professoras indígenas, que eram Maria Rita Iparewã Tapirapé e Tarywajoo Rosilda Tapirapé. Durante as aulas realizadas, elas sempre iam acompanhar a professora Eunice, e elas duas foram alunas inteligentes que sabiam fazer a leitura na língua portuguesa, na língua materna e sabiam resol-

ver as continhas na parte da matemática. Com isso, elas tiveram confiança de ensinar as crianças e daí elas se separaram da professora Eunice. Os alunos delas eram: Oparaxowi (falecido), Orokomy'i, Komaoro'i (falecido), Mytygoo'i, Ware'i, Ataxowytyga, Mareakãwa, Xe'akawyga, Arawykato'i e outros que elas não se lembram. Mas houve um problema de saúde com os filhos, então elas pararam de lecionar. Também aconteceu um problema com a FUNAI, que queria transferir as professoras para outra aldeia, ou seja, queria que elas participassem de um Curso de Formação promovido pela FUNAI juntamente com os Karajá. Com isso, elas desistiram, pois, naquela época, as mulheres não costumavam andar com os Karajá. Assim, a professora Maria Rita Iparewã desistiu.



**Figura 16:** Escola Tapirapé. Aulas para as crianças com a professora Tarywajoo e a Irmãzinha Mayie (1975). Foto: Acervo das Irmãzinhas de Jesus.

Em 1983, tivemos os primeiros professores Apyãwa da escola: Alberto Orokomy'i Tapirapé, Kamoriwa'i Elber Tapirapé e Ronaldo Komaoro'i Tapirapé (falecido).

Não podemos deixar de registrar também que, quando a escola foi estadualizada pela primeira vez, quem assumiu o cargo de diretor foi Eunice Dias de Paula, porque ela apresentava condições de assumir esse cargo, já que tinha escolaridade suficiente. Enquanto isso, o professor Kamoriwa'i Elber Tapirapé estava estagiando com ela durante dois



anos, a fim de conhecer melhor o trabalho da direção. A seguir, podemos conferir o quadro dos diretores.

**Quadro 01:** Diretores da Escola Estadual Indígena Tapirapé e da Escola Indígena Estadual Tapi'itáwa.

ORD.	NOME COMPLETO	ANOS	Aldeia
01	Eunice Dias de Paula	1990/1991	~Orokotawa
02	~Kamoriwa'i Elber Tapirape	1992/1993/1994	~Orokotawa
03	~Ronaldo Komaoro'i Tapirape	1995/1996	~Orokotawa
04	Kaorewygi Reginaldo Tapirape	1997/1998	~Orokotawa
05	~Nivaldo Korira'i Tapirape	1999/2000	~Orokotawa
06	~Josimar Xawapare'ymi Tapirape	2001/2002	~Tapi'itawa
07	~Julio Cesar Tawy'i Tapirape	2003/2004	~Tapi'itawa
08	~Xaopoko'i Tapirape	2005/2006	~Tapi'itawa
09	~Koxamare'i Tapirape	2007/2008	~Tapi'itawa
10	~Nivaldo Korira'i Tapirape	2009/2010/2011	~Tapi'itawa
11	~Kamoriwa'i Elber Tapirape	2012/2013	~Tapi'itawa
12	~Koxawiri Tapirape	2014/2015	~Tapi'itawa
13	~Gilson Ipaxi'awyga Tapirape	2016/2017	~Tapi'itawa
14	Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé	2018/2019	~Tapi'itawa

Fonte: Arquivo da Escola Indígena Estadual Tapi'itáwa, 2018.

Com a mudança da maior parte da população Apyãwa para a Terra Indígena Urubu Branco, em 2002, foi criada uma nova escola, com o nome de Escola Indígena Estadual Tapi'itáwa.

Com essa experiência, desde o ano de 1992 ocorreu somente Apyãwa atuando como diretor (cf. Quadro 01), o que era um grande desafio e conquista do nosso povo assumir este cargo. Dessa forma, nosso grupo relatou a trajetória de cada pessoa que passou pela nossa aldeia e dos primeiros professores que atuaram com o povo Apyãwa.

### 3.4. A Luta e a Conquista da Escola Municipal na Aldeia

Para o povo Apyãwa, não foi fácil se adaptar à região da foz do Rio Tapirapé com o Rio Araguaia, quando chegou a esse local no início da década de 1950. Isso aconteceu devido ao fato de a maior parte da região ser varjão e alagada no período de inverno (época da cheia). Exi-

gia habilidade de remar a canoa, pegar peixe de anzol e flechar peixe na superfície do rio ou do lago. A condição local não favorecia muito a manutenção da nossa cultura.

Depois de muitos anos de enfrentamento e de grandes obstáculos, pouco a pouco, foram superando as dificuldades. Nosso povo, mais conhecido como agricultor, caçador e coletor, sempre teve a preocupação de manter e garantir nosso sistema de organização tradicional. Além de fortalecer a língua e sempre preservar os rituais. O desafio era muito grande. Para vencer na vida, teria de haver muita união, boa vontade e otimismo, o que aconteceu com nosso povo Apyãwa.

Como a população era muito pequena, exigia de cada pessoa bastante trabalho. Assim, nossos avós e nossos pais conseguiram se organizar na criação da aldeia Orokotãwa e fizeram diversas rocinhas para poder cultivar a banana, o amendoim, a abóbora, o feijão-andu, o abacaxi, o milho, a mandioca, a cana, o cará, o algodão, a batata-doce, a melancia e a macaxeira. As carnes dos animais preferidas pelo povo Apyãwa são de queixada, de cateto, de jabuti e de macaco-cuxiú. As aves preferidas pelo nosso povo são o mutum, o jacu, o pato e a azulona.

A participação nas discussões, nas reflexões e nas experiências contadas pelos representantes dos povos indígenas referentes à luta pela terra, à educação e à saúde, durante assembleias promovidas pelo CIMI e pela organização indígena, fez com que nosso povo pensasse e tomasse uma iniciativa na solicitação e na implantação de uma escola pública na aldeia. A assembleia exigia do nosso representante o domínio da língua portuguesa, para poder relatar com clareza e, ao mesmo tempo, buscar uma solução para a situação enfrentada pela nossa comunidade. Diante da situação e, após várias reivindicações feitas pelas lideranças do nosso povo Apyãwa da Aldeia Orokotãwa, o pedido foi acatado pela Prefeitura Municipal de Santa Terezinha – MT, na administração do prefeito, senhor Antônio Tadeu Martins Escame. Por meio do Decreto nº 003, de 07 de fevereiro de 1983 (Figura 17), a escola passou a ser reconhecida oficialmente. A seguir, podemos ver o que diz o decreto:





**Prefeitura Municipal de Santa Terezinha**

**DECRETO Nº 003 de 07(sete) de fevereiro de 1983.**

Dispõe sobre a criação de uma Escola Municipal Indígena, com sede na área indígena do Tapirapé, no Município de Santa Terezinha.

O Prefeito do Município de Santa Terezinha usando das Atribuições Legais que lhe são conferidas,

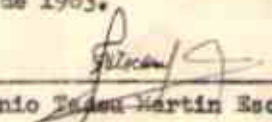
**DECRETA:**

Art.1º -Fica criada uma Escola Municipal Indígena de I a IV séries do 1º grau, com sede na área indígena do Tapirapé, município de Santa Terezinha, denominada Escola Municipal Indígena Tapirapé/Xarajá.

Art.2º -Compete a Secretaria de Educação do município a colocação de pessoal docente e dos recursos necessários ao funcionamento da Escola nos moldes do Sistema Municipal de Ensino.

Art.3º -Este Decreto entrará em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Santa Terezinha  
em 07 de fevereiro de 1983.

  
\_\_\_\_\_  
Antonio Tasso Martin Escame  
Prefeito Municipal

**Figura 17:** Decreto Municipal que cria oficialmente a primeira escola Apyãwa.  
Fonte: Acervo da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

Diante da oportunidade, foi proposta ao povo Apyãwa, a escolha de uma pessoa da própria comunidade para ocupar o cargo de profes-

sor ou professora. Para essa finalidade, foi convocada uma assembleia pelo cacique para escolher a pessoa de maneira conjunta.

### 3.5. A municipalização da Escola Tapirapé e o Projeto Inajá I

A primeira escola Apyãwa foi instalada na aldeia no ano de 1973. E essa escola recebeu o primeiro nome de “Escola Tapirapé”. Nessa época, a Escola era mantida pela Prelazia de São Félix do Araguaia.

Depois, em 1983, a Escola foi municipalizada pelo município de Santa Terezinha (Figura 17), e a prefeitura de Santa Terezinha assumiu a contratação de apenas um professor Apyãwa, porque os outros dois professores ainda eram menores de idade. Mas, para resolver o problema, aquele professor que era contratado repassava parte do pagamento para esses dois professores impedidos de receber.

A primeira Escola foi instalada numa Igreja antiga que havia na aldeia Orokotãwa (Figura 14). Nessa Escola, os três primeiros professores que lecionavam eram Kamoriwa'i Elber Tapirapé, Alberto Orokomy'i Tapirapé e o finado Ronaldo Komaoro'i Tapirapé (Figura 18, da esquerda para a direita).



**Figura 18:** Professores Apyãwa (Elber, Alberto e Ronaldo), cursistas do Inajá I, chegando ao Morro de Areia, em Santa Terezinha– MT, para etapa presencial do Inajá I. Foto: Luiz Carlos Pereira Paiva (1988).

***BOX 9 - O broto que deu flor e fruto: os primeiros professores que saíram da Aldeia em busca do sonho do povo Apyãwa***

*Obrigado, professores, vocês foram protagonistas do nosso povo Apyãwa. Graças a vocês, hoje eu estou fazendo o meu estudo de mestrado na Universidade Federal de Goiás (UFG), na Antropologia Social, como também meus dois primos, Gilson Tenywaawi e Iranildo Kaorewygi, nas Letras.*

*Enfrentamos vários desafios, assim como vocês enfrentaram no Projeto Inajá I.*

*Hoje, sentimos profundamente a ausência do Ronaldo Komã, que nos deixou em 2000.*

*Aliás, vocês marcam a nossa vida, deixam mensagens que nunca se apagam das nossas mentes, que se tornam aprendizados que levamos para sempre conosco.*

*Professores, vocês foram algumas das pessoas mais marcantes em toda a minha formação. Vocês me fizeram repensar o meu lugar no mundo, e a importância do meu modo de estar no mundo. Eu admiro profundamente e tenho uma grande estima pelas suas pessoas. Obrigado por se dedicarem aos seus trabalhos com tanto entusiasmo e verdade. Vocês fazem os seus alunos se sentirem especiais e pessoas capazes de alcançar os sonhos. As lições que aprendi com vocês estão sempre comigo; por isso, vocês são os meus eternos professores!*

Professor Koria Valdiane Apyãwa, 18/5/18.

Esses eram os primeiros professores que já tinham experiência em sala de aula, porque já davam aula desde antes de 1983 e, depois, estudaram no Projeto Inajá I, que aconteceu de 1987 a 1990. Esse Projeto foi promovido pelas prefeituras municipais de Santa Terezinha, Canarana, São Félix do Araguaia e Porto Alegre do Norte, juntamente com a SEDUC-MT, em convênio com a UNICAMP e com apoio da Prelazia de São Félix do Araguaia. Esse curso de formação para o magistério foi oferecido aos professores das zonas rural e urbana e também contou com a participação dos professores Apyãwa. As aulas desse curso aconteceram em dois municípios: uma turma em São Félix do Araguaia (Centro

Comunitário Tia Irene, da Prelazia de São Félix) e outra em Santa Terezinha – MT (Centro Comunitário Pe. Jentel, também da Prelazia de São Félix – ver figura 19). Por ano, aconteciam duas Etapas: uma em janeiro/fevereiro e a outra em julho/agosto.

A formatura desses três professores Apyãwa no primeiro magistério aconteceu no Projeto Inajá I em 1991.



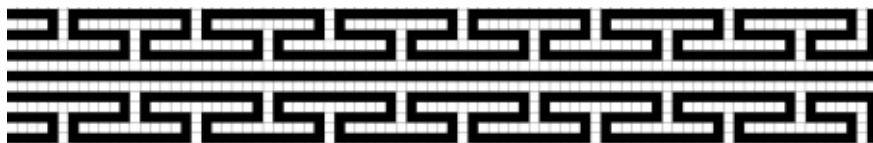
**Figura 19:** Pedro Casaldáliga visitando os cursistas do Projeto Inajá I – Morro de Areia, Santa Terezinha – MT. Foto: Luiz Carlos P. Paiva (1988).

Em 1988, a Escola Tapirapé foi estadualizada, sendo denominada “Escola Estadual Indígena Tapirapé”. Em 1994, o Governo de Mato Grosso construiu um prédio próprio para a Escola. O prédio da Escola foi construído na aldeia *Majtyri*, pois o povo já havia mudado o lugar da aldeia.



**Figura 20:** Calendário Circular construído pelo prof. Nivaldo Korira'i e seus alunos. E. E. I. Tapirapé, Aldeia Majtyri. Foto: Luiz Gouvêa de Paula (1998).

## 4. Implantação da Escola da Aldeia Tapi'itãwa



### 4.1. Retomada de Tapi'itãwa

A expectativa da retomada da Terra Indígena Urubu Branco sempre fez parte de diversas discussões noturnas no terreiro da Takãra, conduzida pelos saudosos anciões Xako'iapari Tapirapé, Ipawygi Tapirapé, Ixyre'i Tapirapé, Xawakato Tapirapé, Korawa'i Tapirapé, Takarimy'i Tapirapé, Awarao Tapirapé e Mani'aki Tapirapé, apoiados pelos novos guerreiros Korirã Tapirapé, Iakymytywygi Tapirapé, Makapyxowi Tapirapé, Awaeteo Tapirapé, Koraripewi Tapirapé e Xakareo'i Tapirapé.

O interesse pela retomada ainda se fortaleceu a partir do momento em que as outras lideranças Apyãwa se destacavam na luta para conquistar o território tradicional conduzida pelos líderes: Ikaika'i Tapirapé, Kaorekato'i Tapirapé, Wario Tapirapé, Awaetekato'i Tapirapé, Korapa'i Tapirapé, Orope'i Tapirapé, Xywapare'i Tapirapé, Awaetepytygi Tapirapé, Xario Tapirapé, Moo'ytãwi Tapirapé, Iakymytywyga Tapirapé, Makapyxowa Tapirapé, Waromaxio Tapirapé, Awaeryni Tapirapé, Ararawytygi Tapirapé, Tapi'iri Tapirapé, Paxeapãra Tapirapé, Paxepytygi Tapirapé, Xaokato'i Tapirapé e Xamare'yma Tapirapé. Nessa luta, foram sendo construídas as estratégias para surpreender os adversários. A participação das mulheres Apyãwa nas discussões que, por sua vez, aconteciam no terreiro das casas no período da manhã e da noite foram de suma importância. As reuniões das mulheres foram conduzidas muitas vezes pelas anciãs Tokyna Tapirapé (Figura 21), Awaxirawi Tapirapé e Porake'i Tapirapé e pelas finadas Marewira Tapirapé, Moo'i Tapirapé, Mikato Tapirapé, Tajxowoo'i Tapirapé, Mytygoo Tapirapé, Awokãja Tapirapé, Ataxowoo Tapirapé e Mareapawygi Tapirapé.

Alguns anos mais tarde, a também falecida Iparewao'i Tapirapé veio trazer mais força para essa luta. Essas senhoras, muitas vezes,



eram apoiadas pelas novas guerreiras Mareapawygoo Tapirapé, Taixowoo Tapirapé, Awaxirawoo Tapirapé, Tajpa Tapirapé, Iparewã Tapirapé, Taparawoo Tapirapé, minha querida e saudosa mãe Pawygoo Tapirapé, Ipa'ywa Tapirapé, Atapa Tapirapé, Akoxi Tapirapé, Taparawi Tapirapé, Tarywajoo Tapirapé, Maxirol'i Tapirapé, Mareapawyga Tapirapé, Katyol'i Tapirapé, Kaj'i Tapirapé, Koxiwato Tapirapé, Koxapa Tapirapé e Tame'i Tapirapé.



**Figura 21:** Tokyna e Xako'iapari (aldeia Tapi'itãwa, outubro de 2002).

Foto: Mike – Arquivo das Irmãzinhas de Jesus.

A visita do nosso território tradicional Yrywo'ywãwa sempre aconteceu todos os anos (Figura 22), porém, muitas vezes, éramos surpreendidos pelo avanço de grande desmatamento da floresta. Tal iniciativa, provocada pela Destilaria Gameleira (Atual Fazenda Luta) e por pecuaristas da região do Médio Araguaia, sempre fez com que as lideranças e os guerreiros imaginassem o que poderia acontecer com a demora da retomada do território, com a cobertura vegetal, as fontes, as nascentes dos córregos, os solos, os peixes e outros animais, além do risco de desaparecimento dos locais considerados sagrados pelo povo Apyãwa. Outra tentativa desesperada de impedir nossa presença no território, por parte dos invasores, foi o loteamento da terra para os garimpeiros, com a finalidade de explorar o ouro. Ao saber da notícia, foi realizada uma ação rápida, organizada pelas lideranças e guerreiros, para a retirada dos garimpeiros. A operação durou uma semana, e não houve resistência por parte dos invasores, sendo concluída com sucesso.



**Figura 22:** Povo Apyãwa. Aldeia Orokotãwa, Área Tapirapé-Karajá, 1990. Viagem para Urubu Branco. Foto: Acervo das Irmãzinhas de Jesus.

Reproduzimos aqui uma carta escrita pelos nossos caciques, quando retomamos o nosso território tradicional, publicada no livro *Xanetãwa Paragetã* (1996, p. 14 - 15).

*Gostaríamos de informar os motivos pelos quais retomamos no dia 23 de dezembro de 1993 a Área Indígena Urubu Branco, por nós denominada Tapi'itãwa, e localizada no município de Confresa, estado do Mato Grosso.*

*Esta área é de posse imemorial do nosso povo e se encontrava em mãos de alguns latifundiários paulistas. A reocupação de parte desta área tradicional foi feita de maneira pacífica. A nossa proposta atinge 168.000 ha.*

*Os motivos reais que nos levaram a fazer essa retomada foram os seguintes:*

*– A atual área indígena Tapirapé/Karajá é insuficiente para nossa sobrevivência física e para realização do cerimonial cultural, como nos garante o capítulo 231 da Constituição brasileira.*

*– A maior parte da atual área Tapirapé/Karajá é constituída por varjão, que é inundado no inverno.*

*– Que as matas da área indígena Urubu Branco estavam sendo devastadas para formação de pastagem.*



– *As sepulturas de nossos ancestrais estavam sendo destruídas.*

– *Estávamos sendo impedidos de entrar nesta área.*

– *Para que a juventude conheça de perto os locais das antigas aldeias e assim possa saber melhor sua história. Assim como os não índios têm o direito de saber da história do Brasil. São esses os motivos pelos quais acreditamos ter total direito a esta área.*

Xario Domingos Tapirapé– Cacique da aldeia Tapi'itãwa  
Kamoriwa'i Elber Tapirapé– Vice-cacique da aldeia Tapi'itãwa  
Aldeia Tapi'itãwa, 28 de novembro de 1995.

A partir do dia 20 de novembro de 1993, decidiu-se, de uma vez por todas, pela retomada definitiva do nosso território tradicional. Foi quando veio a primeira família (Figura 23-a), constituída por Toto'i Tapirapé, Iparewao'i Tapirapé, Korirã Tapirapé, Taparawoo Tapirapé, Mareapii Tapirapé, Apixa'i (Koxaera) Tapirapé, Tajpaxowa (Iparexagato) Tapirapé, Wapio (Pete'i), Paxepytygi Tapirapé, Eirowa Tapirapé, Xirawã (Maxa'io'i) Tapirapé, Taiona (Moo'i) Tapirapé, Amaxowa (Arokomyo) Tapirapé, Komaxowa (Waraxowoo'i) Tapirapé e Xaraxi (Maxo'i) Tapirapé. Junto com eles, vieram vários guerreiros e guerreiras para fazer a segurança da família. Vieram em dois caminhões-caçamba da Prefeitura de Santa Terezinha – MT.

O vereador Ararawytygi Paulo Tapirapé conduziu a viagem diante de uma série de ameaças feitas pelo pistoleiro contratado pelas Fazendas Lucrian Agropecuária, Frenova, Sapeva e Codebra. No decorrer da viagem de vinda, nada de ruim aconteceu com as lideranças e os guerreiros. No local da antiga aldeia, a fazenda já tinha construído o retiro para o capataz e sua família morarem.

A família permaneceu no local, e nós, às 17h do dia 20 de novembro de 1993, retornamos para a aldeia Orokotãwa. O caminhão-caçamba branco, conduzido pelo motorista Domervil, era o mais conservado e transportava a maioria dos guerreiros e das guerreiras. O caminhão-caçamba azul, conduzido pelo motorista Perimar, era menos conservado e transportava a madeira pau-brasil, tirada pelos trabalhadores contratados pelas fazendas. Em cima da madeira, iam algumas lideranças e guerreiros. Na cabine do último caminhão, iam a esposa de Xakareo'i Tapirapé, a senhora Mareapawygoo Tapirapé e sua filha Eirywa. Juntos, iam também minha esposa Mypytygi Tapirapé e meu saudo-

so filho Majoo Tapirapé. Aproximadamente às 21h, aconteceu um acidente inesperado. A porta do caminhão abriu, e, com isso, Mareapawygoo Tapirapé se assustou, jogando sua filha para fora da cabine do veículo. A mesma caiu de mau jeito, quebrando o pescoço, não resistiu aos ferimentos e acabou falecendo no local. Quando isso aconteceu, foi um desespero muito grande para todas as pessoas que estavam na viagem. A noite foi de tristeza e de muito choro. Todos querendo chegar com rapidez à aldeia Orokotãwa.



**Figura 23:** a) Casa de Xywaeri – Aldeia Tapi'itãwa (jun/95)  
b) Aldeia Tapi'itãwa, com as casas de Xario e Paxepytygi. Fotos: Odile Eglin, 1995.  
Acervo das Irmãzinhas de Jesus.

A partir do ano de 1993, houve a mudança de várias famílias para a área denominada Yrywo'ywãwa, Urubu Branco, para retomar definitivamente a terra tradicionalmente ocupada pelos nossos ancestrais, a Terra Indígena Urubu Branco, na qual, atualmente, localiza-se a nova unidade escolar, a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

Quanto à infraestrutura da escola, primeiro, as aulas aconteciam em uma casa precária que a fazenda tinha deixado no local. Nessa sala, o primeiro professor que lecionou na aldeia Tapi'itãwa foi Júlio César Tawy'i Tapirapé, lecionando para turma multisseriada. Mas, depois também com muita luta, foram construídas salas para a escola. Essas salas funcionaram um bom tempo como extensão da Escola Estadual Indígena Tapirapé, ou seja, dependiam da escola de Majtyritãwa.

Com a demanda do crescimento populacional do povo na Terra Indígena Urubu Branco, houve necessidade de criar uma unidade escolar nessa área, até por causa da distância entre a sede escolar e as salas anexas.

Atualmente, a Terra Indígena Urubu Branco conta com uma sede escolar criada pelo decreto nº 4.823, de 16 de agosto de 2002, denominada Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, localizada na aldeia Tapi'itãwa. Além disso, existem várias salas anexas distribuídas nas aldeias Akara'ytãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Myryxitãwa e Inataotãwa. As salas anexas foram criadas por causa da distância para atender as comunidades daquelas localidades. O quadro docente dessa unidade é constituído por profissionais indígenas da própria comunidade. A maioria desses professores é graduada em licenciaturas e pós-graduada pela Universidade Estadual do Estado de Mato Grosso e pela Universidade Federal de Goiás. Os professores são graduados em Ciências Humanas, Ciências Sociais, Linguagem, Ciências Matemática e da Natureza.

A escola oferece ensino fundamental e ensino médio em regime de alternância. Para atender a demanda dos alunos das aldeias vizinhas, o ensino médio centralizou-se na sede escolar, na aldeia Tapi'itãwa, na qual existe estrutura para o seu funcionamento. Atende também ao pedido da comunidade para que os jovens não saiam da aldeia para a cidade para dar continuidade ao estudo. A comunidade tem medo de que, ao saírem para a cidade, os jovens se envolvam com drogas, alcoolismo e outras práticas que consideramos irregulares para o povo Apyãwa. Assim, os jovens podem concluir o ensino médio na aldeia, o que está acontecendo. Nos anos de 2006 a 2009, se formaram 108 alunos em nível médio; no ano de 2010, o curso contou com mais de 60 novos alunos de ensino médio na aldeia.

### ***BOX 10 - História da Conquista da Terra Indígena Urubu Branco***

*Nós desenvolvemos este trabalho aqui na aldeia Tapi'itãwa, município de Confresa, Mato Grosso. Antes de realizar essa pesquisa, nós pedimos a autorização do senhor Xywaeri José Pio Tapirapé, se ele aceitaria fazer a entrevista, gravar áudio, tirar foto e fazer gravação da entrevista em vídeo. Tudo isso nós pedimos para fazer nessa pesquisa, e ele aceitou. Nós fizemos a pesquisa no dia 05 de agosto de 2017, às 9:00 da manhã, e entrevistamos o senhor Xywaeri José Pio Tapirapé, de 70 anos de idade, morador da aldeia Tapi'itãwa. Nós o entrevista-*

*mos porque conhece muito bem a história da conquista da Terra Indígena Urubu Branco. Ele e sua família lutaram muito para conquistar esse território tradicional do nosso povo Apyãwa. Então, nós vamos relatar conforme a informação do senhor Xywaeri José Pio Tapirapé.*

*Ele disse que o nosso povo Apyãwa sempre visitava esse território em busca de taquari para fazer flecha para caçar e pescar. Mesmo de longe, vinha a pé até chegar a esse território e sabendo que o dono era fazendeiro. Até que, em 1988, o nosso povo Apyãwa veio fazer uma última visita em busca do taquari. E, no caminho, eles sempre faziam caçada e pescaria com timbó e tiravam o mel de abelha para sua alimentação. Para tirar o mel de abelha, nós, Apyãwa, sempre acendemos o fogo perto do tronco da árvore para espantar as abelhas. Foi dessa maneira que o fogo pegou na pastagem— e havia gado dentro do pasto. E o fogo se espalhou rapidamente e queimou todo o pasto. Então, dizem que, por isso, o fazendeiro não deixava mais entrar e sempre ameaçava a nossa comunidade, dizendo que esse território não era do nosso povo.*

*Disse também que, quando não permitiam mais a entrada do nosso povo Apyãwa, então a comunidade falou para o fazendeiro que esse território tradicional é do nosso povo Apyãwa e nós vamos procurar o nosso direito, porque nesse território os nossos avôs viveram, aqui estão os cemitérios dos nossos avôs e aqui estão as nossas aldeias velhas. Então, aí que o nosso povo Apyãwa enfrentou o fazendeiro, lutando por nosso direito para conquistar o território tradicional do nosso povo Apyãwa.*

*Falou ainda que, no ano de 1988, aconteceu uma reunião em Brasília para os povos indígenas junto com deputados. Então, Xywaeri José Pio Tapirapé levou 12 pessoas da nossa comunidade à reunião em Brasília para lutar pelo nosso direito. Então, ele disse que, na reunião, os deputados falavam que aqueles povos indígenas que deixaram o seu território tradicional, mesmo ocupado pela fazenda ou município, têm direito a tirar o ocupante para ter de volta o seu território. Assim era o nosso caso, porque o nosso povo Apyãwa foi levado por não índios para a beira do Araguaia, sendo forçado a deixar a nossa aldeia Tapi'itãwa. Por isso, a nossa comunidade se reuniu para voltar ao nosso território tradicional, e algumas pessoas não queriam voltar, porque ficavam com medo do fazendeiro.*

*No ano de 1993, Awarao'i, Katyo'i, Korirã, Taparawoo, Toto'i e Iparewao'i ocuparam o retiro da fazenda, então essas famílias retornaram à aldeia Tapi'itãwa. Quando ocuparam essa fazenda, o fazendeiro ameaçou de morte essas pessoas. Então, Awarao'i e sua família ficaram com medo e voltaram para a aldeia Majtyritãwa e deixaram só Toto'i e Iparewao'i para trás. Quando Awarao'i retornou para a aldeia Majtyri, no mesmo ano de 1993, no dia 25 de dezembro, o senhor Xywaeri José Pio Tapirapé, sua esposa Pawygoo Luiza Tapirapé e seus filhos retornaram para Tapi'itãwa, porque ficaram preocupados com Toto'i e Iparewao'i, que foram deixados por Awarao'i para trás. Então, Xywaeri José Pio Tapirapé e sua família lutaram muito para conquistar a Terra Indígena Urubu Branco, viajando para conseguir retirar os ocupantes e falar sobre a demarcação. Sofreram ameaças, doenças etc. Então, eles ficaram um mês só com sua família, até que chegou mais gente para se juntar e ocupar essas fazendas. Essas pessoas são: Taraxo'i, Maiwi, Korirã, Mani'aki e Kaorekato'i. Todos vieram com suas famílias no ano de 1994. Além disso, chegou mais gente como Paxepytygi e Warai, também com suas famílias. Então, assim foram se juntando para recuperar o território tradicional do nosso povo Apyãwa. Assim, a comunidade tirou o fazendeiro do nosso território tradicional e formou um círculo de casas como aldeia, planejando as festas tradicionais para a construção da Takãra (a Casa dos Homens).*

*Em 1994, a presidência da Funai aprovou o relatório produzido por um grupo de trabalho que definiu a Terra Indígena Urubu Branco conforme proposta do nosso povo Apyãwa. Em outubro de 1996, o Ministro da Justiça, Néelson Jobim, assinou a Portaria 599, que declara essa Terra Indígena como sendo de posse permanente do nosso povo Apyãwa. Então, foi no ano de 1996, que o nosso povo Apyãwa conseguiu a demarcação da Terra Indígena Urubu Branco.*

*Assim nós conseguimos retomar a Terra Indígena Urubu Branco, depois de muita luta do senhor Xywaeri José Pio Tapirapé junto com sua comunidade. Atualmente, o senhor Xywaeri José Pio Tapirapé ainda está vivo, mas perdeu a sua esposa Pawygoo Luiza Tapirapé, os que mais lutaram por esse território do nosso povo Apyãwa.*

Ana Cláudia Awokopytyga Tapirapé, Katypyxowa Graciela Tapirapé, Tapapytyga Tapirapé, Jamílson Maropawygi Tapirapé e Marayky Anjinho Tapirapé. Data: 08/08/2017

## 4.2. A Fundação das Aldeias como estratégia de reocupação do território

### 4.2.1 Fundação da Aldeia Majtyritãwa



**Figura 24:** Aldeia Majtyritãwa, maio de 1998. Foto: Jaqueline Hecht.

Para ter uma informação certa sobre a fundação da aldeia Majtyri, primeiramente fizemos uma pesquisa com o sábio da nossa aldeia e, para isso, pegamos somente as informações importantes.

O povo Apyãwa se reuniu para fundar uma aldeia, trocando ideias sobre como planejar as mudanças, principalmente a forma da aldeia, porque sempre a aldeia Apyãwa, desde muitos anos atrás, era feita em forma de círculo e, no meio da aldeia, ficava a casa dos homens, a Takãra. Permanecemos valorizando isso até hoje.

Em 1995, a fundação da Aldeia Majtyri foi feita por causa dos seguintes motivos: aumento das famílias por casa, porque na aldeia Orokotãwa não havia mais espaço para fazer as casas; também por causa das grandes enchentes que ocorreram. Outro motivo era que a pessoa que fundou uma aldeia próxima de Orokotãwa, que se chamava com o mesmo nome, sempre falava que o marido dela resolveu abrir essa aldeia para a família dela. Com essas preocupações e para evitar

esse problema de uma aldeia fundada para uma família, a Aldeia Majtyri foi fundada, e a maioria da população mudou para essa nova aldeia.

Lembrando também que, naquela época, havia um vereador Apyãwa, Ararawytygi Paulo Tapirapé que, como vereador, tinha um projeto de fazer uma roça para a nossa comunidade. Só que esse projeto foi mal feito, e o terreno, mal gradeado. Com isso, não aconteceu nenhuma plantação de produto na roça, principalmente plantio de arroz, mas a construção de uma nova aldeia. Por isso mesmo, a fundação da aldeia Majtyri ocorreu primeiramente pelas próprias famílias deles: as famílias de Ararawytygi Paulo Tapirapé, Makapyxowa Waldemar Tapirapé e outras famílias que iam mudando pouco a pouco, pois essa nova aldeia tinha mais espaço para fazer as casas, essa aldeia era grande, cabia muita gente.

Só que essa Aldeia Majtyri ficou longe da beira do rio, aproximadamente dois ou três quilômetros. Mas, com muita luta, conseguimos a perfuração de um poço artesiano para a nossa comunidade, para nós bebermos uma água limpa e tratada. Com isso, pudemos evitar também pegar doenças, principalmente diarreia. O poço funcionava com placa solar, mas, quando faltava água para a gente, nós íamos nos banhar no rio. Mas os meninos não saíam da beira do rio, só pescando e matando peixinhos.

O mais importante, que não podemos deixar de registrar, é o fato de que o nome próprio dado a essa nova aldeia pelo nosso povo Apyãwa significa morro e se refere ao morro Majtyri, chamado de Morro do Cade-te pelos não indígenas. Dessa maneira, relatamos as informações importantes sobre a fundação da aldeia Majtyri.

#### **4.2.2. A Escola da Aldeia Tapi'itãwa – um instrumento de luta do processo de reocupação**

Desde muitos anos atrás, os mais velhos nunca se esqueciam dos lugares sagrados deles; por isso mesmo, todos os anos, o povo Apyãwa fazia visita (Figura 22) à antiga aldeia que se chamava Ipirakwaritãwa.

Devido às grandes preocupações com a destruição dos cemitérios e das matérias-primas que o povo Apyãwa utiliza e, após a realização de muitas reuniões e debates no terreiro da Takãra, o povo Apyãwa resolveu, por sua própria força, retornar para fazer a retomada das suas



áreas tradicionais. Assim foi que, em meados de setembro de 1993, a Comunidade Apyãwa, que hoje habita a Terra Indígena Urubu Branco, reocupou parte do seu território tradicional, próximo da sede do município de Confresa (MT). A ocupação foi no dia 23 de setembro de 1993.

A partir do ano de 1993, houve mudança de várias famílias Apyãwa para a região denominada Urubu Branco, área tradicional do povo Apyãwa, na qual atualmente localiza-se a nova unidade escolar, a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Primeiro, as aulas aconteciam em algumas casas precárias que a fazenda tinha deixado no local; depois, também com muita luta, foram construídas salas para a escola. Essas salas funcionaram um bom tempo como extensão da Escola Estadual Indígena Tapirapé, ou seja, dependiam da escola de Majtyritãwa. Com a demanda do crescimento populacional do povo na Terra Indígena Urubu Branco, houve necessidade de se criar unidade escolar nessa área, até por causa da distância de mais de cem quilômetros entre a sede escolar e as salas anexas. Com isso, o povo Apyãwa pensou novamente na criação de uma escola especificamente para a população da Terra Indígena Urubu Branco.

A Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa foi criada através do Ato nº 4823, de 16 de agosto de 2002. A data de publicação no Diário Oficial é a mesma.

Atualmente, há sete aldeias na Terra Indígena Urubu Branco, e todas elas, fora a aldeia sede da escola, contam com salas anexas da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. O Estado construiu um prédio escolar somente em 2006 na aldeia Tapi'itãwa e em Akara'ytãwa. Ainda faltam serem construídos prédios nas aldeias Wiriaotãwa, Towajaatãwa, Tapi-paranytãwa, Inataotãwa e Myryxitãwa. A sede da Escola funciona na aldeia Tapi'itãwa e oferece o Ensino Fundamental completo em todas as aldeias. Em 2004, foi implantado também o Ensino Médio, atendendo a uma demanda de 73 jovens Apyãwa na primeira turma. Para atender a todos os alunos das aldeias, o ensino médio centralizou-se na sede escolar (na Aldeia Tapi'itãwa), na qual existe estrutura para o seu funcionamento.

A escola da aldeia Majtyri também ofereceu inicialmente o Ensino Médio para 18 alunos Tapirapé e Karajá das aldeias Majtyri, Hawalora e Itxala. Atualmente, essas aldeias também têm Ensino Médio para os seus jovens.



Hoje, já temos vinte e cinco professores formados com o curso superior pela Faculdade Indígena Intercultural da Unemat, da 1ª à 5ª turmas. Mais cinco estão cursando a Licenciatura Intercultural nessa mesma universidade. Há quatro professores formados na Pedagogia Intercultural, primeira turma, e mais cinco estudando na segunda turma desse curso. Há também cinquenta e dois professores e professoras que se formaram no curso de Licenciatura Intercultural da UFG.

A direção das duas Escolas é assumida por professores Apyãwa desde 1992, bem como os serviços de secretaria e apoio educacional. Dessa maneira, fizemos nosso trabalho de pesquisa sobre o processo de criação da escola na aldeia Tapi'itãwa.

### **4.2.3. Fundação da aldeia Akara'ytãwa**

Em 1993, a família do Korirã marcou sua presença reocupando a antiga aldeia Ipirakwaritãwa, que ficou nas mãos de latifundiários da região do Urubu Branco. Há muitos anos, esse território era ocupado pelo povo Apyãwa, que sempre preservou os recursos naturais desse lugar.

O povo Apyãwa nunca se esquecia das antigas aldeias, dos cemitérios dos nossos avós e das matérias-primas que são utilizadas culturalmente e que eram encontradas somente nessa região. Esses eram os fatores da luta do povo Apyãwa por esta terra.

Mais tarde, a fundação da aldeia Akara'ytãwa fortaleceu a luta do povo Apyãwa por causa da retirada do fazendeiro da fazenda Santa Laura (Figura 25). Esse era um ponto de partida da luta do povo Apyãwa, marcando sua presença no local da fazenda. A partir da luta pela nossa terra, a aldeia Akara'ytãwa foi fundada.



**Figura 25:** Fazenda Santa Laura retomada pelo povo Apyãwa em 1996. Nesse local, foi fundada a aldeia Akara'ytãwa. Foto: Paxepytygi Cláudio Tapirapé (1996).

Porém, de acordo com o senhor Makapyxowa, a fundação da aldeia Akara'ytãwa ocorreu quando a senhora Porake'i convidou sua filha Maxiro'i para a colheita de amendoim aqui em Tapi'itãwa. Esse convite era o plano de Porake'i para trazer sua filha Maxiro'i para morar aqui na aldeia Tapi'itãwa. Tudo aconteceu exatamente como Porake'i queria.

Maxiro'i conversou com seu marido Makapyxowa e decidiram sair de Majtyri, porém, não morando exatamente em Tapi'itãwa. A intenção de Makapyxowa era fundar uma aldeia. À noite, ele se reuniu com a comunidade, afirmando que iria abrir uma aldeia. A proposta dele foi aceita pela comunidade. Ele já tinha ideia de morar na fazenda Santa Laura. Essa fazenda era gerenciada pelo senhor Zé Maria, que ficou ameaçando o povo Apyãwa.

Mas, como a comunidade aceitou abrir uma aldeia, o grupo de famílias formado por Makapyxowa, Xakareo'i, Awaeryni e Iakymytywya entrou na fazenda para morar. Conseguiram expulsar o fazendeiro daquele local. Assim, a fundação da aldeia Akara'ytãwa ocorreu no ano de 2000, segundo versão de Makapyxowa.

No ano seguinte, foi implantada uma sala anexa em Akara'ytãwa, sendo que o primeiro professor da aldeia foi Paroo'i. Ele lecionava para a turma multisseriada. Ikaraxo era o primeiro aluno dele no primeiro

ano. Depois, os professores que passaram na Aldeia Akara'ytãwa foram estes: Marakawyo, Warara'i, Yrywaxã, Koxamaryj'i, Oka'i e Toto'i.

Naquela época, a comunidade Apyãwa tomou uma decisão para que os filhos do vaqueiro Zé Bolero estudassem junto com as crianças Apyãwa, na sala anexa Akara'ytãwa, porque essas crianças *maira* conviveram muito tempo com o povo Apyãwa. Portanto, elas dominavam muito bem a linguagem Apyãwa. Assim, elas estudaram junto com as crianças Apyãwa na sala anexa Akara'ytãwa. Dar aulas para crianças *maira* era uma experiência nova para os professores Apyãwa.

#### **4.2.4. Fundação da Aldeia Xapi'ikeatãwa**

No ano 2000, a aldeia Xapi'ikeatãwa foi fundada. Nesse processo de fundação, o povo Apyãwa teve grande problema com um fazendeiro, pois ele não queria sair de lá de Xapi'ikeatãwa, que é terra do povo Apyãwa. Naquele lugar, o fazendeiro formou a fazenda Sapeva (Figura 26). Quando os Apyãwa tiraram o fazendeiro de lá, logo após, algumas famílias do povo Apyãwa foram levando a mudança para aquele lugar, a fim de ocupar o espaço para o fazendeiro não voltar.

O povo Apyãwa decidiu que tinha de tirar o fazendeiro desse lugar que denominamos Xapi'ikeãwa, porque sabia que a população Apyãwa iria aumentar mais ainda. Foi esse o motivo da fundação da aldeia Xapi'ikeatãwa, que ocorreu para o povo Apyãwa caçar e pescar naquele lugar. E os primeiros habitantes de Xapi'ikeatãwa foram as famílias do cacique Ararawytygi Paulo Tapirapé com a esposa dele, Kori-rã com Taparawoo, Atapa com Xywapare'i, com as famílias inteiras, Awa-eteo com a esposa dele, Arapaxigi com Ma'i'i, Xiri'i com Ykyxo'i, Xo'ywi com Xajrowi, Kopã com Marimi, Paxẽ com Koxapa e outras pessoas.



**Figura 26:** Guarita da Fazenda Sapeva com porteira trancada com cadeado, impedindo o acesso dos Apyãwa aos lagos e ao rio Tapirapé. Na sede da Sapeva, foi fundada a aldeia Xapi'ikeatãwa. Foto: Paxepytygi Cláudio Tapirapé (1996).

Naquele tempo, foi criada uma sala anexa, e o professor Koj'i lecionava para as séries iniciais. Os professores que foram trabalhar naquela aldeia fazendo rodízio foram os seguintes: Teny, Eulália e Gilberto, Wari-niay'i, Valdir, Oroko e Kararawore. Esses professores também iam trabalhar na escola anexa de Wiriaotãwa, onde havia muitos alunos.

Com o tempo, o cacique Ararawytygi Paulo Tapirapé percebeu a dificuldade daquela aldeia, porque não havia água para as pessoas se banharem e para beber. O poço secou e, naquele tempo, em Xapi'ikeatãwa, havia muita cobra e era cheio de capim. E até mesmo a mata para fazer a roça estava longe da aldeia. Além disso, os pescadores e os caçadores queimavam o pasto e as pessoas que habitavam essa aldeia estavam correndo perigo, porque o fogo corria no rumo da aldeia Xapi'ikeatãwa. E as pessoas encontravam a maior dificuldade de respirar, porque, quando o pasto queimava, produzia fumaça. Por esse motivo, essa família mudou de lá, fundando outra aldeia chamada Towajaa-tãwa (Figura 27).

A aldeia Xapi'ikeatãwa, onde moramos por quatro anos, foi fundada em 2000. Quando as pessoas da equipe da Funasa vieram querendo furar um poço artesiano para nossa aldeia, elas não conseguiram achar a água. Furaram poços quatro vezes e não conseguiram achar a água. E a equipe da Funasa continuou procurando o canal da água até que achou ali na beira da estrada, onde é hoje a aldeia Towajaatãwa.



**Figura 27:** Fundação da Aldeia Towajaatãwa.  
Foto: Gilberto Vieira dos Santos (2004).

Por causa da falta de água é que nós abandonamos a aldeia Xapi'ikeatãwa. Lá, não havia poço artesiano para nós e, com isso, nossa comunidade decidiu abrir outra aldeia onde nós estamos morando agora. Então, no ano de 2004, nós fizemos a mudança para a aldeia Towajaatãwa porque foi ali que a equipe da Funasa achou o canal da água para o poço artesiano. Então, primeiro, só nós construímos a casa nessa aldeia nova, Ararawytygi, Korirã, Arapaxigi e Morawi. Depois, o pessoal construiu devagar as suas casas. E também, naquele tempo, nossa aldeia nova não tinha nada, nem o postinho de saúde, nem a escola para atender as nossas crianças. Mesmo assim, eu, Morawi, e meu irmão Arapaxigi, nós usamos nossa própria casa para ensinar nossas crianças.

#### 4.2.5. Fundação da Aldeia Wiriaotãwa

A aldeia Wiriaotãwa foi fundada aproximadamente em 2000, pelo meu pai, José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, o líder da nossa família. Acompanhei junto com ele a fundação dessa aldeia quando tinha cerca de 17 anos de idade. Essa aldeia se instalou na sede de uma fazenda denominada Codebra (Figura 28), que havia invadido nosso território.



**Figura 28:** Primeira Aldeia Wiriaotãwa com as casas da Fazenda Codebra ocupadas pelos novos moradores Apyãwa. Foto: Acervo das Irmãzinhas de Jesus (2002).

A fundação da aldeia Wiriaotãwa aconteceu por causa de alguns fatores que incomodavam a vivência da nossa comunidade. Em função desses fatores é que saiu a tomada de decisão, primeiro entre a família, para fundar uma nova aldeia, que é Wiriaotãwa. Em seguida, a proposta foi destacada na discussão noturna entre a comunidade, no pátio da Takãra, que é a casa de cerimônia e de debate do nosso povo. A discussão foi conduzida pela comunidade, naquela noite, exatamente sobre a questão da terra, pois era o momento em que o povo Apyãwa retirava os fazendeiros que haviam se estabelecido dentro do nosso território.

De acordo com a discussão e a reflexão sobre o caso da terra, aquela proposta foi reforçada e aprovada na assembleia noturna da comunidade. Inclusive, aquela proposta correspondia ao anseio da comunidade Apyãwa para ter a fiscalização da fronteira do nosso território. E, algum tempo depois, a família se mudou para o local denominado Code-



bra. Inclusive, meu tio Aluísio Tamakorawygi decidiu levar sua família para morar lá. Esse local fica ao sul do nosso território, próximo ao rio Tapirapé, que é denominado, em nossa língua, Awiowy. No início, nós moramos naquele local, nas casas deixadas pelo fazendeiro, que eram feitas de cimento e de telha (Figura 28). Nós ficamos nesse local durante aproximadamente cinco anos. E, depois, mudamos por causa da enchente. Assim é que se iniciou a formação da atual aldeia Wiriaotãwa. A primeira casa construída na nova aldeia foi a casa do meu pai, a cobertura feita com palha e a parede feita com tábuas.



**Figura 29:** Aldeia Wiriaotãwa atual. Foto: Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé (2018).

Na primeira aldeia Wiriaotãwa, já havia salas anexas, pois os primeiros professores foram mudando junto com as famílias para dar aulas para os alunos dessa aldeia. Os professores que trabalharam com os alunos são Iarareo, Axawaj'i e Oroko. Esses professores começaram as aulas em 2000.

No início, não havia aulas para os alunos do sexto ao nono ano em Wiriaotãwa. Naquela época, esses alunos iam de bicicleta estudar na aldeia Xapi'ikeatãwa porque não tinham outro transporte. Do primeiro ao quinto ano estudavam em Wiriaotãwa.

A partir de 2001, também os professores Luiz, Wariniay'i, Valdir, Eulália, Gilberto e Kararawore começaram a dar aula junto com os professores Apyãwa que moravam em Wiriaotãwa e ficaram dois anos com os alunos de Wiriaotãwa nessas salas anexas que funcionavam na antiga casa do fazendeiro. Naquela época, o professor Luiz Gouvêa de Paula chegava de carro paco-paco à aldeia Wiriaotãwa para dar aula para os alunos.

Em 2002, foram contratados três professores: Tamanaxowoo, Tenywaawi e Kaorewygi e, até hoje, estamos trabalhando com os alunos de Wiriaotãwa nas salas anexas com turmas multisseriadas.

Também o postinho de saúde da primeira aldeia era na casa do fazendeiro. Foram contratadas duas pessoas, chamadas Adilson Xaopoko'i Tapirapé (Taxiromyo) e Maria Elta, que ficaram trabalhando no serviço de enfermagem nessa aldeia Wiriaotãwa.

No ano de 2006, quando Xaopoko'i Tapirapé se tornou Diretor da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, foi feita a proposta, pela comunidade da Aldeia Wiriaotãwa, de contratação de Adeílda Katoaxowa Tapirapé para o cargo de Apoio Administrativo Educacional (Nutrição Escolar) na sala anexa Wiriaotãwa. Ela ficou trabalhando na sala anexa de Wiriaotãwa até o final do primeiro semestre.

No segundo semestre, Adeílda Katoaxowa Tapirapé foi transferida para trabalhar na sala anexa da Aldeia Towajaatãwa, e ela ficou trabalhando por uns meses, até dezembro de 2006.

Depois da saída de Adeílda Katoaxowa Tapirapé da sala anexa de Wiriaotãwa, no ano de 2007, Marewipytyga Tapirapé assumiu o cargo de apoio administrativo educacional (Nutrição Escolar) até o ano de 2017.

#### **4.2.6. Fundação da Aldeia Tapiparanytãwa**

Tapiparanytãwa é uma aldeia que foi fundada no mês de maio de 2004 pela família de José Antônio Makapyxowi Tapirapé. Essa aldeia foi fundada por causa da enchente e da distância longa de Wiriaotãwa a Confresa. Essa família morava na aldeia Wiriaotãwa. Por esses motivos, foi fundada uma nova aldeia, próxima do local onde havia um lago que era chamado de Yopawoo. Nesse lago, havia vários tipos de peixes grandes, tais como: tucunaré, pintado, piranha etc.



Vendo esses peixes grandes, a família escolheu esse lugar, porque o córrego de Tapiparanytãwa se encontra com o rio Tapirapé, que nós chamamos de Awiowy. Mas, a maioria das pessoas queria morar na aldeia Tapi'itãwa porque muita gente morava nessa aldeia e porque nela se localiza a Takãra, que faz parte do nosso cerimonial, sendo o espaço noturno de discussão de algum assunto pela comunidade Apyãwa.

Porém, em pouco tempo, Makapyxowi reuniu a família para formar uma aldeia nova em um local adequado para fazer as roças. O senhor José Antônio Makapyxowi Tapirapé levou a família com muita garra para construir uma sala anexa nessa nova aldeia, no ano de 2005, para o professor Paxawari'i (Korimaxo'i) Tapirapé lecionar para a turma multisseriada no período vespertino, que se inicia às 13h. A escola provisória foi construída pela comunidade de Tapiparanytãwa, na forma de casa antiga, sem paredes, com comprimento de seis metros e largura de cinco metros. Naquele tempo, Tamakorawygi Aluízio Tapirapé era cacique dessa aldeia nova. Esse cacique lutou muito para a construção de uma escola adequada à melhoria do ensino.



**Figura 30** – Crianças brincando na Aldeia Tapiparanytãwa.  
Foto: Luiz Gouvêa de Paula, 2014.

A população dessa aldeia era de, aproximadamente, 28 pessoas, incluindo as crianças e os jovens. Com muita luta, a comunidade conseguiu poço artesiano e atendimento hospitalar pela FUNASA (Fundação Nacional da Saúde), seguindo depois o atendimento pela ANSA (Associação de Educação e Assistência Social Nossa Senhora da Assunção) e, atualmente, pela SESAI (Secretaria Especial de Assistência à Saúde Indígena). Assim, a população cresceu e, atualmente, são aproximadamente 199 pessoas. Através de muita luta, a comunidade conseguiu, mais tarde, apenas uma sala de aula construída pelo Estado de Mato Grosso. Porém, não adiantou só uma sala, porque as turmas aumentaram, havendo turmas no período matutino e no vespertino. Por isso, a comunidade de Tapiparanytãwa ainda está na luta pela construção de outra sala de aula, porque uma sala não é suficiente para atender todas as turmas. Mas, infelizmente, não existe nenhuma previsão de o Estado atender essa aldeia com a construção de mais uma sala de aula.

#### 4.2.7. Fundação da aldeia Myryxitãwa

A aldeia Myryxitãwa (Aldeia Buriti) tem esse nome porque no local existe um córrego cheio de palmeiras *myryxi* (buriti). Esse pequeno córrego nasce na serra de Yrywo'ywãwa (Urubu Branco) e passa pela aldeia Tapiparanytãwa, antiga Yopawoo, como se dizia antigamente e se liga aos ribeirões Paranỹ e Xapi'ikeãwa até desaguar no Awiwowy (rio Tapirapé). O córrego é rico em *xani'ã* e nele se praticava com frequência a pesca de *xigy* (pescaria com timbó).

A palmeira *myryxi* (Figura 31) é muito útil para a confecção de artes como *yro*, *yropema*, *xeke'ã*, *orokorowa*, *akygetãra* e outros artefatos. Com as folhas, é confeccionada a roupa dos Espíritos Axywewoja, Iraxao, Tawã e Xiwewexiwe.



**Figura 31:** Crianças pescando no Córrego Myryxi.  
Foto: Arawyo (Orokomỹ Tapirapé), 2018.

Myryxitãwa foi criada no mês de junho de 2008 pela família de Awaetekato'i, que liderou a abertura dessa aldeia. Essa família veio da aldeia Akara'ytãwa. Atualmente, Myryxitãwa é formada somente pela família extensa de Awaetekato'i e Kwalaru (Figura 32).

A aldeia Myryxitãwa está localizada mais ou menos a 500 metros da Serra de Yrywo'ywãwa (Serra do Urubu Branco), na atual Terra Indígena Urubu Branco, que pertence ao município de Confresa (MT). A aldeia atualmente conta com uma população de aproximadamente 70 pessoas, entre crianças e adultos. A maioria são indivíduos jovens e crianças.

Myryxitãwa é composta de dez casas atualmente. As casas são feitas de tijolo, madeira e de palha de coco (*inata'i awa*). Uma casa é construída com material de alvenaria. As demais são construídas na forma que os Apyãwa aprenderam com os sertanejos. Essa forma de construção vem sendo feita desde a década de 1950, mais ou menos, até os dias atuais. Antigamente, na aldeia Orokotãwa, as casas ainda eram com adobe.



**Figura 32:** Aldeia Myryxitãwa. Foto: Koria Valdiane Tapirapé (2018).

A aldeia tem um formato retangular e não tem Takãra, como todas as aldeias pequenas. Por não haver a Takãra na aldeia, as famílias participam do ritual na aldeia Tapi'itãwa. Normalmente, moram nas casas duas ou até três famílias, compostas de sogros e genros que ainda não têm suas casas prontas. As famílias sobrevivem com os produtos da roça, tais como mandioca, melancia, milho, inhame e abóbora, além dos peixes dos rios e lagos e das caças, dentro do território Apyãwa. Há também consumo grande de produtos que são adquiridos no mercado para alimentar as famílias.

Essa comunidade tem uma organização constituída legalmente, a APITAM – Associação do Povo Indígena Tapirapé Myryxytãwa. O objetivo da organização é apoiar e propor meios de sobrevivência da comunidade através de projetos alternativos sustentáveis. No futuro, essa organização, que não é tradicional, pode guiar e apoiar a sobrevivência da comunidade e o que outras aldeias Apyãwa estão propondo para as suas comunidades. Sabemos que o futuro do povo Apyãwa não será fácil, e a tendência é, cada vez mais, encontrar dificuldades.

A comunidade conta com uma sala anexa, extensão da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, que tem sede na Aldeia Tapi'itãwa. Essa sala anexa iniciou seu funcionamento no ano de 2009. Não tem sala própria, mas a sala de aula foi construída pela comunidade de acordo

com sua forma de construção, onde as crianças estudam de manhã e à tarde, todos os dias.

Os primeiros professores que atuaram na sala anexa da aldeia Myryxitãwa foram os seguintes: professor Orokomy'i Tapirapé e professor Koria Valdane Tapirapé. A sala anexa Myryxitãwa atendia, no período matutino, a turma dos anos iniciais que corresponde ao 1º e 2º Ciclos e, no período vespertino, a turma do 3º Ciclo. Ainda passaram por essa escola professores como Oparaxowa Samuel Tapirapé e Kamaira'i Sanderson Tapirapé. Atualmente, contamos com outros professores novos atuando na sala anexa Myryxitãwa: Kléberson Awararawoo'i Tapirapé e Mykori Tapirapé. Essa sala anexa também conta com uma merendeira (Apoio à Nutrição Escolar). A pessoa responsável por esse trabalho é Marawi Tapirapé.

#### **4.2.8. Fundação da Aldeia Inataotãwa**

Em 2012, o senhor Aloísio Tamakorawygi Tapirapé, atualmente chamado Warai, decidiu fundar uma nova aldeia na beira do rio Tapirapé, a 60 km de Tapi'itãwa, ao Sul da Terra Indígena Urubu Branco. Antes, ele reuniu a comunidade para saber a posição de cada liderança. A partir desse momento, os professores elaboraram um documento, falando sobre a importância da fiscalização na região do rio Tapirapé, de acordo com a decisão da comunidade Apyãwa. Essa preocupação da comunidade também motivou a ida do Warai, e esse pensamento era a estratégia principal da comunidade: construir uma casa na entrada ou na saída da área para fiscalizar o rio, impedindo o acesso dos pescadores.

Para garantir essa fiscalização, ficou decidida a fundação de uma nova aldeia, chamada Inataotãwa (Figura 33), no local conhecido pelos não indígenas como Santa Luzia, e esse documento elaborado foi encaminhado diretamente ao administrador regional da FUNAI em Palmas (TO). Enquanto isso, a família estava muito animada para conhecer o lugar da nova aldeia.



**Figura 33:** a) Aldeia Inataotãwa. Foto: Xawapa'io Tapirapé; b) Quadro escolar na aldeia Inataotãwa. Foto: Adailton Alves da Silva (2016).

Quando os pescadores não indígenas souberam que a fiscalização estava sendo realizada pelo povo Apyãwa, eles falavam uns para os outros para se informarem, até mesmo perguntavam para os Apyãwa, e os Apyãwa apenas confirmavam a realização da fiscalização no Sul da Terra Indígena Urubu Branco. Com isso, a entrada dos pescadores foi diminuindo no rio Tapirapé.

No início, os moradores da nova aldeia não tinham uma sala de aula para seus filhos e netos, a situação dos alunos era muito precária durante alguns bimestres. Em 2014, Maneãja foi contratada como professora. Em 2015, Xawapa'io Tapirapé foi transferido de Tapiparanytãwa para Inataotãwa, contratado no lugar da Maneãja. Com a chegada do professor Xawapa'io Tapirapé, Maneãja mudou sua profissão e assumiu como merendeira da sala anexa Inataotãwa. Assim, em 2015, Maneãja trabalhou como merendeira, e Xawapa'io Tapirapé continuou a ser contratado como professor no ensino fundamental. Ele começou a lecionar para os alunos em sala multisseriada, fazendo o possível para tirar os alunos das dificuldades. Segundo ele diz, foi difícil trabalhar sem uma melhor estrutura e sem material escolar. Naquele momento, eles apenas aproveitaram a casa do vaqueiro, como sala provisória, e ele foi desenvolvendo o trabalho na sala de aula de acordo com o planejamento previsto. Foi dessa maneira que ele iniciou o trabalho em Inataotãwa.

A comunidade de Inataotãwa também encontra muita dificuldade na parte de saúde, pois, até o momento, o posto de saúde não foi construído, e também os medicamentos estão em falta para atender as pessoas que convivem na aldeia Inataotãwa. Existem apenas alguns medicamentos conseguidos no Polo Base de Saúde para o servidor Estevão Ipa'arawy Tapirapé poder atender seus pacientes de alguma maneira.

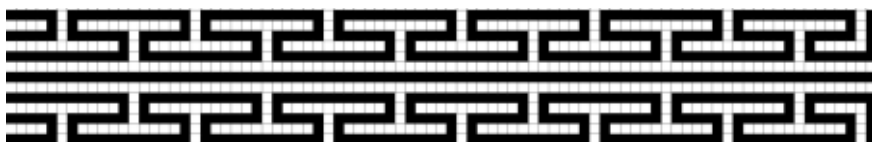


Além desse problema, a comunidade encontra mais dificuldade por não ter um poço específico para beber água potável. Apenas pega a água do rio que é suja. Por isso, as pessoas sentem dor de barriga e vômitos. E também não existe condução para atender os casos de emergência, apesar de haver uma rabeta, canoa funcionando com motor, mas que é muito lenta para atender os casos emergenciais. Por isso, aconteceu uma coisa gravíssima na aldeia Inataotãwa: perdemos a esposa do técnico em enfermagem Estevão Ipa'arawy Tapirapé, uma jovem mulher grávida. Deixou duas filhas e cinco filhos.

Na época das chuvas, que nós chamamos de inverno, a aldeia Inataotãwa fica isolada, porque o rio enche e alaga o varjão, e é muito difícil carro chegar à beira do Rio Tapirapé. Então, pensando nessa dificuldade maior enfrentada pela comunidade, com a morte dessa jovem mulher ocorrida no tempo de inverno, em 2017, a aldeia Inataotãwa recebeu um motor de popa na ocasião em que Reginaldo Kaorewygi Tapirapé trabalhava como presidente do CONDISI. Isso facilitou um pouco, pois surgiu uma condução, resolvendo a questão que era a grande preocupação do cacique. Então, com a pressão da comunidade, junto com o conselho de saúde, foi adquirido um motor de popa para a atual Inataotãwa, o que aliviou um pouco a preocupação de transportar pacientes e deslocar para outra aldeia mais próxima, como Wiriaotãwa.

Já no verão, as coisas melhoram um pouco para a comunidade de Inataotãwa, apenas a queimada é que traz preocupação para Inataotãwa. Como a fumaça é a principal causadora de infecção pulmonar e dor no olho, nesse tempo, o cacique sempre vai até o Polo Base de Saúde para conversar com a senhora Raimunda, a fim de que ela mande o carro com a enfermeira para uma visita uma vez por semana.

## 5. Cursos de formação de docentes: caminhos de autonomia



### 5.1. Projeto Inajá II

O Programa de Formação de Professores Leigos para o Magistério, Projeto Inajá II, foi iniciado no ano de 1994 e concluído em 1996. Esse curso não era especificamente para os povos indígenas, foi um programa criado pelo Governo do Estado de Mato Grosso por meio da Secretaria de Estado de Educação e das Prefeituras Municipais de Santa Terezinha, São Félix do Araguaia, Porto Alegre do Norte, Confresa, Vila Rica, Luciara e Ribeirão Cascalheira. Por isso, estavam incluídos nesse Programa também os professores indígenas Apyãwa e Iny (Karajá).

Os professores indígenas que participaram desse curso foram Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, Júlio César Tawy'i Tapirapé, Xario'i Carlos Tapirapé, Xaopoko'i Tapirapé, Nivaldo Korira'i Tapirapé, Agnaldo Wariniay'i Tapirapé e Kaorewygi Reginaldo Tapirapé, do povo Apyãwa. Dos Iny participaram Belehriru Karajá (Aldeia Itxalá), Sinvaldo Karajá (Aldeia Tytemã), Tereza Karajá (Aldeia Krehawã) e Fernando Hadori Karajá (Aldeia Macaúba).



**Figura 34:** Grupo de cursistas do Projeto Inajá II. Foto: Acervo pessoal de Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé.



**Figura 35:** Aula de campo do Projeto Inajá II. Foto: Acervo pessoal de Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé.



Esses foram os professores indígenas selecionados para participar do curso Projeto Inajá II (Figuras 34 e 35). Havia professores não indígenas de cinco municípios também participando desse curso, como já foi dito. Queremos salientar ainda que esse foi o segundo grupo de professores Apyãwa a sair da Aldeia para estudar nas cidades próximas. E esse curso também foi um dos desafios enfrentados pelos professores Apyãwa na época porque, além de deixar as famílias em casa por trinta dias, o meio de transporte era a bicicleta.

Enfrentavam também o desafio de aprender a conviver em outro ambiente, que era o dos não indígenas. Isso deixava todos muito preocupados, porque a vida cotidiana de cada sociedade era bem diferente uma da outra, principalmente em alguns aspectos da cultura. Mas, superando essas diferenças, foi muito bom ter participado desse Projeto porque aprendemos muitas coisas boas no decorrer do curso, nas aulas práticas e teóricas.

O curso durou três anos, de 1994 a 1996, e ocorreu em etapas presenciais e intermediárias. As etapas intermediárias aconteciam em cada cidade, enquanto as etapas presenciais ocorriam em três municípios: Santa Terezinha, Luciara e Vila Rica. Nas etapas presenciais, vinham os professores da UNICAMP e da UNEMAT, enquanto que, nas etapas intermediárias, ficava tudo por conta dos coordenadores do Projeto e dos monitores.

Nesse Projeto, os professores Apyãwa levaram em consideração, como tema de pesquisa, um problema que envolvia a comunidade, escolhido na disciplina Problemas e Soluções do Sertão do Araguaia (PSSA): “Demarcação das terras do Urubu Branco”. Esse trabalho foi apresentado coletivamente pelos oito professores Apyãwa no final do curso. Isso mobilizou a comunidade Apyãwa e envolveu outros cursistas. Através do Projeto, foram feitos alguns encaminhamentos necessários aos órgãos oficiais, o que apressou a edição da Portaria nº 599, de 02/10/1996, do Ministério da Justiça, que garantiu a demarcação da área.

No final do Projeto Inajá II, todos os professores saíram aptos para o exercício do magistério no ensino fundamental, I a IV série que atualmente é denominado 1º segmento do ensino fundamental. Nessa condição, tivemos oportunidade de cursar também o ensino superior em qualquer estabelecimento de ensino do país. Foi mais uma etapa significativa para os professores que ingressaram nesse curso e, enfim,


**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**ESTADO DE MATO GROSSO**  
**SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO**


PROJETO Nº 11 \_\_\_\_\_  
 Rua Barão deolgoso, 4074 - CENTRO \_\_\_\_\_  
 Curitiba, Paraná \_\_\_\_\_  
 Secretaria do Estado de Educação \_\_\_\_\_  
 Curitiba, Paraná \_\_\_\_\_

AUTORIZAÇÃO RESOLUÇÃO Nº 12.581/91  
**DIPLOMA**

Nos termos da Lei nº 1.882/71, Resolução nº 12.581/91, alterada pela Resolução nº 254/93, CEX, outorgo a **ENZOARA TAMI CIRIVALLDO TAPICHALE**, Cédula de Identidade nº **510.345/582/MT**,

nacionalidade **Brasileira**, natural de **Santa Feculista MT**  
 nascida em **08** de **Junho** de **1974**  
 filha de **Emeceliano José Carlos Tapichale** e de **Marilene Tapichale**  
 a presente Diploma, por haver concluído em **27** de **Novembro** de **1994** o Ensino Médio

modalidade superior habilitação profissional para o magistério de 1ª e 2ª série - Projeto Lusa II.

Curitiba-PR, 24 de Junho de 2001.

Local e Data  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Curso Magistério	Carga Horária	Espaço Reservado ao Órgão Responsável pelo Registro	Dados de Habilitação Profissional
Disciplinas		ESTADO DE MATO GROSSO Secretaria do Estado da Educação COORDENADORIA DE POLÍTICA ESCOLAR CURSOS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA da 1ª FASE em anos nº 061, com atuação de acordo com Portaria Mec/ME nº 8298/11. Cidade, 27 de Junho de 2012.	Título Professor: do Ensino de 1ª e 4ª Série
Língua Portuguesa	300		
Literatura de Língua Portuguesa	60		
Linguagem Artística	120		
Educação Física	60		
História da Arte e Arquitetura	120		
Matemática	360		
Ciências Exatas	420		
Ciências Sociais	120		
Filosofia da Educação	120		
Pedagogia Educacional	120		
Práticas e Soluções Bônus Anuais	60		
Normativa de Prática	120		
Normativa e Prática do Ensino	120		
Educação Infantil	120		
Educação Supervisionada	420		
TOTAL (horas)	3.240		

[ 97 ]

## 5.2. Proformação – Magistério

Em 1999, iniciou-se o Programa de Formação de Professores em Exercício, Proformação, em São Félix do Araguaia. Nesse Programa, a maior parte dos professores participantes era não indígena da região do Araguaia. Eles tinham apenas o ensino fundamental completo. Os indígenas que participaram foram apenas duas pessoas. Eu, Oparaxowi Marcelino Tapirapé e Makato Tapirapé enfrentamos o desafio do primeiro projeto.

O estudo aconteceu no período de janeiro de 1999 até dezembro de 2000, sendo que as etapas ocorriam de quinze em quinze dias em São Félix do Araguaia, aonde todos os professores de aproximadamente dez municípios iam para participar do curso. Lá, acontecia a orientação para a realização do trabalho individual em casa, também durante quinze dias. Durante a aula de orientação, recebíamos quatro livros organizados em sequências de volumes e módulos. Esses livros tinham de ser todos lidos para que os exercícios pudessem ser feitos durante os sete dias. Os outros sete dias eram reservados à realização das provas, e todos os professores cursistas tinham de tirar uma boa nota.

Os cursistas que não tiravam boas notas nas provas tinham de rever todas as disciplinas e estudar cada conteúdo da área de conhecimento por volume e módulo para superar as dificuldades. Os tutores eram responsáveis por organizar as provas durante uma semana porque eram várias as áreas de conhecimento. Ajudar a superar as dificuldades do cursista era uma das obrigações dos tutores. Essa atividade dos tutores era muito importante porque os cursistas reprovados na prova anterior repetiam para alcançar o mesmo nível de estudo dos outros.

Em cada município, havia dois tutores que organizavam os dias das provas no seu município. Eles eram responsáveis por verificar todos os trabalhos que fazíamos individualmente em casa. Assim, nossos monitores de Santa Terezinha eram Odeildo e Rodrigo.

Então, por isso, nós, como cursistas, tínhamos de nos esforçar bastante na leitura e no entendimento das áreas de conhecimento de cada volume e módulo de livros que recebíamos em todas as etapas presenciais em São Félix do Araguaia. Eu, Oparaxowi Marcelino Tapirapé, encontrava dificuldade, mas, com a ajuda da professora Maria Gorete, conseguia superar minha dificuldade porque ela é quem explicava

para eu entender o contexto do assunto das áreas de conhecimento, principalmente da linguagem, da matemática e da lógica. Assim, seguimos o estudo até concluir.

Nesse período, também tínhamos de bancar algumas despesas como alimentação e hospedagem porque, às vezes, o prefeito do município de Santa Terezinha que, na época, era o Cleomenes, não disponibilizava recursos de imediato.

Às vezes, também a condução que buscava a gente e trazia de volta quebrava no meio do caminho, mas conseguíamos chegar em casa. Assim, fomos participando do curso junto com os professores do município de Santa Terezinha (MT).

Nessa época, também a FUNAI bancou algumas despesas como roupas e calçados para nós dois usarmos na formatura no Centro Comunitário em São Félix do Araguaia. Até o combustível foi disponibilizado para nós irmos com a família de barco. O piloto era Francisco Korapa'i Tapirapé, e Kopariwygi Tapirapé era o ajudante. O chefe de posto que nos ajudou bastante também foi Edivaldo Lacerda de Oliveira. Enfim, terminamos o estudo, havendo grande expectativa de continuar a estudar na graduação.

Quando nos formamos em São Félix do Araguaia, ficou na responsabilidade do CEFAPRO nos entregar o diploma, mas isso demorou dois anos e, durante esses anos que passaram, eu, Oparaxowi e Makato (Figura 38) recebíamos o recurso do Estado de Mato Grosso somente no final do ano. Algumas vezes, não recebíamos nosso pagamento e nem por isso desistimos. Só depois que recebemos nosso diploma é que começou a melhorar, pois o salário caía nos meses e dias certos.

Então, logo depois que terminou o primeiro Programa, aconteceu o segundo Programa Proformação, nos anos de 2001 e 2002, ocorrendo o mesmo processo. Nesse segundo projeto, os indígenas que participaram foram Alzirene Iparewao Tapirapé, Daniel Kabixana Tapirapé, de Majtyri, e Valnete Hawàkytohé Karajá, da aldeia Itxalá. As professoras também tiveram a oportunidade de estudar porque já estavam trabalhando na escola. O estudo no Programa Proformação, no Polo de São Félix, foi pensado para a formação de professores dessa região do Araguaia. Portanto, a responsabilidade maior de bancar as despesas era das prefeituras de cada município, eles também tinham seus parceiros. Depois que a segunda turma do projeto se formou, não aconteceu mais o Programa Proformação.



**Figura 38:** Formatura do Programa Próformação.  
Foto: Acervo pessoal de Makato Tapirapé (2000).

### 5.3. Projeto Aranowa'yao: novos pensamentos



**Figura 39:** Aula inaugural do Projeto Aranawa'yao.  
Foto: Ware'i Tapirapé (2004).

Em 2004, inicia-se um grande sonho do povo Apyãwa, o **Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos**. A implementação do Ensino Médio “Projeto Aranowa'yao” na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa foi uma marca e uma conquista muito importante na trajetória da educação escolar Apyãwa. Friso aqui o quanto foi determinante para sua implantação o papel da comunidade, de lideranças Apyãwa, em conjunto com as pessoas que, na época, faziam parte da diretoria da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Tudo em prol de beneficiar os jovens ou a comunidade em geral com esse Projeto de Ensino Médio, como relata uma das envolvidas diretamente no Projeto Aranowa'yao, Eunice Dias de Paula, em seu depoimento. Na época, Eunice era a Coordenadora Pedagógica da Escola.

De acordo com Eunice Dias de Paula, “o Projeto de Ensino Médio, a princípio, foi pensado pela necessidade que os jovens Apyãwa encontravam de prosseguir com seus estudos, ou seja, as nossas escolas, tanto aqui de Tapi'itãwa como de Majtyritãwa, só tinham Ensino Fundamental. E quando as pessoas terminavam o nono ano do ensino fundamental, ficavam paradas, sem poder dar continuidade aos estudos. E já tinha bastante pessoas assim. Então, tinha o pessoal que queria trabalhar na área da saúde, mas não tinha formação e o pessoal que queria trabalhar na escola, mas não tinha também formação de Ensino Médio. Então, a gente começou a discutir o Projeto com a comunidade e o Projeto que ficou pronto, que foi encaminhado para o estado, já era para ter três habilitações.

Na verdade, ele foi pensado assim, era um ensino médio técnico profissionalizante, porque era para fazer médio, Magistério, Técnico de Enfermagem e de Agroecologia. Mas, naquele momento, o estado não aprovou essa proposta, foi aprovado somente Ensino Médio Propedêutico. Assim mesmo, demorou bastante para a SEDUC aprovar. Por isso que nós tivemos a primeira turma aqui na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa com 73 alunos, eram muitos alunos. Porque estava todo mundo esperando e nunca acontecia a continuidade do estudo. Como demorou muito, tivemos que lutar bastante para este Projeto sair e ser aprovado. Então, não tinha outro jeito e fizemos somente Ensino Médio como ele foi aprovado. E, já naquele momento, não havia só a Aldeia Tapi'itãwa, já havia outras aldeias como Akara'ytãwa, Wiriaotãwa e havia Xapi'ikeatãwa também. E assim nós ficamos pensando como que ia atender bem todos os alunos.



Por isso que a proposta foi feita de forma modular, quer dizer, uma etapa intensiva e uma etapa intermediária. Na etapa intensiva os alunos vinham para cá e na etapa intermediária as equipes iam lá nas aldeias verem como que eles estavam fazendo os trabalhos e as pesquisas. E funcionou assim bastante tempo. Eu acho que foi uma proposta muito boa, porque dava mais oportunidade. Assim, por exemplo, as mulheres que tinham bebezinhos pequenos, elas poderiam vir estudar e a rapaziada também que estava estudando, alguns já tinham assumido outros trabalhos na comunidade e não podiam sair todos os dias da aldeia.

Depois que estava implantado o ensino médio modular, nós inscrevemos essa proposta no Prêmio Culturas Indígenas e, no ano de 2007, fomos contemplados com esse Prêmio. Porque foi considerado um Ensino Médio dentro da realidade dos povos indígenas e, sendo assim, atendendo bem os povos indígenas. E, com o dinheiro do prêmio, a gente montou o Laboratório de Informática, compramos motor gerador, porque não tinha energia elétrica naquele tempo. Compramos alguns computadores, depois o estado deu também outros e compramos mesas e armários de madeira. Tudo isso a gente comprou com o dinheiro do prêmio.

Outras coisas importantes que eu acho também do Projeto Arano-wa'yao é que a comunidade participou bastante do projeto, seja colaborando nas pesquisas dos cursistas e também definindo algumas coisas como as aulas de Artes.

O estudo de Artes foi definido pela comunidade, que pensou que a escola tinha que ensinar as artes tradicionais do povo Apyãwa. Então, o professor de Artes, Xario Domingos Tapirapé, foi contratado por notável saber, quer dizer, ele era uma pessoa que sabia fazer bem os trançados, embora não tivesse escolaridade igual à dos *maira* (não indígenas). Mas ele tinha a sabedoria, quer dizer, ele tinha conhecimento para ensinar e muitos jovens conseguiram aprender a fazer *yropema*, *yro*, *miaã-wa*. E as moças também aprenderam as artes do povo Apyãwa. Naquele tempo, a filha do senhor Xario dava aula para as meninas e recuperou a produção do *kywãwa* (pente apyãwa), *apiwaãwa* (diadema), *tamakorã* (enfeite de algodão que envolve as pernas, abaixo do Joelho), *inĩ* (rede de dormir). Muitas já sabiam e muitas aprenderam no Projeto Arano-wa'yao a fazer esses trabalhos de artes femininas. E também teve a parte de música, aí já foi outro sábio da comunidade que veio dar aula.

Korako veio e ele trabalhou muito essa parte de música e hoje a gente vê, com muita alegria, que os jovens aprenderam a cantar, inclusive as moças que cantam no *Ka'o*, hoje, também.

Então, eu acho que foi um resultado bem positivo do Projeto Aranowa'yao, essa recuperação das artes tradicionais e cantos Apyãwa. Os cantos foram registrados no CD Apyãwa rarywa, produzido pela FUNAI. A gente conseguiu muito apoio dos professores que vieram trabalhar sem receber, vieram trabalhar só por amizade mesmo, como a professora Walkíria, a professora Maria Gorete, a professora Joana Plaza, a professora Lucimar, os professores Gilberto e Eulália, o professor Joãozinho, o professor Adailton, a professora Maria Antônia, entre outros. Porque o estado não fazia o contrato desses professores que vinham trabalhar no Ensino Médio “Projeto Aranowa'yao” e, na verdade, tinha sempre um professor Apyãwa junto, era como um estágio. Porque nunca os professores Apyãwa tinham trabalhado com Ensino Médio e era uma oportunidade para eles estagiarem juntos e irem assumindo. E, hoje, na verdade, são os professores Apyãwa que assumem o Ensino Médio.

Uma novidade que esse Projeto ofereceu foi a elaboração do TCC (Figura 40). Normalmente, o Ensino Médio da escola de *maira* não faz esse trabalho do TCC. E acho que uma escola que ofereceu isso, toda essa parte de fazer um TCC, apresentar para a comunidade, isso foi um ganho muito grande. Porque quando vocês entram nas universidades, já têm uma experiência de pesquisa. Então, eu acho que foi uma coisa muito importante, essa parte do Projeto Aranowa'yao ter TCC e a gente tem trabalhos muito bons nos TCCs feitos aqui, com nível já até de universidade. É uma pena que a gente não consegue publicar, mas temos trabalhos excelentes aqui de TCC, mas um dia vamos conseguir publicar, é o meu sonho”.





**Figura 40:** Capa de TCCs da 2ª turma do ensino médio (2007 e 2008).

Fonte: Acervo da Escola Tapi'itãwa.

Percebe-se que o processo de Ensino Médio foi engavetado por um período considerável para ser aprovado e que, por isso, o Projeto Aranowa'yao passou a ser executado na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa somente a partir de 2004. Foram matriculados 71 alunos

cursando a primeira turma. A segunda turma, de 2007 a 2009, contou com 39 cursistas; a terceira turma, de 2010 a 2013, com 41 alunos; a quarta turma, de 2013 a 2015, com 26 alunos cursando no Ensino Médio Projeto Aranowa'yao. Vale lembrar que todos esses alunos estudaram no formato modular anterior do curso, mas ainda sendo Projeto Aranowa'yao de Ensino Médio. Ressalto ainda a importância que a comunidade teve em participar diretamente das pesquisas, acompanhar as apresentações a cada semana nas etapas intensivas, mas também em avaliar o trabalho que cada um defendia diante da banca. Acredito que isso foi uma grande diferença que caracteriza totalmente uma escola indígena como a nossa, comparada com a de *maira* (não indígena). Com isso, os Apyãwa só saíram ganhando, na medida em que os jovens desse curso saíram aprendendo principalmente as artes masculinas, os trançados como *miaãwa*, *yropema*, *peyra*, *yro* e outros, e as moças, várias artes femininas como *kywãwa*, *tamakorã*, *inĩ*, entre outras. Mas também saíram aprendendo as músicas e assim mostrando a qualidade do curso e a importância que ele teve em recuperar e revitalizar os conhecimentos que estavam sendo pouco utilizados pelos Apyãwa. Dessa forma, o Ensino Médio Projeto Aranowa'yao teve um impacto muito positivo em todas as circunstâncias.

A seguir, apresentamos os quadros dos alunos formados pelo “Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos”, com os títulos dos seus trabalhos de conclusão de curso (TCC).

**Quadro 02:** Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos – 1ª turma do ensino médio 2004 a 2006

ORD.	DISCENTES	Título dos TCCs
01	´Adeilda Katoaxowa Tapirape	Iraxao (ritual)
02	´Adilson Xaopoko'i Tapirape	Pintura Corporal
03	´Alex Karaxipa Tapirape	Ywyra Payga – Remédios Tradicionais
04	´Adriana Mytygoo Tapirape	O uso da tatuagem tradicional do povo Tapirape
05	´Aurilene Xajrowi Tapirape	A pintura corporal
06	´Ana Claudia Awokopytyga Tapirape	A origem do temek`wara – Tembeta
07	´Arakae Tapirape	A origem do arco, da flecha e da arma de fogo
08	´Arawy'i Tapirape	Regras de respeito
09	´Arivaldo Takwari'i Tapirape	Xatymawa – Funeral
10	´Arnaldo Axawaj'i Tapirape	Contagem Tapirape
11	´Arokomyo Claudio Junior Tapirape	Xyreni – Mito e ritual

12	‘Awajky’i Cassio Tapirape	‘Resguardo Pos-parto –˜Xekakopawa
13	‘Axia’i Santiago Tapirape	˜Classificação das aves por <i>habitat</i>
14	˜Bismarck Warinimyta Tapirape	‘Calendario Tapirape
15	‘Demilson Makarore Tapirape	A origem do povo Tapirape
16	‘Denilson Kaxipa’i Tapirape	A origem do fogo
17	‘Deuzirene Eirowytygi Tapirape	Ka –‘A roça Tapirape
18	‘Edilson Kanio Tapirape	‘Aves aquáticas do lago Akara’y
19	‘Edimilson Kaxanapio Tapirape	‘A origem do paje
20	‘Eironi Elizete Tapirape	O surgimento da pintura corporal
21	‘Fabiola Mareromyo Tapirape	˜Tawa – A Cara-Grande – ritual
22	‘Fabinho Wataramy Tapirape	˜A organização das frases e as palavras Tapirape
23	‘Gilson Ipaxi’awyga Tapirape	˜Topaxo ou Xaneramoja
24	‘Ikatopawyga Daniela Tapirape	O surgimento da Tawa
25	‘Ima’awytyga Rainel Tapirape	A origem do fogo
26	‘Ipa’arawy Tapirape	O surgimento das plantas da roça
27	‘Ipawygi Rinaldo Tapirape	‘A origem dos nomes do povo Tapirape
28	‘Iranildo Arowaxeo’i Tapirape	˜O ritual do Tataopawa
29	‘Janaina Ataxowí Tapirape	˜Origem de Xawaxiakykoja
30	‘Janete Taixowytyga Tapirape	Receitas de cauim
31	‘Kamairao’i Tapirape	A origem da pintura
32	‘Kamaira’i Sanderson Tapirape	˜Regras da alimentação
33	‘Kamoriwagato Tapirape	Ka’o – ritual
34	‘Kamoriwagato’i Tapirape	Axywewoja – ritual
35	‘Kanio’i Tapirape	˜Awyra apaawa –˜A construção da casa
36	‘Kaxowari’i Tapirape	˜A organização da aldeia Tapirape
37	‘Koria Valdvane Tapirape	<i>Habitat</i> ’ dos mamíferos
38	‘Koxamaxowoo Tapirape	‘A origem do paje
39	‘Koxamytyga Carla Tapirape	Xokyra –˜Fabricação do sal
40	‘Koxamy’i Tapirape	Marakayja – Ritual Festa do Rapaz
41	‘Koxawiri Tapirape	Regras de trabalho das mulheres Tapirape
42	‘Lindalva Mytyga Tapirape	O uso do urucum
43	‘Luzinete Katowyga Tapirape	‘Origem do funeral Tapirape
44	Maakapi’i Jozinaldo Tapirape	‘O empréstimo das coisas
45	‘Magno Okario’i Tapirape	˜O tempo da fermentação do cauim
46	‘Makapoko’i Tapirape	‘Remédios tradicionais
47	‘Mareakawio Tapirape	˜Maxiro – O trabalho na roça em comunidade
48	‘Marewipytyga Tapirape	Resguardo após o parto
49	‘Ma’i’i Tapirape	˜Regra da alimentação do menino
50	‘Okapytygi Tapirape	Choro para o morto
51	˜Okariwa Tapirape	Marakayja – Festa tradicional do rapaz
52	Orokom˜y Tapirape	A origem da borduna
53	‘Orokomy’i Tapirape	˜Tataopawa – Os grupos de co mer juntos
54	‘Paxawari’i Tapirape	‘Horário do povo Tapirape

55	Reinaldo Okareaxowa Tapirape	^Nomes das pessoas que vem dos animais
56	Rivaldo Warinimtygi Tapirape	Regras dos caçadores durante as expedições de caças
57	Rogério Morawi Tapirape	O tempo Tápirape
58	Rosinei Ko'aaro Tapirape	A origem do Xakowi – ritual
59	Tamanaxowoo Tapirape	Ka'o – Festa tradicional Tapirape
60	Tamane Marinalva Tapirape	^A alimentação tradicional do povo Tapirape
61	Tapapytyga Tapirape	Choro para o morto
62	Taparawytyga Vanete Tapirape	^Regras dos nomes Tapirape
63	Taroko Edimundo Tapirape	Tipos de Cauim
64	To'ixigoo Tapirape	^A menstruação da moça
65	Valmir Ipawygi Tapirape	^Casamento do povo Tapirape
66	Warinimtygi Tapirape	A diferença da fala masculina e feminina
67	Xajawytygi Daniel Tapirape	Doenças antigas e atuais: prevenção e tratamento
68	Xawapa'i Tapirape	^O primeiro contato dos Tapirape com os brancos
69	Xawapa'io Tapirape	Os nomes das cores
70	Xawatamy Nelio Tapirape	^Xe'ke'a – Armadilha para pescaria
71	Xe'akawygoo Tapirape	^As leis da Takara

Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa (2018).

### Quadro 3: Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos – 2ª turma do ensino médio 2007 e 2008

ORD.	DISCENTES	TCC
01	Arapa'i Tapirape	Awara'i
02	Arareme'i Tapirape	A regfã da alimentação do povo ^Apyawa
03	Arokomyo'i Fabulo Tapirape	A regra do nome
04	Atapaxowoo'i Janaina Tapirape	^Origem de cerimonia
05	Awarao'i Fabio Tapirape	Origem da flecha
06	Cassia Katoaxowa Tapirape	^Como e feita a Festa de Iraxao
07	Daniel Bidjá'wari Karaja	Mensagem trazida pelos seres vivos
08	Edilson Xywapare Tapirape	^Invasão lingüística
09	Edneia Marearawi Tapirape	^A perda da alimentação tradicional ^dos Apyawa
10	Eliana Mara'awi Tapirape	A regra dos alimentos proibidos
11	Enilda Mareapio T'apirape	^Axopeteri parageta
12	Ima'arawykató'i Tapirape	Regra do uso da tiririca
13	Junior Kaxowario Tapirape	Origem do machado tradicional
14	Kaorewygoo Tapirape	As plantas medicinais
15	Katypyxowa Graciela Tapirape	^Pesca com timbo

16	Kleber Awarárawoo'i Tapirape	Emprestimos da lingua portuguesa
17	Laiana Maneaja Tapirape	Marygato akoma'e xe'ega, kox'y xe'ega
18	Linete Etekato Tapirape	O mito do pilao
19	Marayky Anjinho Tapirape	Historia da Takara
20	Mareaparygi Lisete Tapirape	Os usos da lingua Tapirape
21	Mareapawaxowa Luciana Tapirape	Awa'yaoxeakygetaxiawa
22	Mareapawygi Tapirape	Produção de óleo do povo Apyawa
23	Marexapytyga Daniela Tapirape	A historia de Xyreni
24	Marexapytyga Tapirape	Maxowa Kara
25	Marlon Irepa'i Tapirape	O surgimento dos nomes do povo Apyawa
26	Mykori Tapirape	A origem do ritual de Kawawoo
27	Nubia Ipa'ywa Tapirape	A historia de Waxina
28	Oparaxowa Tapirape	A regra do uso da tiririca
29	Patricia Typyxowa Tapirape	A origem da Takaja
30	Rejane Taparawytygi Tapira'pe	Resguardo do recém-nascido
31	Rosineide Koxama Tapirape	Tataopawa
32	Rovilson Awaetekato'i Tapirape	Xakowi Paramakaxymawera
33	Samuel Oparaxowa Tapirape	Parto tradicional do povo Apyawa
34	Takorawio Tapirape	-
35	Tawxyi'o Robison Tapirape	A importancia da lingua do povo Apyawa
36	Xawarakymaxowa Tapirape	A importancia da nossa Lingua Tapirape
37	Waraxowoo'i Mauricio Tapirape	Ciclos rituais
38	Waromaxi'i Tapirape	Mensagens trazidas pelos seres vivos e pelos astros
39	Wuwelliton Wareapini Tapirape	Os conhecimentos sobre vegetal

Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itáwa (2018).

#### Quadro 04: Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos – 3ª turma do ensino médio 2010 e 2011

ORD.	DISCENTES	Título dos TCCs
01	Adenilson Majwaroo Tapirape	Ritual Tataopawa
02	Adoilson Ipaxi'awyga Tapirape	Kawio
03	Apaxigoo Tapirape	Ipira Xokaawa
04	Andreia Taixowoo Tapirape	Axywewoja
05	Arapiao Milton Tapirape	Origem do Ka'o
06	Ato'a Ernandes Tapirape	Inimapexema'eawa
07	Awaetekato'i Tapirape	Aquisição da Língua Materna pelas Crianças Apyawa

08	‘Carlito Kamaraxe’i Tapirape	Peetora
09	~Cristiano Waromaxi Tapirape	~Koxamoko Xekakopawa
10	‘Ellen Marapy’i Tapirape	~Brincadeira Tradicional do povo Apyawa
11	‘Elias Koraj’i Tapirape	~Teyja Kwajtawa (Discurso para liberar a alegria)
12	Evandro Ikaraxo Tápirape	~Akoma’e Wa’yra re Xekakopawa
13	‘Gildo Okapytyga Tapirape	~Apyawa Koxy~Memyrakawa
14	‘Ima’awytyga Tapirape	~Apyawa Xema’eawa
15	‘Inacio Awaerynoo Tapirape	‘Origem do Timbo
16	‘Ipame’e’i Tapirape	~Origem da Akygetara
17	‘Iparexagato Cristina Tapirape	Marãxokaawa
18	‘Kanio Djalminho Tapirape	~Lingua Materna do povo Apyawa
19	Kararawore Fabinho ‘Tapirape	Origem do Xaneramoja
20	~Kato’ywa Erica Tapirape	~Xawerekaeteawa
21	‘Koxamokoaxiga Tapirape	~Preparação de Kawĩ
22	‘Luzenira Tapirape	Awyra
23	Magno Iakymytywyga ‘Tapirape	~Ka’o Parageta
24	‘Mae’yma Lademir Tapirape	~Organização de Takara
25	‘Mailde Tarywajoo Tapirape	~Desvalorização de Ritual Tawa
26	‘Marawi Tapirape	~Organização da Aldeia do povo Apyawa
27	‘Marawyky Tapirape	‘Xanepayga (Remedio Tradicional)
28	Myére’i Tapirape	~Dia e Escuridao
29	‘Myryxiwyga Tapirape	~Origem dos nomes proprios Apyawa
30	‘Okareaxowi Janilson Tapirape	Iraxao Paawera (Origem de Iraxao)
31	‘Pawyni Eder Tapirape	Mutum e Periquito
32	‘Regiane Tajpaxiri’i Tapirape	Ervas Medicinais e o Modo~de Preparação (Mayga)
33	‘Sergio Awararawoo Tapirape	Significado das palavras
34	‘Tajpaxigoo’i Tapirape	~Takara Apaawa
35	‘Taparawoo’i Tapirape	~A Rede Tradicional do povo Apyawa
36	‘Taparawoo’i Kislene Tapirape	~Xapyykawa
37	~Taropa Tapirape	^A influencia da Energia Eletrica na ~Cultura Apyawa
38	‘Xairowi Tapirape	Eira Reerera
39	‘Xawarakymaxowoo Tapirape	~Xepaanogawa
40	‘Xywapare Edilson Tapirape	~Invasao Linguistica
41	Wariniawytyga Rafael ‘Tapirape	~Remedio Tradicional do Apyawa

Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa (2018).

**Quadro 05:** Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos – 4ª turma  
do ensino médio 2012 a 2014

ORD.	DISCENTES	Título dos TCCs
01	´Alexandro Kamiri Tapirape	~Classificação dos Animais pelos Apyawa
02	´Alex Paireko Tapirape	O'xyrowera
03	Anderson Kamaraxe'i Tapirape	~Apyawa Xajawa
04	´Arinelson Arowaxe'i Tapirape	~Ytykwara
05	´Awarao'i Mayko Tapirape	~Akoma'e Xewyraapawa
06	´Carmen Inamoxigi Tapirape	~Kotatai, Koxamoko Xewyraapawa
07	´Eirowytygi Tapirape	~Apyawa Xapajtawa
08	Elianne Tajpaxigi Tapir'ape	Origem da Ma'yrenẽmaja
09	´Ima'arawy'i Tapirape	~Apyawa Xajawa
10	´Iraero Tapirape	A Origem do Fogo
11	´Irimakwao Tapirape	~Eira Momokawa
12	´Ismael Patari Tapirape	~Takara Mamieawa
13	´Juliana Ikatopawyga Tapirape	~Origem do Paje Apyawa
14	´Katia Mytyga T'apirape	~Variação de Kawi de Milho Apyawa
15	´Korira'i Tapirape	~Apyawa Mama'e Imaperepypyra
16	´Maakapy Tapirape	~Paxe~Akygetara
17	´Marape'i Tapirape	Topaja
18	´Marapipeo'i Iramy Tapirape	~Lingua Antiga do povo Tapirape
19	´Marapy'i Lilian Tapirape	~Xawara Xeparakaawa
20	´Marawi Tatiana Tapirape	~A Origem de Tamakora Xirowera mywi ~Tamakora Xirowerarerekaawa
21	´Mareapawyga Tapirape	~Yrywo'ywawa Parageta
22	´Myaxowoo Rafaela Tapirape	~Apyawa Rexaka
23	´Rafael Okariwa'i Tapirape	~Apyawa Xany Xirowera
24	Taipaxiri'i Tapirape	´A historia de Pityga Parepy
25	´Xe'akawygoo Tapirape	Xowe'akato
26	´Xywaeroo Tapirape	~Apyawa Pax'e Parepy

Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa (2018).

**Quadro 06:** Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos – 5ª turma  
do ensino médio 2014 a 2016

ORD.	DISCENTE	Título dos TCCs
01	´Aramoro'i Tapirape	~Oroko Magyawa
02	´Daniela Ipa'ywa Tapirape	Ma'ema'e ~Apyawa ix'e'ega re, exaka re ~herakawa
03	´Dalvan Mae'yma Tapirape	~Kapitawa Parageta
04	´Heleusa Koxywa Tapirape	~Apyawa Xawerekaawa

05	ʼllo Oparaxowi Tapirape	~Awaxirawi Parageta
06	ʼKellia Ataxowytyga Tapirape	~Taxao Pyykaawa
07	ʼKoxaoni Tapirape	Iky'yja Xir~owera Parageta
08	ʼMareawaxowa Tapirape	~Matawa Xirowera
09	ʼMyaxowi Tapirape	Maja Xirowera
10	ʼXario Tapirape	~Leitura da Natureza pelo povo Apyawa

Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa (2018).



**Figura 41:** Apresentação dos TCCs (2016). Foto: Agnaldo Wariniay'i Tapirapé.

Portanto, o curso aconteceu com o formato da alternância, como foi destacado anteriormente, com uma etapa intensiva, que acontecia na Escola Indígena Estadual “Tapi'itãwa”, aldeia Tapi'itãwa, e com a etapa intermediária, na qual as equipes de professores iam ver o andamento do trabalho e da pesquisa, segundo a professora Eunice, para atender, da melhor maneira possível, a especificidade de cada aluno(a).

A duração de cada etapa do curso era de 30 dias e normalmente este acontecia no período de férias escolares, entre o início de janeiro até fevereiro e também entre o início de julho até agosto. Os intervalos entre os períodos intensivos eram ocupados com a realização dos trabalhos e pesquisas indicados pelos professores de diferentes áreas como Ciências Sociais, Ciências da Natureza, Artes, Língua Indígena, Língua Portuguesa, Matemática e outras que fizeram parte do quadro deste Projeto. Os professores dessas diferentes áreas, inicialmente, eram não indígenas acompanhados pelos professores Apyãwa, que, assim, ganhavam também experiência para assumirem depois. Sendo assim, em pouco tempo, os professores Apyãwa foram assumindo essas vagas, dando continuidade às aulas ministradas no Ensino Médio – Projeto Aranowa'yao.

Um dos professores não indígenas, Adailton, relata sua experiência no Projeto Aranowa'yao. Segundo o professor Adailton, “participar do Projeto Aranowa'yao foi uma experiência ímpar, no sentido de



que ela foi muito rica. Essa riqueza do Projeto foi mais pela troca de experiência tanto de alunos como de professores, comunidade e outras instituições que estavam envolvidas. Tinha professor da UNEMAT, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, tinha vários professores com muitas experiências. E acho que o mais importante é como o Projeto Aranowa'yao foi oferecido aqui na aldeia, é diferente do curso que é oferecido na cidade. Quando esse curso é oferecido aqui na aldeia, tem possibilidade de a comunidade participar mais, participar no sentido de sugerir e avaliar. Agora mesmo eu falei para vocês, uma avaliação muito boa que achava naquela época era aquela apresentação no centro da aldeia (Figura 42). De certa forma, aquela era a avaliação mais verdadeira, porque todos os alunos iam apresentar seus trabalhos sabendo que a comunidade ia olhar, ia sugerir. Se tivesse malfeito, tinha crítica. Então, naquele momento, quando os alunos, no final da semana, iam para o centro da aldeia apresentar seus trabalhos, isso foi muito rico. Essa foi a forma de a comunidade participar pedagogicamente do Projeto, da execução, estava avaliando. E era bom para nós, professores, que, ao escutar os velhos falarem, nós também planejavamos o curso como que a gente ia trabalhar. Porque ouvia eles falarem isso, aí nós começávamos a pensar no curso que íamos oferecer. Tanto eles avaliavam os alunos como também sugeriam algo para nós, professores, pensarmos como melhorar. Então, cada vez que a gente vinha para trabalhar no Projeto, a gente repensava o que a gente tinha feito na etapa anterior. Porque, na hora que eles avaliavam vocês no centro da aldeia, eles estavam nos avaliando também, porque nós é que estávamos trabalhando com vocês. É uma das avaliações mais verdadeiras que eu achava, mais verdadeiras no sentido de cada um falar do outro. Eu me lembro da época em que a gente fez a maquete, os velhos vinham na escola, faziam avaliações sugestivas de como melhorar. Então, naquela época da minha experiência no Projeto, acho que aprendi muito nesse sentido, fazer um trabalho coletivo e sempre foi coletivo e discutido. Outra coisa também muito forte, a experiência que vivenciei, é que o Projeto estava ancorado na pesquisa. Todos os trabalhos que a gente ia desenvolvendo, vocês iam fazendo pesquisa, tanto é que vocês têm muito material guardado na escola de tantas pesquisas que fizeram. Então, outra vertente do Projeto muito boa e rica era trabalhar o ensino com pesquisa. Isso ficou forte do início ao fim. E a gente vê hoje isso repercutir na prática de vocês. A gente vai olhar nos murais, nas paredes, resultados de pesquisas. Essa vertente forte da pesquisa, foi bastante responsável

pelo sucesso do Projeto. Porque no momento da pesquisa, vocês tanto discutiam questões de conteúdo, questões culturais do povo em si e questões políticas, por exemplo, território, demarcação, fogo. Essas questões atuais que estão deixando o povo Apyãwa preocupado. Então, a minha experiência foi muito rica para mim nesse sentido de aprender nesse Projeto essas vertentes e o aspecto coletivo. A gente nunca trabalhava no sentido de que “eu que estou fazendo”. Não, éramos nós, todo mundo fazendo junto. E, na minha avaliação, daqueles que participaram, acho que a maioria entendeu isso, porque a gente vê, hoje, nas práticas da sala de aula. Agora mesmo estava olhando cartaz na sala, na disciplina de História, não sei quem que fez. Mas está na disciplina de História, como produção das crianças sobre memorial. Isso nós fizemos na época, vocês falavam quem eram vocês, colocavam fotografias. Então, o Projeto Aranowa'yao trouxe essas questões para a gente pensar e aprender juntos”.

Os professores não indígenas que colaboraram com o Projeto Aranowa'yao foram os seguintes: Maria Gorete Neto, Joana Plaza Pinto, Walkíria Neiva Praça, Luiz Gouvêa de Paula, Marcos Wesley e Lucimar Luisa Ferreira, da área de Linguagens e Artes; Aguel Messias, Antonio Francisco Malheiros, Agenora Moraes da Silva, Maria Antonia Carniello e Augusta Eulália Ferreira, da área de Ciências da Natureza; Rita de Cássia de Azevedo, Adailton Alves da Silva, João Severino Filho e André Wampurã de Paula, da área de Matemática e Informática; Gilberto Vieira dos Santos, Maria Regina Rodrigues e Sélvia Carneiro de Lima, da área de Ciências Sociais; Lucas Poletto, da Educação Física.



**Figura 42:** Apresentação, no centro da aldeia, dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do **PROJETO ARANOWA'YAO – NOVOS PENSAMENTOS**. Foto: Luiz Gouvêa de Paula (2005).

## **5.4. Novo Formato do Projeto Aranowa'yao**

O Projeto Aranowa'yao é um curso que está formando os cursistas Apyãwa, concluindo o ensino médio na aldeia. O objetivo desse curso Aranowa'yao é desenvolver com os cursistas os conhecimentos do povo Apyãwa na escola e fora da escola. Em busca desses conhecimentos, os cursistas desenvolvem as atividades de pesquisa na comunidade. Em 2016, aconteceu o novo formato do Projeto Aranowa'yao, que alterou o modo de organização das Etapas.

A partir dessa mudança, o Aranowa'yao está acontecendo de quinze em quinze dias. Durante quinze dias, os cursistas estudam na etapa presencial; outros quinze dias são para desenvolver atividades na comunidade, pesquisando.

Hoje, os cursistas do Aranowa'yao estão enfrentando dificuldades de transporte, principalmente os cursistas que não moram em Tapi'itãwa. Eles estão continuando a estudar no Aranowa'yao. Mas o transporte não é suficiente para os alunos. Além dessa dificuldade, os alunos estão enfrentando o problema da estrada, que é ruim e dificulta que cheguem na hora certa.

Assim mesmo, os cursistas continuam mantendo o seu estudo no Aranowa'yao. Hoje, são os cursistas da 5ª turma que estão continuando a participar do curso Aranowa'yao. Através desse curso, os alunos Apyãwa estão buscando conhecimentos muito importantes sobre nosso povo Apyãwa. Por isso, o curso Aranowa'yao é muito importante para as futuras gerações do povo Apyãwa, pois, nesse curso, estamos formando os jovens Apyãwa, que continuam estudando no Ensino Médio Aranowa'yao.

## **5.5. Projeto Aranowa'yao – Magistério Intercultural**

O Projeto Aranowa'yao – Magistério Intercultural, aprovado em 2010, tornou-se a realização de um sonho longamente acalentado, pois a primeira proposta havia sido elaborada e enviada para a SEDUC em 2002.

Esse Projeto de Magistério Intercultural foi pensado com e para os docentes Apyãwa, mas o curso incluiu também a matrícula de docen-

tes Iny (Karajá) e Apyãwa da Área Indígena Tapirapé-Karajá, município de Santa Terezinha (MT), sendo cinco da Aldeia Itxala: Airebu Karajá, Lourenço Teworymy Karajá, Iolo Txyxe Karajá, Bismael Ipa'arawy Tapirapé e Josué Irana Karajá e seis da aldeia Hawalora: Fábio Toilari Tapirapé, Iparewao Tapirapé, Kaorewygoo Tapirapé, Josué Sarikina Karajá, Klebi Kasiwera Karajá e Barroso Werehabu Karajá.

Os docentes Apyãwa da Terra Indígena Urubu Branco, em número de 62, vieram de sete Aldeias:

De Tapi'itãwa: Ikatopawyga Daniela Tapirapé (Maxero'i), Kaxowari'i Tapirapé (Tanawe'i), Koxawiri Tapirapé, Xawatamy Nélío Tapirapé (Oka'i), Fabíola Mareromyo Tapirapé, Mareaparygi Lisete Tapirapé (Moray'i), Demílson Makarore Tapirapé, Reinaldo Okareaxowa Tapirapé (Xare), Ko'aaro Tapirapé, Kamaira'i Sanderson Tapirapé, Taroko Edimundo Tapirapé (Maxa'io'i), Arakae Tapirapé, Kamairao'i Tapirapé, Xajawytygi Daniel Tapirapé (Are'i), Adriana Mytygoo Tapirapé (Warara'i), Arokomyo Cláudio Junior Tapirapé, Arokomyo'i Fábulo Tapirapé (Warikaxao), Awarao'i Fábio Tapirapé (Kapywã), Waromaxi'i Tapirapé, Júnior Kaxowario Tapirapé, Koxamaxowoo Tapirapé (Marape), Núbia Ipa'ywa Tapirapé (Marema'i), Lindalva Mytyga Tapirapé (Iraero), Xawarakymaxowa Tapirapé (Taraweo'i), Koxamy'i Tapirapé e Denílson Kaxipa'i Tapirapé.

De Wiriaotãwa: Tamanaxowoo Tapirapé (Pirixigoo), Kamairao'i Tapirapé (Ato'ã), Marewipytyga Tapirapé (Myere), Adilson Xaopoko'i Tapirapé (Taxiromyo) e Samuel Oparaxowa Tapirapé.

De Towajaatãwa: Rogério Myryxiwygi Tapirapé (Koj'i), Ima'arawykató'i Tapirapé (Karamyãra), Xe'akawgoo Tapirapé, Paxawari'i Tapirapé (Korimaxo'i), Eironi Elizete Tapirapé e Orokomy Tapirapé (Korawa'i).

De Tapiparanytãwa: Deuzirene Eirowytygi Tapirapé (Noxa'i), Rosineide Koxama Tapirapé (Koxapa), Arivaldo Takwari'i Tapirapé (Wyra'ywi), Linete Etekato Tapirapé e Warinimytygi Tapirapé (Tanimoki).

De Myryxitãwa: Koria Valdvane Tapirapé (Yrywaxã), Orokomy'i Tapirapé (Arawyo) e Kléberson Awararawoo'i Tapirapé (Axa'a'i).

De Akara'ytãwa: Valmir Okareaxowa Tapirapé, Xawapa'i Tapirapé (Arapaxigi), Koxamytyga Carla Tapirapé (Mypytygoo), Rivaldo Warinimytygi Tapirapé (Marakawyo) e Janete Taixowytyga Tapirapé (Maremaxowa).

Esses docentes são da Terra Indígena Urubu Branco e da Área Indígena Tapirapé-Karajá. Além dos professores que já assumiam salas de aula, foram aceitos também professores auxiliares que estagiaram junto a outros professores, iniciando-se, assim, na profissão, a fim de atender a demanda futura, uma vez que a população Apyãwa encontra-se em fase de grande crescimento.

A abertura do curso ocorreu no dia 21 de junho, na Aldeia Tapi'itãwa, no ano de 2010, com a presença de um grande número de lideranças indígenas e autoridades convidadas: Professora Fátima Aparecida da Silva Rezende, Professora Letícia Queiroz, Professor Félix Adugoenau Bororo, membros da Coordenação da Educação Escolar Indígena da SEDUC-MT; Professora Francisca Novantino Paresi, membro do CEEI – Conselho de Educação Escolar Indígena (MT), Sra. Evany Costa dos Santos, assessora pedagógica de Confresa, Sra. Terezinha, Secretária Municipal de Educação de Confresa, além do Secretário Municipal de Educação de Santa Terezinha (MT). Na ocasião, foi assinado um Termo de Compromisso entre as duas prefeituras e o Estado, com a finalidade de garantir transporte escolar aos cursistas.

O cacique-geral do povo Apyãwa, Xario'i Carlos Tapirapé (Kamajrao), falou de sua emoção ao ver o Magistério aprovado para acontecer na Aldeia, relembrando que esse curso era um grande sonho de todos os Apyãwa. Aconselhou que todos levassem com seriedade os seus estudos. A coordenadora, Eunice Dias de Paula (Kato'ywa), relembrou as palavras de um grande líder Apyãwa, já falecido, que comparou o trabalho dos professores a quem faz “tiririca” (escarificação): “o professor é como quem faz tiririca, ele trabalha para os outros”.

O curso aconteceu em 04 Etapas Intensivas e 04 Intermediárias, iniciando em junho de 2010 e finalizando em fevereiro de 2012.

O curso de Magistério Intercultural Projeto Aranowa'yao estava embasado em dois objetivos principais: a) garantir a formação inicial aos docentes do povo Apyãwa e do povo Iny que dele participaram; b) produzir material didático-pedagógico específico para as Escolas Apyãwa e Iny.

A formação inicial se revestiu também do caráter de formação continuada, uma vez que a maioria dos docentes cursistas já se encontrava no efetivo exercício da profissão, assumindo salas de aula em suas aldeias.

O curso de Magistério Intercultural Projeto Aranowa'yao foi mantido pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Algumas entidades parceiras também contribuíram para a realização do Projeto:

- em primeiro lugar, citamos a comunidade Apyãwa (Tapirapé) da Aldeia Tapi'itãwa, que hospedou os cursistas em suas casas;

- o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e a Prelazia de São Félix do Araguaia, que contribuíram com a hospedagem e a alimentação dos professores convidados de todas as Etapas bem como com a documentação fotográfica do Projeto. Além disso, todos os contatos (telefônicos e por correio eletrônico) com os docentes foram também assumidos pela equipe do CIMI-Prelazia de São Félix do Araguaia.

- a Prefeitura de Confresa, que contribuiu com o transporte dos cursistas das Aldeias Wiriaotãwa, Towajaatãwa, Tapiparanytãwa, Myryxitãwa e Akara'ytãwa para participarem das Etapas e com uma parte da alimentação para o Seminário da Formatura;

- a Prefeitura de Santa Terezinha, que contribuiu com o transporte dos cursistas das Aldeias Hawalora e Itxala;

- a Prefeitura de Porto Alegre do Norte, que contribuiu com uma parte da alimentação do Seminário da Formatura.

- Instituições de ensino superior (UFMT, UFMG, UnB, UNEMAT, UNICAMP, UFRJ, UMSS), com a participação solidária de alguns de seus docentes, que se dispuseram a vir sem remuneração. Do mesmo modo, agradecemos a disponibilidade das Irmãzinhas de Jesus, que colaboraram de várias maneiras para o sucesso do Magistério Intercultural.

Durante esse curso do Projeto Magistério Intercultural, foram trabalhados os componentes curriculares próprios da formação docente, tais como: Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Filosofia da Educação, História da Educação Brasileira e História da Educação Escolar Indígena, Políticas Linguísticas, Bilinguismo e Aquisição de segunda língua, Língua e Cultura Apyãwa e Língua e Cultura Iny.

**Quadro 07:** Relação de docentes que trabalharam no Projeto Arano-wa'yao – Magistério Intercultural

<b>PROFESSOR/INSTITUIÇÃO</b>	<b>DISCIPLINA MINISTRADA</b>
Profª. Heloisa Salles Gentil – UNEMAT (coordenadora do Mestrado em Educação)	Sociologia da Educação
Profa. Fernanda Sarmiento Macruz – UFMG	Historia da Educação Brasileira Oficina de criação de fantoches
Prof. Luiz Gouvea de Paula – E.I.E Tapi'itawa Prof. Josimar Xawapare'ymi Tapirape – E.I.E Tapi'itawa	Historia da Educação Escolar Indígena
Prof. Luiz Augusto Passos – UFMT Profª. Maria Aparecida Rezende – UFMT	Teorias do conhecimento e Filosofia da Educação
Prof. Marcus Maia – UFRJ	Políticas Linguísticas
Prof. Luiz Amaral – UMASS, Universidade de Amherst (EUA) Prof. Luiz Gouvea de Paula – EIE Tapi'itawa	Bilinguismo e Aquisição da 2ª. Língua
Profa. Chang Whan – UFRJ e Museu do Índio-RJ	Planejamento do Ensino de Artes Oficina com cordeis
Prof. Adailton Alves da Silva – UNEMAT	Planejamento do Ensino de Matemática
Prof. Carlos Alfredo Arguello – UNICAMP	Planejamento do Ensino de Ciências da Natureza
Profa. Agueda da Cruz Borges – UFMT	Planejamento do Ensino de Língua Portuguesa
Profa. Dulce Pompeo de Camargo – PUC-Campinas/UNICAMP	Planejamento do Ensino de Ciências Sociais Territórios Indígenas – a luta pela demarcação das áreas e os territórios culturais
Profa. Eunice Dias de Paula – EIE Tapi'itawa Profa. Walkiria Neiva Praça – UnB	Planejamento de Ensino da Língua Materna
Profa. Beleni Salete Grando – UFMT	Linguagem Corporal de Movimentos

Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, 2018.

Para concluir o curso, os docentes pesquisadores realizaram entrevistas com os sábios das Aldeias para a elaboração de seus trabalhos como TCC. Essas entrevistas têm relação com a cultura dos povos Apyãwa e Iny, e todos os nomes dos autores e os títulos das pesquisas estão apresentados no quadro a seguir:

## Quadro 08: Relação de TCCs elaborados pelos cursistas

CURSISTAS	TÍTULO DO TCC
01. Arakae Tapirape	Xaokawa – as regras do banho
02. Arivaldo Takwari'i Tapirape	Temí'oxirowera
03. Arokomyo Claudio Junior Tapirape	Temí'oiymyna – alimentos tradicionais
04. Arokomyo'i Fabulo Tapirape	Axywewoja
05. Awarao'i Fabio Tapirape	A regra da menstruação da moça
06. Demilson Makarore Tapirape	A astronomia do povo Tapirape
07. Denilson Kaxipa'i Tapirape	Ervas medicinais
08. Deuzirene Eirowytygi Tapirape	Kapypira
09. Eironi Elizete Tapirape	Mensagens – maranowa
10. Ikatopawyga Daniela Tapirape	Takope – o terreiro das casas
11. Junior Kaxowario Tapirape	Xetanogawa
12. Kamaira'i Sanderson Tapirape	A regra do luto
13. Kaxowari'i Tapirape	Temekwara – o tembeta
14. Koxamy'i Tapirape	Karaxa
15. Koxawiri Tapirape	Aquisição da língua materna pela criança Apyawa
16. Koxamaxowoo Tapirape	Mara'a
17. Lindalva Mytyga Tapirape	Marakayja, a festa dos rapazes
18. Mareaparygi Lisete Tapirape	Koxyxemoona – a pintura das mulheres
19. Nubia Ipa'ywa Tapirape	Mara'a
20. Orokomy Tapirape	Alimentação e a regra de consumo dos alimentos
21. Paxawari'i Tapirape	Mimaka'e
22. Reinaldo Okareaxowa Tapirape	Xigy-Xeke'ywa
23. Rosinei Ko'aaro Tapirape	Ataaramokwaapawa – as regras da caçada
24. Rosineide Koxama Tapirape	Kawio
25. Tar'oko Edimundo Tapirape	Pitygamawyawa – Pytygamaxaroawa
26. Xawapa'i Tapirape	Axywewoja -akygyro
27. Xawarakymaxowa Tapirape	Temekwara – os usos do tembeta
28. Waraxowoo'i Mauricio Tapirape	Xetanogawa
29. Warinimytygi Tapirape	Kawixirowera
30. Waromaxi'i Tapirape	Xakowi
31. Adilson Xaopoko'i Tapirape	Separação do casal Apyawa
32. Arnaldo Axawaj'i Tapirape	Arte e artesanato
33. Awararawoo'i Kleber Tapirape	Sistema de comunicação da família Apyawa
34. Barroso Werehabu Karaja	Iny Bohona
35. Bismael Ipa'arawy Tapirape	O parto e os primeiros cuidados com o bebe do povo Iny
36. Edmilson Kaxanapio Tapirape	Preocupação com os alimentos típicos
37. Fabio Toilari Tapirape	Alimentação tradicional do povo Iny
38. Fabiola Mareromyo Tapirape	Pinturas corporais do povo Apyawa
39. Ima'arawykat'o'i Tapirape	Roça tradicional do povo Apyawa
40. Iolo Txyxe Karaja	A primeira menstruação da moça Karaja
41. Ipawareo Tapirape	Koxyimemyrama'e – a mulher com filho
42. Iranildo Arowaxeo'i Tapirape	Nomes próprios do povo Apyawa



'43. Janete Taixowytyga Tapirape	~Paxe~akygetara – ćocar do Paje
'44. Josue Irana Karaja	~Origem do Aruana
'45. Josue Sarikina Karaja	-
'46. Kamajrao'i Tapirape	Xigy
'47. Kaorewygoo Tapirape	Plantas medicinais
'48. Klebi Kaxiwera Tapirape	Jihuhu Berōhoka – diluvio
'49. Koria Valdvane Tapirape	~Saude e alimentaęao do povo Apyawa
'50. Koxamytyga Carla Tapirape	~Koxamoko xekakopawa – o resguardo da moęa
'51. Lourenęo Teworymy Karaja	Casamento tradicional do povo Iny
'52. Marewipytyga Tapirape	~Paxe – o paje
'53. Orokomy'i Tapirape	O respeito da fala dentro da casa
'54. Rivaldo Warinimytygi Tapirape	Conhecimentos tradicionais do povo Apyawa sobre maraxokarera
'55. Rogerio Morawi Tapirape	~Artesanato do povo Apyawa
'56. Samuel Oparaxowa Tapirape	~Axaexemanapawa
'57. Tamanaxowoo Tapirape	Iraxao
'58. Tawyxi'o Robison Tapirape	Tipos de flechas do povo Iny
'59. Valmir Ipawygi Tapirape	~Resguardo da mulher gestante ate o termino da amamentaęao
'60. Xajawytygi Daniel Tapirape	~Plantas medicinais do povo Apyawa
61. Xawatamy Nelio Tapirape	~A preparaęao da crianęa Apyawa para o futuro
'62. Xe'akawygoo Tapirape	Xigy

Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itāwa (2018).

Esses trabalhos foram apresentados para a comunidade, para os anciões que participaram da cerimônia analisarem e sugerirem alguma complementação que ainda estava faltando colocar nos trabalhos de algum cursista. Nessa cerimônia, todos os alunos do ensino médio se enfeitaram e fizeram a abertura. Na sequência, houve a apresentação dos TCCs pelos formandos durante os períodos matutino e vespertino. As apresentações aconteceram do dia vinte dois ao dia vinte e cinco de fevereiro do ano de 2012. No dia 25, aconteceu a cerimônia de colação de grau do Magistério Intercultural.



**Figura 43:** a) Aula do Magistério (12/2010). Foto: Adailton Alves da Silva; b) Professoras Apyãwa enfeitadas para a cerimônia de formatura do Magistério. Foto: Luiz Gouvêa de Paula (2012).

## 5.6. Participação dos Apyãwa no Projeto Haiyô

O Projeto Haiyô era um curso de formação de professores indígenas em nível de magistério, oferecido pela SEDUC do Estado de Mato Grosso, iniciado em 2006. Nessa época, a grande maioria dos professores Apyãwa tinha apenas Ensino Fundamental completo e eram cursistas do Projeto Aranowa'yao 'Ensino Médio'. Apenas sete professores tinham formação superior, aliás, tinham acabado de se formar no curso de Licenciatura Intercultural da UNEMAT, e outros cinco tinham ingressado recentemente no mesmo.

O Projeto Haiyô tinha quatro polos onde aconteciam as etapas: em Juína, Comodoro, Parque do Xingu e Canarana. É nessa última cidade que os professores Apyãwa participavam. As vagas para participar do projeto eram distribuídas por região, conforme o número de professores indígenas no estado. A região Araguaia, por exemplo, ficou com oito vagas no total, distribuídas para professores Apyãwa e professores Iny do estado de Mato Grosso. Três vagas eram destinadas aos professores Apyãwa da Escola Indígena Estadual "Tapi'itãwa" (T.I. Urubu Branco) e duas vagas eram para professores Apyãwa da Escola Indígena Estadual Tapirapé (Área Indígena Tapirapé-Karajá). Outras três vagas eram destinadas aos professores Iny, duas vagas na aldeia Itxala e uma na aldeia Krehawã (São Domingos).

A escolha dos professores Apyãwa para participarem do projeto Haiyô aconteceu numa reunião promovida pela gestão da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Eram várias as pautas da reunião, e uma delas

era justamente o Projeto Haiyô. A busca pela formação era imensa, muitos professores queriam participar, infelizmente, as vagas eram poucas. Principalmente os professores que atuavam nas salas anexas, naquela época, não tinham formação inicial. E foi esse o critério utilizado para preencher as vagas.

Depois de muitas discussões e debates entre professores, fomos escolhidos, eu, Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, o professor Arnaldo Axawaj'i Tapirapé e Bismarck Warinimytã Tapirapé. Eu e Arnaldo Axawaj'i atuávamos na sala anexa Wiriaotãwa, e o Bismarck Warinimytã, na sala anexa Akara'ytãwa, da Terra Indígena Urubu Branco. Da aldeia Maityri (A.I. Tapirapé-Karajá) foram escolhidas as professoras Iraero Tapirapé e Mana'yri Tapirapé. E das aldeias Karajá foram mais três professores Iny.

Nós três, da T. I. Urubu Branco, participamos uma vez só da etapa do curso em Canarana. Era uma etapa muito difícil, encontramos bastantes dificuldades, não sei se aconteceu alguma melhora durante outras etapas.

Começamos a primeira semana de aula numa escola estadual de Canarana, onde também ficávamos hospedados. Cada um de nós recebeu colchonete e um lençol. Café da manhã, almoço, janta e lanche da tarde eram entregues pelo funcionário de um restaurante de lá, e a água era por conta de cada um. Quem não tinha condição de comprar, bebia a água do banheiro. Não havia bebedouro naquela escola. Muitas vezes, ficávamos sem almoço ou janta porque nem sempre o que vinha na marmita a gente podia comer devido à norma cultural.

Depois, não sei e não lembro o que tinha acontecido; na segunda semana, fomos transferidos para o Parque de Exposição Agropecuária. Nesse parque, ficamos alojados, e as aulas foram ministradas nesse local. Era muito mais precário, pois dividíamos espaço com animais (gado e cavalos) e com um depósito de ração. O cheiro era horrível, mas foi ali que continuamos e terminamos a etapa num barracão. Ao final da tarde, os cursistas se juntavam para discutir as questões problemáticas. Mas nada conseguimos solucionar.

No final do segundo semestre desse mesmo ano (2006), surgiu outra oportunidade para nós, professores Apyãwa, dessa vez o ingresso na UFG (Universidade Federal de Goiás). Ainda não tínhamos concluído o Projeto Aranowa'yao, mas já era a reta final do curso. Em razão de todas as situações aqui mencionadas, os gestores daquela época contri-

buíram grandiosamente para que a gente pudesse participar do vestibular. Dessa forma, conseguimos participar da primeira seletiva do Curso de Licenciatura Intercultural da UFG.

Conseguimos fazer inscrição e fomos prestar vestibular em Palmas. Doze professores Apyãwa conseguiram passar, entre eles nós três (Arnaldo Axawaj'i, Bismarck Warinimytã e Gilson Ipaxi'awyga). Com isso, deixamos as três vagas do Projeto Haiyô para outros professores Apyãwa. As vagas foram preenchidas pelos professores Koria Vald-vane Tapirapé, Xawapa'io Tapirapé e Tapapytyga Tapirapé (Karaxamori). A professora Iraero, da aldeia Majtyri, também passou naquela prova, e a vaga dela ficou com a Priscila Tamanaxowa Tapirapé, da mesma aldeia.

No ano seguinte, Koria Vald-vane Tapirapé também passou na seletiva da UNEMAT, deixando sua vaga para trás. Se não me engano, ele também só participou de uma etapa do Haiyô. Nessa altura, ninguém mais queria sair da aldeia para fazer curso de magistério, e a vaga ficou sem ser ocupada pelo povo Apyãwa. A professora Mana'yri também passou na segunda seletiva do Curso de Licenciatura Intercultural da UFG, deixando mais uma vaga livre.

No final, só o professor Xawapa'io e a professora Karaxamori (Tapapytyga), da escola E. I. E. Tapi'itãwa, e Priscila Tamanaxowa, da escola de Majtyri, E. E. I. Tapirapé, concluíram o Projeto Haiyô em 2010. Dos professores Iny foram Waxiy e Maidoré da aldeia Itxala e Habuyja da Aldeia Krehawã (São Domingos).

## 5.7. Curso Técnico em Agroecologia do IFMT – Confresa-MT



**Figura 44:** Alunos Apyãwa em atividade prática no Curso Técnico em Agroecologia do IFMT. Foto: Kamaira'i Sanderson Tapirapé (2010).

O curso técnico em Agroecologia é um projeto que foi promovido em 2014 em parceria com as seguintes instituições: MEC, SEDUC, IFMT, E.I. Estadual Tapi'itãwa e prefeitura de Confresa. O objetivo era responder aos anseios da comunidade Apyãwa.

Isso foi pensado pela comunidade devido à preocupação com a sustentabilidade dos rituais. Para acontecerem os rituais, é necessário haver produção de banana e mandioca. Esses dois produtos são relevantes e, mais significantes ainda, para a realização do ritual da *Tawã*, Cara Grande. De nenhuma forma, esse ritual poderia acontecer sem banana e mandioca; não se pode deixar de realizar esse ritual por falta desses produtos.

A agroecologia é um projeto crucial que envolveu a comunidade para refletir mais ainda sobre a melhoria de vida, visando sempre ao cotidiano e ao futuro de nossa comunidade, mantendo presentes os saberes acumulados do nosso povo Apyãwa.

Então, por isso, foi pensado esse Projeto para preparar mais os jovens nessa área, construindo um novo conhecimento sobre o solo certo que serve para a produção dos nossos alimentos tradicionais. Na produção e no consumo de qualquer um desses alimentos produzidos na nossa terra, não há risco de sofrer consequências para a saúde, pois os produtos serão mais saudáveis e ricos em vitaminas.

E todos esses produtos serão oferecidos para a comunidade. Também nesse curso, os jovens vão se especializando, fazendo suas práticas, acreditando e fortalecendo os conhecimentos tradicionais. Esse projeto de agroecologia corresponde aos anseios da comunidade, dando essas condições de levar as ideias certas no sentido de recuperar alguns produtos que foram menos utilizados. Inclusive, nós temos poucas pessoas experientes nessa área, ou seja, possuidoras de conhecimentos tradicionais. Por isso, a comunidade Apyãwa abraçou esse projeto com essa finalidade.

O nosso povo Apyãwa vive em comunidades apoiadas nas atividades agrícolas que sempre fizeram parte dos nossos hábitos alimentares fundamentais e culturais, e sempre usamos mandioca, banana, milho, abóbora e outros produtos.

Esses produtos agrícolas fazem parte da dieta do nosso povo e abastecem a aldeia central, por ocasião das grandes festas anuais. A colheita de produtos agrícolas também é feita de forma combinada. E,

na economia do nosso povo Apyãwa, são mais frequentes as atividades ligadas à agricultura e à coleta de frutas nativas.

Então, nesse curso, foram aprovadas 40 vagas para os jovens Apyãwa estudarem, tendo sido selecionados estudantes de todas as aldeias para participarem do curso técnico em Agroecologia.

A comunidade também escolheu o professor Josimar Xawapare'yimi Tapirapé como intérprete, para traduzir as explicações do professor não indígena para que os alunos pudessem entender corretamente as explicações. Então, ele tinha também papel muito importante nesse aspecto.

Atualmente, os jovens que atuaram nesse curso e se especializaram nessa área de Agroecologia vão atender as necessidades da comunidade Apyãwa referentes aos produtos citados acima. Esse foi um projeto que contribuiu com os jovens Apyãwa para terem novos conhecimentos.

E agora a comunidade está na expectativa para que esse projeto continue, porque muitos jovens Apyãwa ainda precisam de oportunidade para estudar nesse curso de Agroecologia, para que não queiram habitar fora da aldeia em busca de trabalho.

Nesse curso de Agroecologia, foi contratado o senhor José Pio Xywaeri Tapirapé para explicar os conhecimentos tradicionais do povo Apyãwa sobre o solo, pois ele é um conhecedor desse assunto. Essa orientação foi muito importante para os jovens aprenderem qual é a importância de plantar os alimentos tradicionais nos solos adequados.

A primeira merendeira que ficou trabalhando nesse projeto de Agroecologia foi Mareapiĩ Tapirapé. Depois, ela desistiu de trabalhar nesse projeto de Agroecologia. Em seguida, com a reunião da comunidade, a senhora Kaj'i foi escolhida para trabalhar no projeto de Agroecologia como merendeira. A partir dessa decisão, ela começou a trabalhar fazendo a comida para os cursistas. Em todas as etapas, ela estava presente no trabalho dela. Por isso, ela recebeu agradecimentos dos cursistas de Agroecologia.

Em reunião da comunidade, o professor Arakae Tapirapé foi escolhido para trabalhar junto com a equipe que estava articulando o curso de Agroecologia. Em todas as etapas que estavam acontecendo, Arakae estava dando aula para os alunos de Agroecologia. A maior parte do trabalho dele foi prática, aproveitando os conhecimentos do povo Apyãwa dentro desse projeto.

Por isso, cada cursista aprendeu a importância dos conhecimentos do povo Apyãwa nesse curso. No dia 30 de março de 2017, foi o grande evento de formatura dos cursistas Apyãwa na aldeia Tapi'itãwa, conforme relação de formandos a seguir:

**Quadro 09:** relação dos formandos do Curso Técnico em Agroecologia

NOME DOS ALUNOS	NOME DOS ALUNOS
Apaxigoo*(Apaxigoo Tapirape)	'Awaetepytyga Tapirape
Arapa'i*(Arapa'i Tapirape)	'Iparexagato Cristina Tapirape
Awatori* (Awarawyga Edmilson Tapirape)	Wariniawytyga* (Wariniawytyga Rafael Tapirape)
'Ikaraxo* (Evandro Ikaraxo Tapirape)	*Kamarare* (Taropa Tapirape)
'Ima'awytyga Tapirape	'Janaina Ataxowi Tapirape
*Itaria* (Xakarewãja Tapirape)	'Piri'i* (Marexapytyga Tapirape)
Jamilson Maropawygi Tapirape	'Marawyky Tapirape
Lademir Mae'yma Tapirape	Tawaxare'i* (Kararawore Fabinho Tapirape)
*Marewa* (Marewa Tapirape)	Magno Iakymtywyga
'Renato Kaorewygoo Tapirape	'Itariao* (Kanio Djalminho Tapirape)
Tamakorawyga* (Marayky Anjinho Tapirape)	Okario* (Edilson Xywapare Tapirape)
*Tamanekwawoo Pedrinho Tapirape	Ipaxi'awyga* (Adoilson Ipaxi'awyga Tapirape)
Taparawoo'i*(Taparawoo'i Tapirape)	Manaxero* (Katypyxowa Graciela Tapirape)
Taropaxowoo*(Koraj'i Tapirape)	Maxarawoo* (Gildo Okapytyga Tapirape)
Wyratari* (Myryxiwyga Tapirape)	'Taparawoo'i Kislene Tapirape
'Xawarakymaxowoo Tapirape	'Myryxiwygi Tapirape
'Awaetekato Tapirape	'Oparaxowa Tapirape
Obs.: Os Apyãwa mudam de nome em diferentes fases de suas vidas. O (*) representa o nome do aluno e aluna usado na aldeia na data de produção desse livro seguido, entre parenteses, do nome que consta em seus documentos pessoais (Nota dos organizadores).	

Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa (2018).

\*Nome atual



## 5.8. Implantação da Educação Infantil



**Figura 45:** a) Crianças Apyãwa da Educação Infantil. Foto: Kamaira'i Sanderson Tapirapé; b) Crianças Apyãwa observando a anciã Tajpa confeccionar pityga pa'yra. Foto: Marema'i Tapirapé (2015).

A educação infantil começou no ano de 2007, quando o senhor Mauro Sérgio era prefeito de Confresa (MT). O senhor prefeito Mauro Sérgio pensou em implantar a educação infantil na aldeia Tapi'itãwa, onde se localiza a sede da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. A comunidade Apyãwa não esperava a implantação da educação infantil dentro da nossa aldeia. Nessa época, também não havia sala específica para a educação infantil. A diretora era Makato Tapirapé, o presidente do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar – CDCE era Xaopoko'i Tapirapé. O prefeito deu liberdade para a diretora escolher um professor e a diretora escolheu um professor juntamente com a comunidade, até porque para escolher um professor é sempre junto, o diretor e a comunidade. Então, por isso, a comunidade, juntamente com a diretora, escolheu Orokomy'i Tapirapé (Arawyo) como professor da educação infantil.

O primeiro professor, Orokomy'i Tapirapé, prestou serviço na educação infantil na aldeia Tapi'itãwa. O professor dava aula para as crianças na língua materna. As aulas aconteciam no barracão da comunidade, pois não existia uma sala específica para a turma da educação infantil estudar. O professor Orokomy'i Tapirapé ficou trabalhando somente no ano de 2007. Em 2008, ele foi trabalhar no polo base de saúde indígena em Confresa.

Em 2008, Edmilson Kaxanapio Tapirapé entrou como professor da educação infantil, no lugar de Orokomy'i Tapirapé, para prestar serviço no mesmo trabalho. As aulas continuavam no barracão da comunidade no período matutino. O professor Kaxanapio trabalhou somente



um ano também. Depois disso, ele foi para a aldeia Majtyri e deixou o cargo novamente.

No ano de 2009, Ikatopawyga Daniela Tapirapé assumiu essa função para continuar a mesma atividade para as crianças. Nessa época, o prefeito Gaspar Domingos Lázari abriu outra turma na aldeia Tapiparanytãwa, onde o Professor Warinimytygi Tapirapé está trabalhando. De 2009 a 2012, ficaram somente duas turmas de educação infantil nas comunidades Apyãwa.

Em 2013, o prefeito Gaspar Domingos Lázari abriu mais uma turma na aldeia Tapi'itãwa, porque a quantidade de crianças aumentou. Somente aqui na aldeia Tapi'itãwa existem duas turmas de educação infantil. Naquele ano, a professora Ikatopawyga Daniela Tapirapé ficou dando aulas com Adeilda Katoaxowa Tapirapé. Em 2013, as crianças começaram a estudar em duas turmas; as de quatro anos ficaram com a professora Adeilda Katoaxowa Tapirapé, enquanto as de cinco anos ficaram com a professora Daniela Ikatopawyga Tapirapé. Em 2013, a comunidade Apyãwa conseguiu junto à prefeitura construir uma sala para a educação infantil e para a turma do curso de Agroecologia estudarem.

De 2007 a 2015, a educação infantil não contava com merendeira específica para atender as crianças. Em 2016, a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa conseguiu nomeação para o cargo de merendeira para atender somente a nutrição da educação infantil. Então, foi assim que se iniciou a educação infantil na aldeia Tapi'itãwa e na aldeia Tapiparanytãwa.

Mailde Tarywajoo Tapirapé (Mareakeri) assumiu o cargo de encarregada da nutrição da educação infantil em 2016. Em 2017, aconteceu a eleição para prefeito e vereadores em Confresa e o Dr. Ronio Condão ganhou a eleição. Após a eleição, a nova gestão abriu edital incluindo as vagas da aldeia Tapi'itãwa e Tapiparanytãwa. Por isso, jovens Apyãwa se inscreveram para concorrer às vagas no município de Confresa. Então, o quadro de professores e das encarregadas da nutrição foi modificado em 2017.

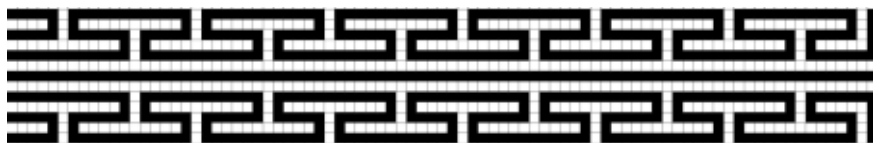
Em 2017, a professora Ikatopawyga Daniela Tapirapé atuou na aldeia Tapiparanytãwa, onde antes o professor Warinimytygi Tapirapé atuava. No ano anterior, ela atuava na aldeia Tapi'itãwa. A professora foi para a aldeia Tapiparanytãwa porque o professor Waraxowoo'i Mauri-

cio Tapirapé foi aprovado para a aldeia Tapi'itãwa no exame seletivo do município de Confresa.

Em 2017, os professores que foram aprovados no exame seletivo do município de Confresa foram estes: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, Adeilda Katoaxowa Tapirapé e Ikatopawyga Daniela Tapirapé. Já como responsável pela nutrição, foi aprovada Katypyxowa Graciela Tapirapé. Por isso, ela está atuando para atender a Educação Infantil. Então, foi assim que se iniciou a educação infantil nas aldeias Tapi'itãwa e Tapiparanytãwa.



## **6. Formação Continuada na Escola Apyãwa: construindo caminhos**



### **6.1. Oficina de Produção de Texto e Leitura**

Nossa Escola sempre se preocupou com a formação continuada dos docentes, contando com a assessoria dos professores e professoras Eduardo Sebastiani, Marineuza Gazetta, Wilmar D'Angelis, André Toral, Yonne Leite, Ruth Monserrat, entre outros.

As informações sobre a primeira Oficina de Produção de Texto e Leitura, apresentadas a seguir, foram retiradas do relatório produzido quando foi realizada a oficina.

Esse encontro foi organizado a partir da solicitação das comunidades, feita pelos professores Apyãwa e Iny, quando aconteceu o primeiro curso assessorado pelo prof. Wilmar D'Angelis em dezembro de 1995. A oficina se destinou aos professores Apyãwa das aldeias Majtyritãwa e Tapi'itãwa e aos professores Iny das aldeias Tytema e Itxala.

Destinava-se também aos agentes de saúde indígena das referidas aldeias, que, infelizmente, não puderam participar devido à realização simultânea de uma etapa do Projeto Xamã, acontecida em São Félix do Araguaia. A oficina foi aberta também aos alunos do 8º e 9º anos da Escola Estadual Indígena Tapirapé.

O período de realização da oficina foi de 16 a 20 de dezembro de 1995, e as atividades foram realizadas alternadamente nas aldeias Majtyri e Tytema. O assessor convidado foi o já citado prof. Dr. Wilmar D'Angelis, linguista da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas.

A organização esteve a cargo da equipe do CIMI e da Prelazia de São Félix do Araguaia, que assumiu as articulações necessárias à realização do encontro e também os gastos financeiros. Os participantes do curso foram os seguintes:

1. Adão Uraha Karajá
2. Alberto Orokomy'i Tapirapé
3. Xaopoko'i Tapirapé
4. Arnaldo Axawaj'i Tapirapé
5. Bismark Warinimytã Tapirapé
6. Edi Matolori Karajá
7. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé
8. Josimar Xawapare'ymi Tapirapé
9. Júlio César Tawy'i Tapirapé
10. Kamoriwa'i Elber Tapirapé
11. Kaorewygi Reginaldo Tapirapé
12. Nivaldo Korira'i Tapirapé
13. Oparaxowi Marcelino Tapirapé
14. Sinvaldo Wahuka Karajá
15. Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé
16. Eunice Dias de Paula (Equipe do CIMI)
17. Luiz Gouvêa de Paula (Equipe do CIMI)
18. Maria Lopes (Equipe do CIMI)
19. Jacqueline Hecht (Equipe do CIMI)

## **6.2. Primeira Convenção da língua Apyãwa**

O encontro, chamado de 1ª Convenção da língua Apyãwa, foi realizado de 3 a 9 de agosto de 1997, em Santa Terezinha (MT), assessorado pela Profª Dra. Yonne Leite, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. O encontro nasceu de proposta feita pelos professores Apyãwa, em dezembro de 1995, no curso com o professor Wilmar D'Angelis. A professora Yonne Leite é muito importante na história da

Escola, pois ela ajudou desde o início e sempre foi uma aliada na luta pela terra. Yonne deu curso para os professores Apyãwa, discutindo como é usada a língua na oralidade e na escrita.



**Figura 46:** a e b) Estudos da língua Apyãwa com a Profª Yonne Leite em Tapi'itãwa (1999); c) Estudos da língua Apyãwa com a Profª Yonne Leite em Majtyritãwa (1998). Fotos: Luiz Gouvêa de Paula.

Nessa convenção, cada professor apresentou sua preocupação com a língua Apyãwa, como podemos adquirir a forma de usar as palavras na escrita. Com muita luta, através das Oficinas de Formação Continuada, os professores Apyãwa vieram se fortalecendo ainda mais para usar a língua materna, conforme nós organizamos junto com a professora Yonne Leite, junto com Teny (Luiz) e Kato'ywa (Eunice).

Naquela época, poucos professores Apyãwa estavam se formando através desse curso, explicando sua experiência na sala de aula,

usando a língua Apyãwa. Aconteceu, várias vezes, o encontro dos professores Apyãwa para discutir a convenção da língua Apyãwa.

Além de discussão, nós, professores Apyãwa, apresentamos nosso trabalho para a comunidade aprovar todas as decisões sobre a língua materna e sobre como podemos estudar na escola a língua escrita com os alunos. Então, os estudos foram muito importantes para os professores Apyãwa irem se formando nesse curso com a professora Yonne. Através dela, nós aprendemos a discutir as regras da nossa língua materna Apyãwa.

Finalizando, apresento os nomes dos participantes da convenção da língua Apyãwa:

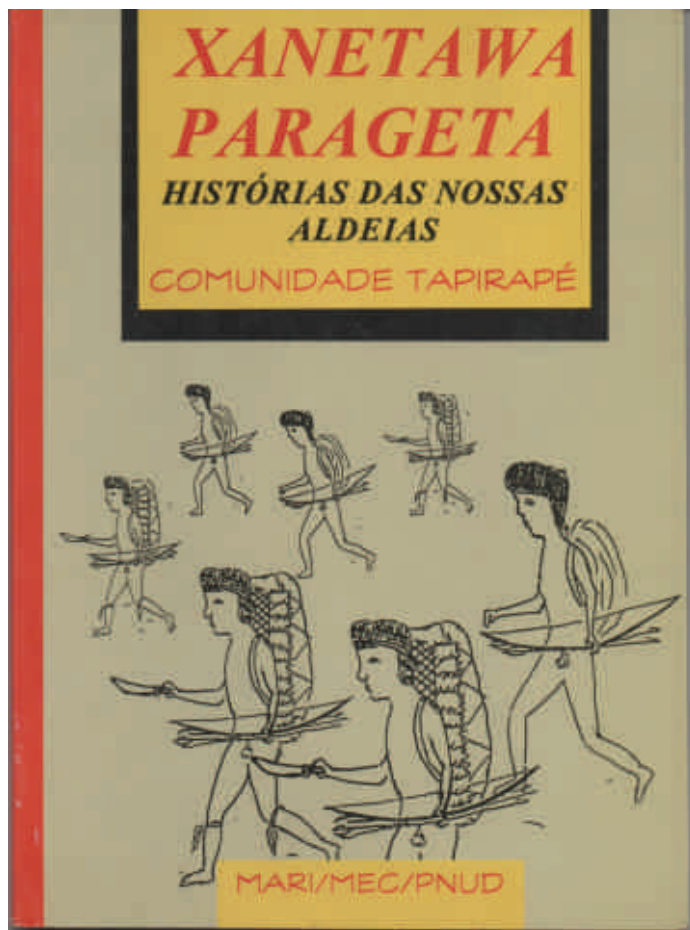
Nivaldo Korira'i Tapirapé (Paroo'i), Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé (Kararawore), Xaopoko'i Tapirapé (Iarareo), Oparaxowi Marcelino Tapirapé (Toto'i), Alberto Orokomy'i Tapirapé, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé (Jeremy'i), Agnaldo Wariniay'i Tapirapé, Xario'i Carlos Tapirapé (Kamajrao), Júlio César Tawy'i Tapirapé (Irimakwao), Makato Tapirapé (Koxamare'i), Reginaldo Kaorewygi Tapirapé (Inamoreo), Luiz Gouvêa de Paula (Tenywaãwa), Eunice Dias de Paula (Kato'ywa) e Odila Eglin (Taparawa).

### **6.3. Oficina de História do Povo Apyãwa**

Em 1992, o antropólogo André Amaral de Toral assessorou uma oficina de formação continuada na aldeia Orokotãwa. Juntamente com ele, os professores e os estudantes Apyãwa pesquisaram sobre o que suas histórias e mitos têm a ver com a luta dos Apyãwa pela recuperação de seu território. Os professores Apyãwa registraram várias de suas histórias e, na época, inclusive, fizeram um livro riquíssimo acerca da história do povo Apyãwa, chamado Xanetãwa Paragetã, História das nossas Aldeias (Figura 47).

A realização do trabalho só foi possível graças a um esforço conjunto dos alunos, da direção da escola, formada por ex-alunos, da liderança do grupo, do casal da equipe indigenista da Prelazia de São Félix, Luiz e Eunice, responsáveis pela instalação da escola, e de André Toral, antropólogo e pesquisador do Centro Mari, da Universidade Estadual de São Paulo (USP). As pesquisas foram realizadas em 1992 pelos alunos da Escola Estadual Indígena Tapirapé, que entrevistaram os idosos

do povo Apyãwa que viveram na região da Serra do Urubu Branco, Yrywo'ywãwa, e conheciam os lugares das aldeias antigas. As histórias foram registradas em nossa língua materna e em português.



**Figura 47:** Livro de História das Aldeias Antigas produzido na oficina com André Toral em 1992 e publicado em 1996. Fonte: Acervo da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

#### **6.4. Terceiro Curso sobre Língua Apyãwa – Sintaxe da Língua Apyãwa**

De 20 a 27 de setembro de 1999, aconteceu outro encontro dos professores Apyãwa na aldeia Tapi'itãwa (Terra Indígena Urubu Branco). Esse encontro foi assessorado pela prof<sup>a</sup> Dra. Yonne de Freitas Leite.



O curso começou com uma revisão do que foi estudado nos dois encontros anteriores. O estudo focou mais na fonética ou sons da língua Apyãwa e na fonologia ou sons que fazem contraste entre si, marcando diferenças nos significados das palavras de uma língua. Por exemplo:

aa 'ele ou ela vai' - a'a 'carne'

Nos exemplos, aparece o apóstrofo que marca uma oclusão glotal, ou seja, o fechamento do ar na glote, entre duas vogais, que faz diferença de significado em Apyãwa. Por isso, a oclusão glotal é um fonema na língua Apyãwa. Existem vários exemplos do fonema que o povo Apyãwa usa na língua. Naquele curso, aprendemos a identificar as letras que podemos usar para escrever os fonemas da língua Apyãwa. Precisamos entender, por exemplo, porque a criança está escrevendo sem marcar as palavras que têm glotal ou nasalização. Então, esse curso foi muito importante porque estudamos as regras da escrita das palavras e dos sons das palavras. Além das regras das palavras, estudamos a sintaxe da língua Apyãwa ou as regras que organizam as palavras numa frase. Por isso, esse estudo foi bem discutido com todos os professores que participaram dessa oficina. Finalizando, apresentamos os professores, agentes de saúde Apyãwa e alunos do oitavo ano participantes do curso.

### **Professores Apyãwa:**

1. Nivaldo Korira'i Tapirapé
2. Agnaldo Wariniay'i Tapirapé
3. Júlio César Tawy'i Tapirapé
4. Josimar Xawapare'ymi Tapirapé
5. Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé
6. Kaorewygi Reginaldo Tapirapé
7. Kamoriwa'i Elber Tapirapé
8. Xaopoko'i Tapirapé
9. Oparaxowi Marcelino Tapirapé
10. Ronaldo Komaoro'i Tapirapé
11. Myryxiwygi Tapirapé
12. Bismark Warinimytã Tapirapé
13. Arnaldo Axawaj'i Tapirapé

**Agentes de saúde Apyãwa:**

1. Rinaldo Ipawygi Tapirapé
2. Xajawytygi Daniel Tapirapé

**Alunos do 8ª ano:**

1. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé
2. Fabinho Wataramy Tapirapé
3. Koria Valdvane Tapirapé
4. Adilson Xaopoko'i Tapirapé
5. Taroko Edimundo Tapirapé

**Professores não indígenas:**

1. Luiz Gouvêa de Paula
2. Maria Gorete Neto
3. Eunice Dias de Paula (Assessora pedagógica). Houve também a participação da Irmãzinha Odila Eglin. Vale ressaltar que as Irmãzinhas sempre deram muito apoio e participaram dos estudos sobre a língua Apyãwa.

**6.5. Seminário sobre criação de palavras novas na língua Apyãwa**

Em 2010, os professores indígenas Apyãwa pensaram em criar alternativas para nomear algumas tecnologias que não faziam parte da cultura Apyãwa, e a comunidade participou das discussões em relação a esse trabalho. Então, os professores, junto com a direção da escola, organizaram um seminário para criar as palavras na nossa língua, junto com a comunidade. Durante três dias, discutiram sobre criação das palavras. Foram apresentadas aproximadamente 300 palavras, e nós registramos algumas delas. Por exemplo:

Estilete: kye

Gelo: 'yxemainá

Chave da casa: awyrakotỹja

Janela de casa: awyrapyakwãra

Mesa: mytema

Giz: totoxiga

Caneta: paraxiryna

Balinha: eiryta'i

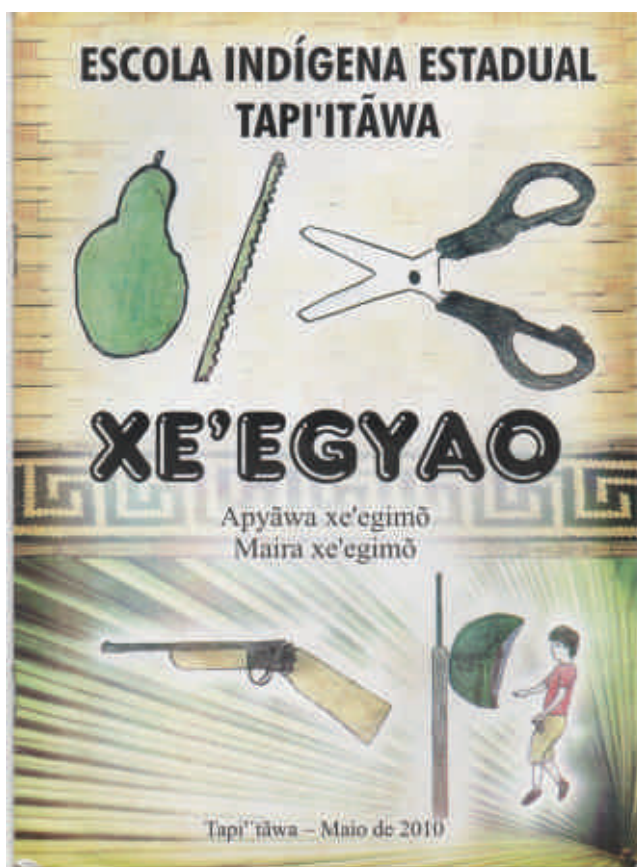
Bolo: koroxo

Cigarro: petymamyna

Sorvete: eixemamyna

Maça: akoxityrywaryna (Figura 48)

Nós criamos essas palavras na nossa língua para fazer o livro *Xe'egyao*, pois, nós, o povo Apyãwa, nos preocupamos com a nossa língua, porque muitas vezes os objetos dos não indígenas são falados pelo nome português. Por isso, nós fizemos esse livro para a escola, para poder trabalhar com os alunos e alunas e manter a nossa língua como povo Apyãwa.



**Figura 48:** Livro *Xe'egyao*, produzido em seminário para discutir palavras criadas na língua materna para substituir vocábulos da língua portuguesa (2010). Fonte: Acervo da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

## 6.6. Formação Continuada da UNEMAT/FAINDI

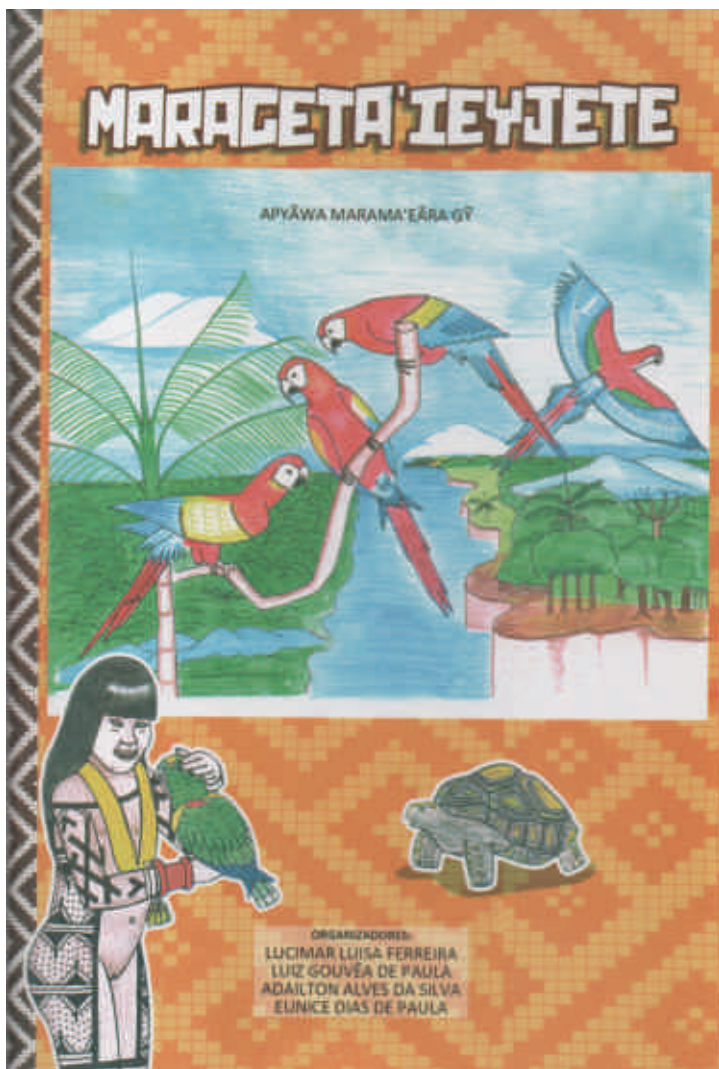
O projeto de formação continuada com o apoio da Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT começou em 2014 na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. A equipe de professores veio assessorar os professores Apyãwa na aldeia Tapi'itãwa e quarenta e cinco professores Apyãwa participaram da primeira oficina. Os professores que fizeram parte desse projeto de formação continuada foram Adailton Alves da Silva, Eunice Dias de Paula, Lucimar Luisa Ferreira, Luiz Gouvêa de Paula e João Severino Filho.

O projeto consistiu em desenvolver, através de Oficinas Pedagógicas, a formação continuada dos professores das escolas da Terra Indígena Urubu Branco e da Área Indígena Tapirapé/Karajá. O objetivo das Oficinas era a sistematização de material de apoio didático-pedagógico e a implementação de uma metodologia de ensino pautada nas concepções, necessidades e realidade do povo, tendo em vista que a Educação Escolar é uma das grandes preocupações dos Apyãwa. Todas as Oficinas foram desenvolvidas na aldeia Tapi'itãwa, em parceria com a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa e com a comunidade Apyãwa. A seguir, as oficinas pedagógicas de formação continuada realizadas:

- 1ª Matemática e Meio Ambiente – 06 a 09/05/2014 – (40 horas)
- 2ª Matemática e Sociedade Apyãwa – 08 a 12/09/2014 – (40 horas)
- 3ª Matemática e Linguagem Apyãwa – 20 a 24/04/2015 – (40 horas)
- 4ª História em Quadrinhos (Língua Apyãwa) – 07 a 11/09/2015 – (40 horas)
- 5ª Seminário de Língua Apyãwa – 14 a 18/03/2016 – (40 horas)
- 6ª Fases de Vida Apyãwa/Tapirapé – 02 a 04/05/2016 – (40 horas)
- 7ª História em Quadrinhos (Língua Portuguesa) – 20 a 24/06/2016 – (40 horas)
- 8ª Sistematização do Livro Histórias Divertidas I – 24 a 28/04/2017 – (40 horas)
- 9ª Produção do livro Tecnologia Apyãwa – 04 a 08/12/2017 – (40 horas)

10ª Sistematização do livro História da Educação Apyãwa – 07 a 11/05/2018 – (40 horas)

11ª Sistematização do livro História da Educação Apyãwa – 27 a 31/08/2018 – (40 horas)

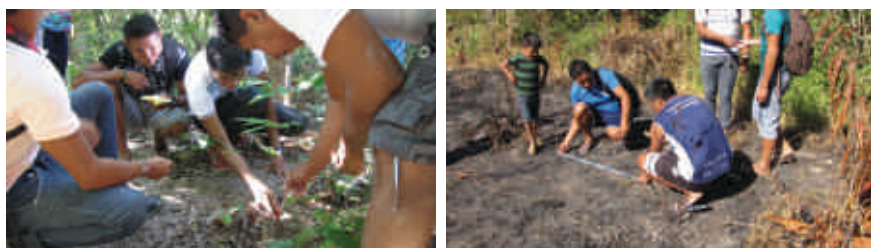


**Figura 49:** Livro Marageta'iyjete – Histórias em Quadrinhos, produzido durante as Oficinas de Formação Continuada (2017).

**Fonte:** Acervo da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

### 6.6.1. Relato do trabalho de um grupo

No dia 06 de maio de 2014, na aldeia Tapi'itãwa, T. I. Urubu Branco, no município de Confresa (MT), tivemos um encontro de formação de professores Apyãwa. O objetivo foi discutir o ensino de matemática através da pesquisa em diferentes lugares como córrego, cerrado, mata e lugares onde houve queimada.



**Figura 50:** Professores cursistas na aula de campo (Matemática e Meio Ambiente).  
Foto: Adailton Alves da Silva (maio/2014).

Durante a pesquisa em quatro lugares diferentes, os grupos catalogaram todas as plantas, animais e objetos encontrados em um metro quadrado de terreno. Para produzir um bom trabalho, preparamos o roteiro da pesquisa que ia ser feita durante a aula de campo pelos alunos. O roteiro de pesquisa é obrigatório para os grupos realizarem um bom trabalho e, por ele, o aluno pode acompanhar a atividade desde o início até sua conclusão. Veja o seguinte roteiro: a) Delimitar uma área de um metro quadrado; b) Catalogar todas as plantas, animais e objetos que encontrar na superfície dessa área; c) Escavar uma camada de dez centímetros e catalogar todas as plantas, animais e objetos que encontrar nessa profundidade do solo; d) Escavar mais outra camada de dez centímetros e catalogar todas as plantas, animais e objetos que encontrar nessa profundidade do solo.

O meu grupo levou enxada, fita e linha, e medimos um pequeno terreno de um metro quadrado. Nesse metro quadrado, catalogamos as plantas, animais e objetos encontrados. Seguindo o nosso trabalho, aprofundamos cavando esse espaço delimitado, onde foram encontrados outros seres vivos que estão no subsolo. Cavamos mais vinte centímetros de profundidade e encontramos apenas areia e umidade. Retornando à sala de aula, sistematizamos os dados em forma de estatística e fizemos tabela e gráfico. A partir dessa sistematização, catalogamos a

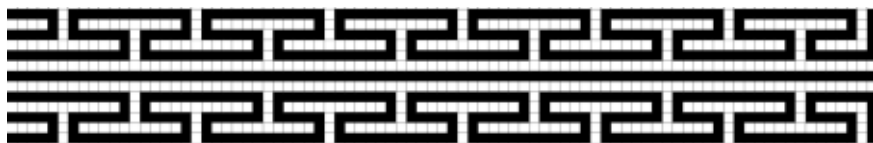
vida de plantas e animais e a presença de objetos em lugares diferentes como córregos, cerrados, matas e queimadas e analisamos a quantidade de vida em cada um dos lugares.

Através dessa pesquisa, analisamos e percebemos a qualidade da vida na mata. E, mesmo a vida encontrada, é uma grande preocupação para a comunidade Apyãwa, pois a queimada é inevitável. Existem algumas pessoas da comunidade que pensam em tocar fogo para limpar o caminho que vai para a caçada ou pescaria. E não pensam que o fogo destrói a vida de milhares de seres vivos. Por esse motivo, precisamos nos unir para controlar a queimada que ocorre todo ano. Além dela, existe a fazenda que destrói a mata para plantar soja, milho, cana e outros produtos.

Também há pecuaristas que só pensam em produzir gado e outros animais domésticos. Então, na visão do nosso grupo, podemos nos unir, lutar e incentivar as crianças na sala de aula a evitarem o prejuízo que o fogo traz para nós e para o meio ambiente.



## 7. Os Apyãwa e o Ensino Superior



### 7.1. Primeiros Estudantes Apyãwa na Universidade

A Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, em 1992, criou o Projeto Licenciaturas Parceladas, na região do Araguaia, para atender a uma demanda de professores que ainda não tinham graduação. Na região, ainda não tinha sido implantado nenhum curso de nível superior. Assim, em janeiro de 1992, aconteceu o vestibular para os cursos de Matemática, Letras e Pedagogia, tendo sido aprovados 50 alunos para cada um desses cursos.

Nesse vestibular, dois professores Apyãwa, os senhores Kamoriwa'i Elber Tapirapé e Ronaldo Komaoro'i Tapirapé, foram aprovados e, por sua vez, iniciaram a primeira etapa de seus estudos em julho de 1992. Infelizmente, não chegaram a concluir seus estudos, desistindo na terceira etapa do curso devido a diversas dificuldades, uma delas de caráter financeiro. Na época, ainda não existiam instituições de governos que pudessem fornecer o recurso para manter os alunos indígenas no curso.

Kamoriwa'i Elber Tapirapé desistiu porque seu pai veio para a região do Urubu Branco lutar pela retomada dessa área. Falou que preferia lutar junto com o pai. Por esse motivo, Ronaldo Komaoro'i Tapirapé também desistiu e, ainda mais, eles dois encontraram muita dificuldade. Além disso, visto que a metodologia de ensino era diferente, não se acostumaram a estudar junto com os não indígenas.



## 7.2. Os Apyãwa na Faculdade Indígena Intercultural – UNEMAT

A Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI/UNEMAT tem contribuído com indígenas no Estado de Mato Grosso, ao longo dos últimos anos, com ações que repercutiram em nível internacional. A Faculdade entende que não é suficiente possibilitar o acesso do povo indígena à Educação Superior, também é necessário viabilizar condições de apoio didático e científico aos professores indígenas.

A UNEMAT iniciou, em 2001, em Barra do Bugres (MT), a Faculdade Indígena Intercultural. Com a luta, os povos indígenas conseguiram a Faculdade somente para os professores indígenas.

### 7.2.1. Primeira Turma de Acadêmicos da UNEMAT

Em 2000, os professores indígenas fizeram a inscrição para o primeiro vestibular da UNEMAT, *campus* de Barra do Bugres, específico para os professores indígenas.

Na primeira turma, ingressaram sete professores Apyãwa: Ware'i, Paroo'i, Kamajrao, Myao, Wariniay'i, Xako'iapari e Orokomy'i (Figura 51).



**Figura 51:** Acadêmicos Apyãwa da primeira turma da Faindi/Unemat (2006).  
Foto: Acervo pessoal de Xario'i Carlos Tapirapé.

Durante cinco anos, estudamos juntamente com outras etnias, e nossa formatura foi no ano de 2006. No quadro a seguir, constam os títulos das pesquisas que realizamos e apresentamos sob a forma de TCC.

**Quadro 10:** Alunos da primeira turma de Licenciatura Intercultural da FAINDI/UNEMAT

TURMA	NOME	TÍTULO DO TCC
2001/2	Agnaldo Wari niay'i Tapirape	Estudo comparado de palavras do tupi e do Tapirape e mudanças na língua Tapirape atual
2001/2	Alberto Orokomy'i Tapirape	Pintura corporal tradicional do povo Tapirape
2001/2	Kamoriwa'i Elber Tapirape	A importância das palmeiras na confecção de arte para o povo Tapirape
2001/2	Nivaldo Korira'i Tapirape	Ka'ó: a festa dos passaros
2001/2	Oparaxowi Marcelino Tapirape	Educação escolar indígena entre os Tapirape
2001/2	Rael Xako 'iapari Tapirape	Xapirowawa': o funeral Tapirape
2001/2	Xario'i Carlos Tapirape	Cantos dos Xakowi

Fonte: Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat (2018).

## 7.2.2. Segunda Turma de Acadêmicos da FAINDI/UNEMAT

O povo Apyãwa é um povo sempre ativo no que se refere à educação; por isso, em 2005, mais seis professores Apyãwa ingressaram na Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso). Os professores e professoras Apyãwa que ingressaram no curso são os seguintes: Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, Júlio César Tawy'i Tapirapé, Xaopoko'i Tapirapé, Makato Tapirapé e Daniel Kabixana Tapirapé.



**Figura 52:** Da esquerda para a direita: Josimar, Júlio César, Makato, Daniel, Xaopoko'i e Genivaldo (2009). Foto: Xario'i Carlos Tapirapé.

Esses seis jovens Apyãwa ingressaram no curso com o apoio das suas comunidades, e suas famílias sempre estavam motivando os seus jovens, sempre de braços abertos para ajudá-los. Porque o povo Apyãwa merece ter professor com nível superior, ou seja, é importante o professor Apyãwa ser capacitado para oferecer um bom ensino para a juventude Apyãwa.

Com esses professores e professoras formados o povo Apyãwa ganhou um ensino de qualidade. É sempre esperança do nosso povo Apyãwa ter um professor qualificado, que dê conta do recado.

Os professores que ingressaram em 2005 se formaram em 14 de julho de 2009. Foram cinco anos de estudos nos quais eles aprenderam muitas coisas. Foram cinco anos de formação, então eles saíram da faculdade com muito conhecimento.

Após esses professores(as) serem formados, muitos outros alunos estão ingressando na UFG e na UNEMAT, e vários já estão trabalhando nas escolas das aldeias. Tanto homens quanto mulheres trabalham em sala de aula.

Então, o povo não para de incentivar e de conscientizar os seus jovens para que eles estudem para conhecer outro mundo além do seu

mundo Apyãwa. Porque os jovens precisam aproveitar a oportunidade. É importante crescer na vida para ser um bom líder que representa o seu povo Apyãwa mundo afora, como está sendo hoje Reginaldo Kao-rewygi Tapirapé, um líder conhecido pelo mundo, que representa o seu povo Apyãwa na séria situação da educação, saúde, terra e demais problemas.

**Quadro 11:** Alunos da segunda turma de Licenciatura Intercultural da FAINDI/UNEMAT

TURMA	NOME	TÍTULO DO TCC
2005/1	Josimar Xawapare'ymi Tapirape	A criação de novos vocabulos na lingua Tapirape
2005/1	Xawapare'ymi Genivaldo Tapirape	Periodo de reclusao e a dieta alimentar dos jovens Tapirape
2005/1	Daniel Kabixana Tapirape	A construção da Takara
2005/1	Makato Tapirape	O corpo como suporte para a geometria Apyawa/Tapirape
2005/1	Julio Cesar Tawy'i Tapirape	Ritual de iniciação masculina do povo Tapirap é
2005/1	Xaopoko'i Tapirape	A inserção de palavras do Portugues na lingua Tapirape

Fonte: Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat (2018).

### 7.2.3. Terceira Turma de Acadêmicos da FAINDI/UNEMAT

No ano de 2008, ingressaram na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) mais cinco jovens Apyãwa, a fim de representar o povo nesse curso. Essa é uma conquista do povo Apyãwa.

O curso sempre foi aberto aos povos indígenas de modo geral, e, naquele ano, cinco jovens Apyãwa aproveitaram a oportunidade para ingressar nesse curso acompanhando o caminho da primeira e da segunda turma. Os cinco jovens Apyãwa ingressaram na terceira turma para somar os conhecimentos com os demais professores Apyãwa que já tinham sido formados.

Não é à toa que os jovens Apyãwa entram nos cursos, eles entram com o apoio da comunidade. Porque ela depositou confiança nos seus jovens, já prevendo o futuro, para que os jovens Apyãwa passem a tomar conta do seu povo. Os professores que entraram em 2008 são estes: Korla Valdane Tapirapé, morador da Aldeia Myryxitãwa; Valmir Ipawygi Tapirapé, morador da Aldeia Akara'ytãwa; Rogério Morawi Tapirapé, morador da Aldeia Towajaãtãwa; Alzirene Iparewao

Tapirapé, moradora da Aldeia Tapi'itãwa e Kamaira'i Sanderson Tapirapé, morador da Aldeia Tapi'itãwa.

Atualmente, nós estamos inseridos no mundo global, então nós temos de estudar e nos preparar para obter o conhecimento universal, para que nós possamos discutir e dialogar com as autoridades sobre os assuntos referentes aos nossos direitos à educação, saúde, terra e para a elaboração de documentos.

Então, o curso sempre está oferecendo uma formação em educação escolar indígena aos professores, para que eles possam se qualificar dentro desse curso, já pensando também no ensino, em como lidar com as crianças e os adolescentes na escola. Porque o curso superior, por sua vez, tem papel fundamental na formação e na capacitação dos professores e professoras indígenas.

Portanto, através do curso, nós estamos crescendo e melhorando o ensino das crianças e dos adolescentes do nosso povo Apyãwa.



**Figura 53:** Figura 51: Acadêmicos da 3ª turma da UNEMAT. Da esquerda para a direita: Morawi, Kamaira'i, Koria, Ipawareao e Valmir Ipawygi.  
Foto: Valmir Ipawygi Tapirapé.

**Quadro 12:** Alunos da terceira turma de Licenciatura Intercultural da FAINDI/UNEMAT

TURMA	NOME	TÍTULO DO TCC
2008/1	Alzirene Iparew áo Tapirape	*Casamento tradicional do povo Apyawa – Tapirape
2008/1	Kamaira'i Sanderson Tapirape	*Regra de luto do povo Apyawa (Tapirape)
2008/1	Rogério Morawi Tapirape	Artesanato d'õo povo Apyawa (Tapirape)
2008/1	Valmir Ipawygí Tapirape	*Práticas do resguardo do povo Tapirape
2008/1	Koria Valdane Tapirape	*Saúde e alimentação das crianças Tapirape

Fonte: Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat (2018).

### 7.2.4. Quarta Turma de Acadêmicos da FAINDI/UNEMAT

Desde que a UNEMAT abriu as portas para os professores indígenas, os Apyãwa tiveram participação na universidade. Nesse contexto, queremos destacar a seleção da quarta turma que enfrentou o vestibular. Foram selecionados três professores Apyãwa relacionados a seguir: Tamanaxowa Priscila Tapirapé, Xawarakymaxowa Tapirapé e Koxamaxowoo Tapirapé. Essa turma iniciou a primeira etapa no ano de 2011 e finalizou em 2015. Isso deixou o povo Apyãwa muito feliz, foi um momento histórico para o nosso povo.

**Quadro 13:** Alunos da quarta turma do curso de Licenciatura Intercultural da FAINDI/UNEMAT

TURMA	NOME	TÍTULO DO TCC
2011/2	Tama náxowoo Tapirape	Akygetaroo: Cultura material e imaterial do povo Tapirape
2011/2	Koxamaxowoo Tapirape	Diferenças entre as fa las masculina e feminina do povo Tapirape
2011/2	Xawarakymaxowa Tapirape	*Arcos e flechas da etnia Apyawa

Fonte: Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat (2018).

### 7.2.5. Quinta Turma de Licenciatura Intercultural da FAINDI/UNEMAT

No ano de 2015, a UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) abriu o edital para os professores indígenas concorrerem às vagas da Licenciatura Intercultural. Para a comunidade Apyãwa as vagas foram limitadas a dez. Dessa vez, o local para prestar o vestibular foi Água Boa. Nesse vestibular oferecido pela UNEMAT, foram aprovadas cinco pessoas. São elas: Xawarakymaxowoo Tapirapé, Wariniawytyga Rafael Tapirapé, Taropã Tapirapé, Cássio Awajky'i Tapirapé e Moredja Karajá (Mareawaxowa).

Esse curso funciona em regime de alternância: tempo universidade (em janeiro e julho) e tempo comunidade (período letivo no qual os professores estão em sala de aula nas aldeias). Os acadêmicos estudam em Barra do Bugres e iniciaram os estudos na UNEMAT no ano de 2016.



**Figura 54:** Acadêmicos Apyãwa da quinta turma da Unemat. Da esquerda para a direita: Xawarakymaxowoo, Wariniawytyga, Moredja, Awaiky'i e Taropã. Foto: Acervo pessoal de Taropã Tapirapé.



**Quadro 14:** Alunos da quinta turma de Licenciatura Intercultural da FAINDI/UNEMAT

TURMA	NOME	SITUAÇÃO
2015/2	ʼAwajkyʼi Cassio Tapirape	Matriculado
2015/2	ʼTaropa Tapirape	Matriculado
2015/2	ʼWariniawytyga Rafael Tapirape	Matriculado
2015/2	ʼXawarakymaxowoo Tapirape	Matriculado
2016/2	Moredja Karaja	Matriculada

Fonte: Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat (2018).

### **7.2.6. Primeira Turma do Curso de Pedagogia Intercultural da FAINDI/UNEMAT**

A UNEMAT tinha disponibilizado 50 vagas para os professores indígenas ingressarem no curso de Pedagogia. No ano de 2011, as pessoas tiveram de informar a escolaridade e outros dados pessoais, através de um memorial, para serem ou não aprovadas. Dessa forma, os acadêmicos Apyãwa aprovados foram os seguintes: Rinaldo Ipawygi Tapirapé, Xawapaʼio Tapirapé, Edimilson Kaxanapio Tapirapé e Felipe Takorawio Tapirapé.

A primeira turma de Pedagogia Intercultural iniciou os estudos no mês de janeiro de 2012, na UNEMAT, em Barra do Bugres, no período de férias. O curso realmente acontece por etapas, nos meses de férias, em janeiro e julho. Aliás, acontece também orientação dos acadêmicos na comunidade sobre as atividades de estudo propostas. Esse período de estudos nas comunidades é chamado de Etapa Intermediária. A duração do curso de Pedagogia foi de cinco anos. Então, a primeira turma se formou no ano de 2016, pois os acadêmicos Apyãwa frequentaram o curso no período de 2012 a 2016.



**Quadro 15:** Alunos da primeira turma do curso de Pedagogia Intercultural da FAINDI/UNEMAT

TURMA	NOME	TÍTULO DO TCC
2012/1	Edimilson Kaxanapio Tapirape	O papel do cacique Apyawa com sua comunidade
2012/1	Ipawygi Rinaldo Tapirape	A gestação da mulher Apyawa/Tapirape
2012/1	Takorawio Tapirape	Medicina tradicional do povo Apyawa
2012/1	Xawapa'io Tapirape	A importância da pesca com Timbo para o povo Apyawa (Tapirape)

Fonte: Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat (2018).

### 7.2.7. Segunda Turma do Curso de Pedagogia Intercultural da FAINDI/UNEMAT

A segunda turma iniciou o curso de Pedagogia em dezembro de 2016. Para os Apyãwa foram oferecidas 10 vagas para as pessoas prestarem o vestibular em Água Boa. Nesse vestibular da UNEMAT, passaram estas pessoas do povo Apyãwa: Katypyxowa Graciela Tapirapé, Ana Cláudia Awokopytyga Tapirapé, Tapapytyga Tapirapé, Marayky Anjinho Tapirapé e Jamilson Maropawygi Tapirapé. O curso de pedagogia de Barra do Bugres tem como objetivo formar e preparar os professores indígenas para o ensino fundamental. O curso acontece em etapas e os acadêmicos participam de duas etapas por ano (tempo universidade) no período de férias. Além das etapas presenciais, também acontecem etapas na terra indígena (tempo comunidade), durante as quais os professores orientam os trabalhos dos acadêmicos, sobretudo na elaboração do caderno de estágio, chamado de “capa preta”, no qual devem registrar as atividades desenvolvidas em sala de aula com seus alunos. Então, esse curso de pedagogia é somente para preparação de professores indígenas e é uma oportunidade para aquelas pessoas que estão trabalhando em sala de aula. Infelizmente, as duas últimas etapas não aconteceram por falta de verba e os acadêmicos Apyãwa ficaram prejudicados e indignados devido a essa paralisação.

**Quadro 16:** Alunos da segunda turma do curso de Pedagogia Intercultural da FAINDI/UNEMAT

Turma	Nome	~Situação
2016/2	Ana Cláudia Awokopytyga Tapirape	Matriculada
2016/2	Jamilson Maropawygi Tapirape	Matriculado
2016/2	Katypyxowa Graciela Tapirape	Matriculado
2016/2	Marayky Anjinho Tapirape	Matriculado
2016/2	Tapapytyga Tapirape	Matriculada

Fonte: Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat (2018).

### **7.2.8. Curso de Especialização da FAINDI/UNEMAT**

Em 2008, a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) abriu inscrições para a Especialização em Educação Escolar Indígena. Foi a primeira instituição universitária do país a oferecer um curso de pós-graduação específica para professores indígenas. Foram abertas 50 vagas, e os professores Apyãwa participaram do processo seletivo.

Da primeira turma, que começou em janeiro de 2009, participaram os professores Agnaldo Wariniay'i Tapirapé, Kamajrao (Xario'i Carlos Tapirapé), Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé), Toto'i (Oparaxowi Marcelino Tapirapé), Paroo'i (Nivaldo Korira'i Tapirapé) e Ixe'ima'e (Alberto Orokomy'i Tapirapé), que desistiu por causa do custo das despesas com as viagens. Para participar desse curso, os acadêmicos tinham de assumir os gastos com as passagens. A formatura da primeira turma ocorreu em janeiro de 2010.

Da segunda turma, iniciada em 2010, participaram os docentes Koxamare'i (Makato Tapirapé), Kararawore (Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé), Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé), Jeremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé), Iarareo (Xaopoko'i Tapirapé) e Daniel Kabitxana Tapirapé. A formatura dessa turma foi em setembro de 2011.

Todos os professores e professoras participantes da pós-graduação apresentaram monografias de conclusão de curso que tiveram por base pesquisas relacionadas à língua e à cultura do povo Apyãwa. Dessa forma, foi a primeira vez que nossa Escola teve professores especialistas no quadro docente. No quadro a seguir, apresentamos os professores que cursaram a Especialização da Unemat nas duas turmas e os títulos dos seus TCCs.

### **Quadro 17:** Relação de alunos e TCCs Especialização da FAINDI/UNEMAT

<b>TURMA</b>	<b>NOME</b>	<b>TÍTULO DOS TCCs</b>
2008	Aginaldo Wariniay'i Tapirape	Educação e medicina tradicional do povo Tapirape
2008	Kamoriwa'i Elber Tapirape	A educação tradicional na formação de um líder Tapirape
2008	Nivaldo Korira'i Tapirape	Política linguística escolar do povo Tapirape
2008	Oparaxowi Marcelino Tapirape	Ciências sociais na educação do povo Tapirape
2008	Xario'i Carlos Tapirape	Educação tradicional do povo Apyawa Tapirape
2011	Daniel Kabixan a' Tapirape	A percepção do meio ambiente para o povo indígena tapirape
2011	Josimar Xawapare'ymi Tapirape	Educação escolar: o ensino de palavras novas para fortalecimento da língua apyawa
2011	Julio Cesar Tawy'i Tapirape	A educação alimentar do povo apyawa
2011	Makato Tapirape	Os processos educativos presentes no casamento tapirape
2011	Xaopoko'i Tapirape	Educação sobre língua materna masculina e feminina do povo apyawa
2011	Xawapare'ymi Genivaldo Tapirape	Educação alimentar do povo tapirape

Fonte: Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat (2018).

### **7.3. Primeiros Acadêmicos na Universidade Federal de Goiás – UFG**

No dia 20 de junho de 2016, nós iniciamos as pesquisas para escrever a linha do tempo da educação escolar Apyãwa, contando sobre os primeiros acadêmicos Apyãwa que participaram do vestibular da Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG) em 2007. Esse curso faz parte da luta dos povos indígenas pela garantia e proteção territoriais e pelo reconhecimento de sua diversidade cultural e linguística.

No final do segundo semestre, em 2006, a Universidade Federal de Goiás abriu a sua primeira inscrição de vestibular específico para os professores indígenas que atuam em sala de aula nas suas aldeias, dentro da comunidade do seu povo. Nesse vestibular, os professores que cursavam a primeira turma do ensino médio “Projeto Aranowa'yao” se inscreveram para concorrer a uma das vagas para ingressar no curso de Licenciatura Intercultural da UFG. Quatorze acadêmicos Apyãwa

ingressaram na primeira turma de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás.

A Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás, na época coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Maria do Socorro Pimentel da Silva, oferece cursos específicos para atender professores das escolas indígenas. A participação das comunidades indígenas, junto com os coordenadores do Projeto, foi fundamental na discussão da implantação do curso de Licenciatura Intercultural na Universidade Federal de Goiás. Porque a demanda das comunidades foi essencial para ter uma formação de ensino superior específica para os professores indígenas.

Quando a coordenadora Kato'ywa e a diretora Makato, da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, ficaram sabendo da notícia do vestibular, a comunidade indígena Apyãwa enviou uma carta pedindo que os professores pudessem participar do curso. A coordenadora da Licenciatura Intercultural recebeu a carta e respondeu que os professores Apyãwa poderiam participar do vestibular. Após concluir o ensino médio “Projeto Aranowa'yao”, os professores Apyãwa se inscreveram para participar do vestibular. Esse primeiro vestibular aconteceu em Palmas, aonde os professores Apyãwa foram participar da seleção. E, logo depois de concluir o curso do Projeto Aranowa'yao, os professores que conseguiram passar no vestibular da Licenciatura Intercultural em Palmas começaram a estudar na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia (GO). Então, os professores Apyãwa já começaram com uma turma de quatorze acadêmicos Apyãwa para o curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Houve muita dificuldade na parte financeira para permanecer durante o período de aulas porque a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso não queria assumir sua responsabilidade e o compromisso assinado com seus parceiros para garantir a permanência dos acadêmicos indígenas no período presencial do curso. A Secretaria alegava que os recursos da educação do Mato Grosso não eram para atender acadêmicos indígenas na UFG. A FUNAI ajudava apenas com as passagens, mas, mesmo assim, os acadêmicos enfrentaram dificuldades durante os cinco anos de estudo.

Os acadêmicos da primeira turma que concluíram o nível superior na Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás foram os seguintes: Fabíola Mareromyo Tapirapé, Aurilene Iraero Tapirapé, Taparawytyga Vanete Tapirapé, Koxawiri Tapirapé, Bismarck

Warinimytã Tapirapé, Paxawari'i Tapirapé, Arnaldo Axawaj'i Tapirapé, Orokomỹ Tapirapé, Fabinho Wataramỹ Tapirapé, Reinaldo Okareaxowa Tapirapé, Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, Arakae Tapirapé, Xawapa'i Tapirapé e Daniel Xajawytygi Tapirapé. Essa primeira turma se formou em 2011. Novos acadêmicos ingressaram na universidade na segunda turma, de 2008: Xawaripa'i Tapirapé, Kaxowari'i Tapirapé, Arokomyo Tapirapé e Arivaldo Takwari'i Tapirapé. A terceira turma, em 2009, contou com três acadêmicos: Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé, Mana'yri Tapirapé e Ipawareao Tapirapé. A quarta turma, em 2010, tinha seis acadêmicos: Deuzirene Eirowytygi Tapirapé, Orokomy'i Tapirapé, Taroko Edimundo Tapirapé, Samuel Oparaxowa Tapirapé, Rivaldo Ima'awytyga Tapirapé e Bismael Ipa'arawy Tapirapé. E a quinta turma, de 2011, contou com um grande número de Apyãwa na UFG, treze acadêmicos: Mareaparygi Lisete Tapirapé, Xe'akawygoo Tapirapé, Tamanaxowoo Tapirapé, Koxamy'i Tapirapé, Ikatopawyga Daniela Tapirapé, Adeilda Marema'i Tapirapé, Mareapawygi Tapirapé, Makareatora Tapirapé, Cleidson Ima'arawy'i Tapirapé, Denílson Kaxipa'i Tapirapé, Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, Kléberson Awararawoo'i Tapirapé e Adílson Xaopoko'i Tapirapé. A sexta turma, em 2013, novamente contou com um grande número de Apyãwa na UFG, doze acadêmicos: Rosineide Koxama Tapirapé, Demílson Makarore Tapirapé, Awarao'i Fábio Tapirapé, Maakapi Tapirapé, Marewipytyga Tapirapé, Núbia Marema'i Tapirapé, Júnior Kaxowario Tapirapé, Ima'arawykato'i Tapirapé, Mykori Tapirapé, Lindalva Mytyga Tapirapé, Magno Koriware Tapirapé e Kaorewygoo Tapirapé.

#### **7.4. Curso de Especialização na Universidade Federal de Goiás (UFG)**

No ano de 2013, uma turma de professores Apyãwa ingressou no curso de Especialização da Universidade Federal de Goiás (UFG), na cidade de Goiânia, Estado de Goiás. Os primeiros participantes Apyãwa desse curso foram Nivaldo Korira'i Tapirapé, Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, Alberto Orokomy'i Tapirapé, Arakae Tapirapé, Bismark Warinimytã Tapirapé, Koxawiri Tapirapé, Taparawytyga Vanete Tapirapé, Arnaldo Axawaj'i Tapirapé, Rogério Morawi Tapirapé, Paxawari'i Tapirapé, Orokomỹ Tapirapé, Alzirene Ipawareao Tapirapé, Xawapa'i Tapirapé, Kamaira'i Sanderson Tapirapé, Valmir Ipawygi

Tapirapé, Koria Valdvane Tapirapé, Fabíola Mareromyo Tapirapé e Reinaldo Okareaxowa Tapirapé.

Para a elaboração dos trabalhos solicitados nessa pós-graduação, foram colaboradores e colaboradoras como contadores de histórias: Korako Tapirapé, Awaxirawi Tapirapé, Awaeteo Tapirapé, Imakopy Tapirapé, Tokyna Tapirapé e Wario Tapirapé.

A equipe de orientadoras era formada por Mônica Veloso Borges (Koxamy) e Themis Nunes da Rocha Bruno (Noxa'i).

Desse curso participaram não somente os professores do povo Apyãwa, do Mato Grosso, mas professores de povos de outros estados também: do Estado de Tocantins, os povos Xerente, Kraho, Karajá e Javaé; de Goiás, povo Tapuio e, do Maranhão, o povo Gavião.

Esse curso foi pensado para construir o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas de cada povo participante porque os outros povos não tinham PPP nas suas escolas. Os docentes indígenas trabalhavam com grades curriculares nas escolas de suas comunidades que não tratavam das realidades das aldeias. Como a nossa Escola já tinha um PPP, os acadêmicos Apyãwa decidiram revisar a primeira versão do PPP da nossa escola, porque algumas histórias não tinham sido escritas (Figura 55). Eles trabalharam revisando, escrevendo e complementando o PPP da escola, e foi dessa maneira que revisaram do início até o final do Projeto, contemplando os seguintes pontos: Apresentação, Histórico do povo Apyãwa, Situação Sociolinguística do povo Apyãwa, Projeto da Comunidade, Fundamentação Teórica, Fundamentação do Projeto Político Pedagógico, Espaços Epistêmicos, Histórico Escolar: A Educação Escolar entre os Apyãwa, Justificativas e Objetivos, Matriz Curricular, Avaliação, Avaliação dos Alunos, Outros espaços de Avaliação, Assembleia da Comunidade, A reunião da Takãra, Formação Continuada dos Profissionais, Projeto Sala do Educador, Bibliografia Consultada. A preocupação dos acadêmicos é que a cultura seja fortalecida e que a Escola contribua para isso (Figura 55).

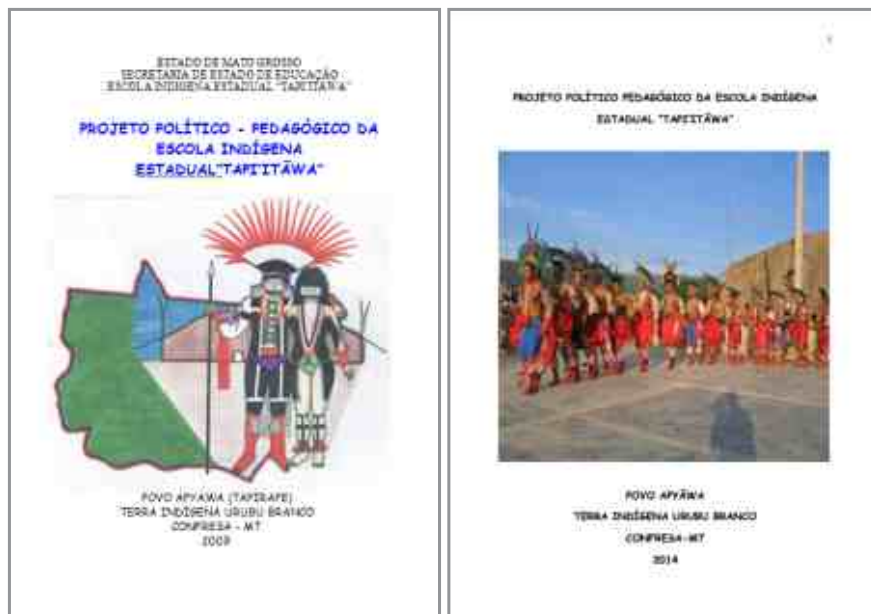


Figura 55 – Capas dos PPPs da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

Depois, houve outra turma, que entrou no ano de 2014, para continuar as atividades que foram realizadas pelos docentes Apyãwa da turma anterior. A turma que entrou em 2014 era formada por Kaorewygi Reginaldo Tapirapé, Fabinho Wataramy Tapirapé, Arivaldo Takwari'i Tapirapé, Kaxowari'i Tapirapé, Arokomyo Cláudio Júnior Tapirapé, Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé e Xawatamy Nélio Tapirapé.

Para continuar trabalhando nesse PPP, os acadêmicos releam a Matriz Curricular feita pela turma de 2013 para depois escrever o que não havia sido escrito ainda. Então, partiram da discussão para complementar, escrevendo as nossas histórias que não tinham sido escritas pelas turmas anteriores. Assim, nós escrevemos sobre Espaço cerimonial, Mensagens trazidas pelos pássaros, Roça familiar, Maxirõ, Tecnologias nas comunidades Apyãwa, Distribuição de renda entre os Apyãwa, Espaços epistemológicos, Espaços sagrados, Respeito, Vestígio Apyãwa, Espaço de Reprodução, Espaço de Circulação, Espaço de Lazer e de Competição, Tipo de armadilhas do Povo Apyãwa, Letramento e Numeramento.

Numeramento faz parte do nosso dia a dia; as crianças aprendem, desde cedo, noções de número dentro das famílias, a dividir com os irmãos ou primos, porque a prática mais utilizada é a divisão dos alimentos.

Por isso, as pessoas do povo Apyãwa passa para a fase adulta sabendo dividir as coisas com os outros. Por exemplo, quando acontece uma caçada e é capturado somente um animal, já sabemos que ali são encontrados vários pedaços que serão destinados às pessoas que participaram daquela caçada. Isso vai depender do pedido das pessoas que escolhem os pedaços preferidos de um animal. A parte do caçador também já está definida, conforme os nossos costumes.

A segunda turma continuou escrevendo também sobre a Matriz Cultural. O tema principal escolhido foi a Takãra, devido ao fato de que a Takãra é o centro de tudo o que está conectado à cultura Apyãwa. Nessa Matriz Cultural, foi escrito sobre artesanato, pintura, alimentação, cânticos, pescaria no Awiow e espaço cerimonial.

## **7.5. Primeiros Passos de Docentes Apyãwa no Mestrado**

Este texto apresenta experiências dos primeiros estudantes Apyãwa no Mestrado na Universidade Federal de Goiás. Aliás, começo de uma história de luta e de sofrimento de três professores Apyãwa longe da aldeia e da família, em um mundo totalmente diferente da realidade a que estavam acostumados. Afinal, morar na aldeia é uma coisa e morar na cidade é outra coisa, uma história inédita sendo construída nesse ano de 2018.

Participaram do processo seletivo três docentes Apyãwa: Kao-rewygi (Iranildo Arowaxeo'iTapirapé) e Tenywaawi (Gílson Ipaxi'awygaTapirapé) para o Mestrado em Letras e Linguística da Faculdade de Letras e Yrywaxã (Koria Valdane Tapirapé) para o Mestrado em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais. Os três professores Apyãwa foram aprovados e começaram a cursar o Mestrado em março de 2018.

Para poder concorrer ao Mestrado, primeiramente, os professores tiveram de elaborar um Projeto de Pesquisa, como relata Gílson Ipaxi'awygaTapirapé (2018):

Escrever projeto não foi muito difícil, mas considero a fundamentação teórica como a parte mais difícil de um projeto de pesquisa. Difícil porque a fundamentação teórica é constituída pela teoria que fornece sustentação ao projeto na sua íntegra. Além disso, é na teoria que se indica a escolha das técnicas e o



tipo de material informativo que será necessário para a pesquisa. E é nesse momento do projeto que se definem a concepção teórica e os conceitos fundamentais que serão utilizados. E para isso precisa de muita leitura para sua formulação.

Os Projetos de Pesquisa elaborados pelos professores Apyãwa foram os seguintes:

- Tenywaawi (Gílson Ipaxi'awyga Tapirapé): Campos Lexicais do Apyãwa (Tapirapé): Língua Utilizada pelo Povo no Cotidiano, na Mitologia, nas Cantigas, na Relação com Meio Ambiente e na Cosmologia;

- Kaorewygi (Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé): Usos, Funções sociais e significados da Língua Apyãwa (Tapirapé) e seu contato com outras línguas;

- Yrywaxã (Koria Valdvane Tapirapé): Alimentação e Saúde do Povo Apyãwa (Tapirapé).

Depois de passar pelas três etapas da seleção – análise do Projeto de Pesquisa, Prova escrita e Defesa do Projeto –, os docentes Apyãwa começaram a cursar as disciplinas e perceberam várias diferenças em relação aos cursos de graduação que frequentaram, como o depoimento de Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé (2018) esclarece:

Vejo que o curso de mestrado em si tem certas normas diferentes de outros cursos, cada qual deve ser cumprida e seguida pelos estudantes que nele vêm a estudar. Por exemplo, em cada semestre tem certo número de disciplinas que os estudantes, tanto de mestrado, quanto de doutorado devem fazer, independentemente da área em que se inscreveram. Ou seja, além de estudar na área em que se inscreveram, devem estudar nas outras áreas também, assim fornecendo e possibilitando para os estudantes de diferentes áreas de conhecimentos, estudarem juntos e trocarem experiências.

A frequência das aulas e as diferenças na composição das turmas também causaram estranhamento aos mestrandos Apyãwa, como relata Gílson Ipaxi'awyga Tapirapé (2018):

No início pensei que as aulas de mestrado aconteciam todos os dias, mas não. Depende das disciplinas que se faz no semestre. Tinha pensado também na turma de sala. Como sempre acostumei estudar com uma turma só durante o curso, achei que era

assim. Mas também não. Isso depende também das disciplinas. É uma aula da disciplina por semana e a turma é composta por estudantes de Mestrado e Doutorado. Achei isso muito estranho no começo, mas me acostumei aos poucos.

Durante as aulas, os mestrandos devem se dedicar bastante aos estudos teóricos, realizar as leituras propostas pelos docentes para poderem participar dos debates, como bem ressalta Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé (2018):

Diante de suas metodologias o curso de mestrado é um dos cursos que exigem e requerem dos alunos bastante dedicação nas leituras e na interpretação dos textos teóricos e científicos. E não é por acaso que este curso tem essa exigência para os alunos, o fato é que todas as aulas e discussões se baseiam nas experiências oriundas de pesquisas teóricas e científicas dos diferentes autores, sobretudo, estrangeiros. Então os alunos, por sua vez, têm esse dever de se dedicar muito nas leituras e na interpretação dos textos, para obter o máximo de conhecimentos sobre os assuntos abordados nos textos e assim consequentemente ter a chance de participar ativamente nas discussões. Na verdade, a intenção do curso é ver todos os alunos se envolverem e se manifestarem nas discussões, colocando suas experiências, suas opiniões e pontos de vistas nos assuntos abordados.

O desafio encontrado diante dos estudos teóricos não é fácil, mas é entendido como uma barreira possível de ser vencida, como aponta KoriaValdvane Tapirapé (2018):

Voltando para o desafio encontrado no mestrado, é sempre bom deixar claro a maior dificuldade que a gente enfrenta. O mais que se presencia na vida acadêmica de Mestrado é a teoria, muitas teorias que, de fato, nunca tive oportunidade de estudar como as obras de: Levi Strauss, Marcel Mauss, Pierre Clastres, Marshall Sahlins, Evans-Pritchard, Malinowski e muitos outros teóricos. Mas, não significa que é impossível ter conhecimento nessa corrente desafiadora.

O domínio das regras da ABNT, exigido para a elaboração dos trabalhos acadêmicos e o conhecimento das línguas inglesa e espanhola para poder ler e entender os textos teóricos constituem desafios

encontrados pelos mestrandos. Esse é um dos desafios ressaltados pelo mestrando Koria Valdiane Tapirapé (2018):

Outro ponto que me faz pensar muito é a resenha acadêmica, confesso que em outro momento já havia estudado sobre a resenha. Pensei que já havia conseguido um pouco de domínio desse trabalho. Mas, teríamos que fazer a resenha segundo o modelo ligado à ABNT (Associação Brasileira das Normas Técnicas). Acredito que com o tempo a gente pega o ritmo e acompanharemos o patamar do Mestrado. Mas, sei que as línguas espanhola e inglesa são mais desafiadoras no sentido de não conseguir acompanhar totalmente o texto. Penso que todos mestrandos e doutorandos indígenas vêm passando por profundas reflexões referentes à língua estrangeira. Nesse tópico, no primeiro momento, percebi claramente o distanciamento da minha participação dentro do debate e senti-me como analfabeto, até porque é uma língua com a qual nunca tive contato. Mas com a explicação da professora deu para pegar o ritmo lentamente, ou seja, participar no debate. Tudo isso não significa que pode levar-me à desistência, jamais posso me entregar pela fragilidade, acho que gosto muito de colocar-me diante de desafio, sei que neste processo alcançaremos os nossos objetivos, como sempre venho fazendo durante o meu trajeto de estudo.

O fato de participar de um Mestrado regular exige a permanência dos mestrandos na cidade, o que, para Iranildo Arowaxeó'i Tapirapé (2018), acarreta outras dificuldades:

Durante toda essa experiência nos estudos, tenho aprendido também que viver longe da família não é nada fácil, pois, por exemplo, quando eu sinto a saudade da minha família, muitas vezes eu fico sem muita força de vontade para estudar. Mas, diante disso, sempre busco me focar nos estudos com muita coragem, dedicação e perseverança, colocando sempre diante da minha reflexão os objetivos que eu pretendo alcançar com esses estudos. Ou seja, estou aqui justamente em busca de novas experiências e de uma boa formação no âmbito acadêmico deste nível de escolaridade.

Mesmo com todas as dificuldades, os mestrandos consideram positiva a participação deles no Mestrado no sentido de colocar a temática indígena dentro dos debates. O estudo também é entendido como um suporte a mais para atender às demandas do povo Apyãwa:

Mas aos poucos estou superando isso, participando cada vez mais dos debates na aula, apesar de poucas leituras, mostrando diferentes atitudes e conhecimentos em relação aos assuntos abordados. Acredito eu que a presença indígena nos espaços acadêmicos causa impacto na visão de muitos, porque nós temos costumes de provocar debates, além de discutir textos e relacionar com os fatos reais da nossa sociedade indígena (TAPIRAPÉ, G. I.).

Parece-me que nessa parte nossa contribuição tem sido muito interessante, pois percebemos o esforço da turma em aprender algumas regras da língua Apyãwa. Nota-se que contribuições como essas ajudam e muito os estudantes não indígenas poucos familiarizados com as línguas indígenas a entender que não há uma língua mais completa que a outra. Existem línguas com estrutura e norma diferentes. Notamos isso, claramente, quando muitos ficam surpresos com a gramática da nossa língua a partir dos nossos exemplos. Muitos nos perguntam, querendo saber um pouco mais da gramática Apyãwa. Com isso, aproveitamos a oportunidade da melhor forma possível para esclarecer as normas e estruturas da nossa língua com ideia de mostrar que as gramáticas das línguas indígenas são riquíssimas, mas pouco estudadas (TAPIRAPÉ, G. I.).

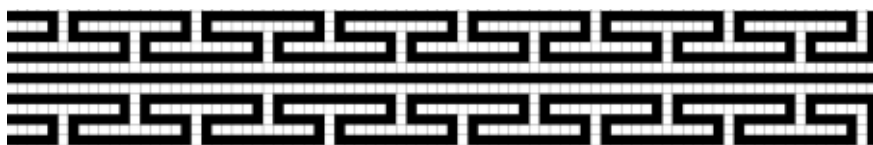
Acredito que os conteúdos estudados e as experiências adquiridas no curso de mestrado possibilitarão o meu ingresso no curso de doutorado, assim como também possibilitará as efetividades das ações para atendimentos das demandas do meu povo de maneiras sustentáveis (TAPIRAPÉ, I. A.).



**Figura 56:** Sessão de Estudos com o Prof. André Marques do Nascimento (UFG).  
**Foto:** André Marques do Nascimento (2018).



## 8. Educação Escolar Apyãwa ocupando novos espaços



### 8.1. Professor Tapirapé Nota 10 – Prêmio Nova Escola

Para escrever essa história, nós entrevistamos o professor Ieremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé), que ganhou o Prêmio Professor Nota 10 no ano de 2003 (Figura 57). Ele explicou assim para nós:

Este trabalho foi elaborado sobre a língua Apyãwa na escola, pois trabalhei juntamente com meus alunos de 2ª série na escola, onde nós fizemos muito estudo, leituras sobre o trabalho elaborado por nós. De certa forma, pensamos em trazer este trabalho para a comunidade, mostrar o trabalho que foi elaborado junto com os alunos. Na reunião com a comunidade, os alunos fizeram a leitura para o público que estava presente. Então, dessa forma, nós trabalhamos dentro da escola sobre a Língua Apyãwa, ou seja, nós organizamos este trabalho para depois mostrar o trabalho de conclusão para a comunidade. Porque a intenção era mostrar para os pais e mães. Naquele tempo, veio uma pessoa de São Paulo visitando cada Aldeia e vendo a escola. Primeiro, essa pessoa foi para o Alto Xingu e depois veio ver a escola Apyãwa.

Esta pessoa entrou na minha sala e foi vendo o ensinamento das crianças sobre o trabalho que foi elaborado em conjunto. Então, ele me pediu para explicar a minha prática pedagógica para ele e o funcionamento do ensino. Praticamente, os ensinamentos das crianças são muito diferentes dos adolescentes, o professor precisa mostrar a sua estratégia e a maneira de lidar com as crianças. Porém, ele elogiou a minha prática pedagógica, dizendo que eu estava no caminho certo. Depois de uma longa conversa com essa pessoa, ela me falou que eu poderia fazer inscrição, concorrendo ao prêmio que aconteceria em São

Paulo, onde a Revista Nova Escola promove o prêmio Professor Nota 10.

Em 2003, nós elaboramos este trabalho escrevendo nos papéis e enviando para a Revista Nova Escola. Neste Prêmio, vários Estados foram representados, eu fui de Mato Grosso, alguns vieram de Pernambuco, Tocantins, Rio de Janeiro, Maranhão. Neste encontro, os professores foram mostrando os seus trabalhos e, naquela ocasião, o meu trabalho foi aprovado. Eu apresentei a Formação de palavras, formas de achar os nomes para o objeto, vejam alguns exemplos: *xixinyãra*, *tatayãkopy*. Os não indígenas acharam bons esses trabalhos. Eles não tinham a mínima ideia, por isso, eles foram surpreendidos com este trabalho, a forma de ensinar as crianças na sua própria língua.

Então, dessa forma, nós elaboramos um relatório sobre os trabalhos. E o relatório nós mandamos no sistema da revista, igual que nós fazemos contratos e, às vezes, nós mandamos pelo correio, assim por diante. Depois, ele me ligou de surpresa, dizendo que eu fui classificado, que eu tinha que abrir a minha conta bancária e, naquele momento, fui de moto à cidade abrir a minha conta. Porém, ele mais uma vez me ligou para que eu pudesse ir de novo fazer palestra para eles, levando todos os trabalhos que foram elaborados, explicando mais uma vez a minha prática pedagógica.

Então, assim elaborei o meu trabalho explicando todos os acontecimentos e contei para eles o que eu gosto na minha vida, contei sobre a sociedade Apyãwa, o que eu amo, pescar, caçada, ouvindo as músicas, trabalho nas roças e até veio um fotógrafo para tirar foto da Aldeia. A sua intenção era mais conhecer o movimento da aldeia e a sua organização.

Portanto, eu andei na rua tirando as fotos, e eles conheceram a cidade de Confresa, como é e como são reconhecidos por todos o nosso sistema de ensino, as formas de ensinar as crianças dentro da escola e fora da escola.

Então, assim mostrei a minha prática pedagógica para todos, surpreendendo todo mundo que estava vendo o trabalho extraordinário que foi elaborado em coletividade com os alunos.

## Prêmio Victor Civita Para manter a língua viva



Escola	Escola	Indígena
	Estadual Tapi'itawa	
Projeto	Josimar recuperou com as crianças palavras que não eram mais usadas. Também criou termos novos na língua tapirapé para objetos que não existiam na cultura indígena mas que são falados e escritos em português. Dessa maneira, mantém viva a língua de seu povo.	

**Figura 57:** Reportagem da Revista Nova Escola (2003).

Fonte: Revista Nova Escola - <http://novaescola.org.br/>

A seguir, transcrevemos uma das reportagens que circulou em nível nacional e divulgou o trabalho do professor Josimar, desenvolvido na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

### Professor Tapirapé ganha prêmio Nota 10

*Site da Funai - 07/10/2003.*

*O professor Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, da Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa, na Terra Indígena Urubu Branco, situada no município de Confresa, em Mato Grosso, é um dos 12 ganhadores do prêmio Professor Nota 10, promovido pela revista Nova Escola. A entrega do prêmio será amanhã (07), no Teatro Abril, em São Paulo. Cada professor vai receber R\$ 7,5 mil e terá o trabalho publicado na revista Nova Escola. Josimar concorre ainda ao prêmio Professor do Ano, e, caso vença, receberá mais R\$ 10 mil e uma bolsa de estudos em Londres, Inglaterra.*

*A iniciativa de criar, com a participação de seus alunos, 30 novas palavras da língua Tapirapé, rendeu ao professor a premiação e o reconhecimento da Secretaria de Educação Infantil e Fundamental (Seinf), do MEC. De acordo com a avaliação do coordenador da Seinf, Kleber Gesteira, a inovação do professor Tapirapé atende a um dos objetivos básicos da Educação Escolar Indígena que é o resgate e preservação dos valores culturais e étnicos dos povos indígenas. A experiência Tapirapé concorreu com 4.027 outros trabalhos de todo país.*



*Ao criar palavras novas em Tapirapé, Josimar, 32 anos, quis nominar no idioma de seu povo, palavras como bicicleta, boné, bola, lápis, trator e outras, que não existiam na língua, mas que passaram a fazer parte do cotidiano da comunidade. O trabalho durou dois meses e teve a participação dos alunos da 3ª fase do 1º ciclo do ensino fundamental, crianças na faixa de 09 anos. Foi desenvolvido principalmente na área da linguagem, envolvendo conteúdos da disciplina Língua Tapirapé: leitura e escrita; composição das palavras; significado; história das palavras que não são da língua tapirapé; criação de palavras; uso das palavras novas no falar e em textos. Outras áreas, como as disciplinas de Artes e Ciências Sociais, também abriram espaço para esse estudo. Nas Artes, os alunos ilustraram as palavras criadas e dramatizaram para mostrar a invasão das palavras da língua portuguesa; e nas Ciências Sociais, estudaram a importância do idioma materno para a identidade étnica e a situação dos índios que não sabem mais se expressar na sua língua.*

*O professor Josimar explicou que usou os recursos da significação ou pela forma do objeto. Para criar a palavra yãkopy, que é bicicleta, ele fez assim: yã - tirada da palavra yãra, que significa meio de transporte, e kopy, porque bicicleta tem dois pneus. Outros exemplos: lápis (paraxi), bola (kojapa'axiga), boné (xapewakwy), trator (tatoyãra). A cada palavra criada, os alunos começam a usar na escola e a difundir nas suas casas e na aldeia, onde foram bem recebidas, explica o professor. "Meu sonho era encontrar uma maneira de buscar a recuperação das palavras do nosso idioma para ensinar aos mais jovens, porque a língua materna é a força de nossa identidade cultural", diz o professor, ao definir os objetivos da experiência. PIB: Goiás/Maranhão/Tocantins.*

Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/noticia/9746>. Acesso em: 23 maio 2018.

## **8.2. Projeto Aplauso**

Neste momento, pretendemos apresentar a reflexão sobre o resultado do Projeto Aplauso (2005), realizado com os alunos, os professores Apyãwa e a equipe gestora da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Com a oficina que realizamos, contribuímos com informações a respeito do Projeto Aplauso por meio de texto escrito e através da oralidade e da discussão, fazendo lembrar o que foi executado com os recursos desse Projeto. Lembramos também que o Projeto Aplauso nos

levou a aprender e a conhecer profundamente e com muitos detalhes a realidade do povo Apyãwa para a melhoria da educação Apyãwa, conforme a comunidade queria manter na vida cotidiana dos alunos.

Nesse sentido, o projeto Aplauso contribuiu bastante para lembrar as práticas de brincadeiras tradicionais como lazer do povo Apyãwa, ou seja, o corpo existente por meio de movimento corporal para reconquistar as técnicas corporais no sentido de atrair os companheiros próximos.

Em 2004, a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa foi contemplada com o Projeto Aplauso pela Secretaria de Estado de Educação (MT), sendo que o recurso foi depositado diretamente na conta da Escola para atender a demanda da comunidade Apyãwa com o objetivo de fortalecer a educação no ensino fundamental em toda a Escola e nas salas anexas de cada aldeia. Esse recurso foi administrado pela própria diretoria da Escola Tapi'itãwa, o Diretor Xaopoko'i Tapirapé, a Presidente do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE), Makato, e sua equipe gestora. O Projeto Aplauso durou dois anos, de 2004 a 2005. A diretoria da Escola Tapi'itãwa decidiu junto com a comunidade, e foram promovidos grandes eventos de oficina de brincadeiras Apyãwa. A realização do Projeto aconteceu duas vezes, no período final do ano letivo, com várias modalidades de brincadeiras Apyãwa, como sempre vinha acontecendo na cultura Apyãwa: *tytykãwa*, *xaapiãwa*, *xekwagatoa'ygãwa*, *mani'akawỹ*, *maxirõ* (*xayjaygãwa*), *xapakanĩ*, *xanoomayjtãwa*, *xamaj-nãwa*, *tapire'ore'o*, *xawatyãwa*, *inima pe xema'eãwa* e *kawaro'yga*.

No Projeto Aplauso, todos os alunos e professores das salas anexas vinham participar dos eventos das oficinas de brincadeiras na escola-sede, onde acontecia a oficina durante uma semana. O objetivo do Projeto Aplauso era a melhoria da educação Apyãwa, conforme o povo Apyãwa vinha educando o seu próprio filho na prática de vida na educação. Nessa oficina, havia coordenadores de eventos de cada modalidade de brincadeira tradicional do povo Apyãwa em cada dia de evento. Lembramos também que, na abertura das oficinas, todos os alunos se enfeitavam com os recursos de beleza do povo Apyãwa, tais como: pintura corporal, arte plumária, *tamakorã*, *ma'yra* (miçanga) e urucum. Na abertura oficial das oficinas, todos os alunos representavam a sua comunidade com cantos diferentes dos de outra comunidade: Xapi'ikeatãwa, Wiriaotãwa, Akara'ytãwa, com seus professores. A oficina sempre foi realizada no centro da aldeia Tapi'itãwa, no espaço cerimonial da Takã-

ra, onde o povo Apyãwa educa os seus filhos nos rituais. Em seguida à abertura, os alunos começavam a praticar corrida de velocidade, arco e flecha, cabo de força, *tytykãwa*, *xapakanĩ*, *mani'akawỹ*, *tapire'ore'o*, que são brincadeiras Apyãwa. Quem ensinava essas brincadeiras era Kora-ko, um grande conhecedor de brincadeiras tradicionais do povo Apyãwa. Eram essas brincadeiras que se realizavam no período da manhã, durante a oficina.

No período da tarde, os professores e os alunos vinham para a sala de aula desenvolver atividades sobre o que foi praticado dentro da comunidade nessa oficina, registrando, por meio de texto escrito e ilustração, a oficina de cada dia. Nesse sentido, os alunos apresentaram um bom resultado do Projeto Aplauso para todos nós. A comunidade Apyãwa gostava muito do Projeto, que executou um trabalho excelente na educação Apyãwa. Foi assim que a diretoria da escola trabalhou com o Projeto Aplauso, no sentido da valorização e do fortalecimento da cultura Apyãwa.



**Figura 58:** a) Abertura das oficinas; b) *Xanoo mayjtãra*: Monowi'ã, Tate'i, Tyira, Myape e Xo'irywa; c) *Xema'eãjpe pitywera gỹ*. Foto: Luiz Gouvêa de Paula (2005).

### 8.3. Prêmio Culturas Indígenas – Ministério da Cultura (MinC)

Em 2007, a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa foi contemplada com o prêmio Culturas Indígenas, promovido pelo Ministério da Cultura, Edição Ângelo Cretã. Através do Projeto Aranowa'yao, nossa escola conquistou um prêmio importante, até porque esse Projeto demonstrou ter um papel relevante, registrando a cultura Apyãwa. Esse Projeto valorizava as práticas pedagógicas Apyãwa, para que os alunos do curso conhecessem a importância de sua própria educação.



**Figura 59:** Aula de informática com computadores adquiridos com recursos oriundos do Prêmio Culturas Indígenas. Foto: Luiz Gouvêa de Paula (2010).

Nós acreditamos que o Projeto Aranowa'yao realmente está ajudando a fortalecer as tradições da comunidade e, simultaneamente, traz novos conhecimentos que são necessários para nós, que estamos em contato com a sociedade não indígena. O Projeto vem oferecendo oportunidade para os jovens Apyãwa adquirirem novos conhecimentos, à semelhança dos cursos de ensino superior. De fato, esse projeto é riquíssimo em aprendizagens, tanto na língua e cultura Apyãwa quanto na língua portuguesa e cultura não indígena.

E a segunda escola premiada foi a Escola Estadual Indígena Tapi-rapé, da aldeia Majtyritãwa, na Área Indígena Tapirapé-Karajá, em 2008. Essa foi uma grande conquista do prêmio Culturas Indígenas, edição Xicão Xukuru. A escola foi premiada ao apresentar um projeto sobre sua prática na escola e fora da escola: “A escola Tapirapé como um espaço de aprendizagem intercultural tradicional e cidadã”. Nesse projeto de valorização da cultura, está garantida a existência da própria escola, e o projeto surgiu da necessidade de a comunidade se organizar e estruturar seu conhecimento, valores e cultura na situação atual do contato, pois a sociedade não indígena está cada vez mais próxima.

## 8.4. O Concurso dos Professores Indígenas

O primeiro e único concurso específico para os professores indígenas no estado de Mato Grosso aconteceu em 2006. Os não indígenas não podiam participar desse concurso porque foi oferecido somente para os indígenas do estado de Mato Grosso. Por esse motivo, os professores Apyãwa da primeira turma do 3º Grau Indígena da Unemat participaram do concurso. A prova aconteceu no mês de janeiro de 2006 na cidade de Barra do Garças (MT). Os candidatos Apyãwa que participaram desse concurso foram os seguintes professores: Kamoriwa'i Elber Tapirapé, Nivaldo Korira'i Tapirapé, Oparaxowi Marcelino Tapirapé, Kaorewygi Reginaldo Tapirapé, Agnaldo Wariniay'i Tapirapé, Alberto Orokomy'i Tapirapé e Rael Xako'iapari Tapirapé. Nesse concurso, foram aprovados três professores Apyãwa: Kamoriwa'i Elber, Oparaxowi Marcelino e Nivaldo Korira'i. No ano de 2007, no mês de janeiro, foram empossados esses professores, os únicos que trabalham como professores efetivos da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, que conta também com Xario'i Carlos Tapirapé, efetivado como auxiliar administrativo em concurso anterior não específico.

As áreas em que foram aprovados no concurso são Ciências Sociais, com duas cadeiras, ocupadas pelos professores Nivaldo Korira'i e Oparaxowi Marcelino, e uma cadeira na área de Ciências da Natureza, ocupada pelo professor Kamoriwa'i Elber Tapirapé.

Vale ressaltar que esse foi um fato histórico na educação escolar indígena no estado de Mato Grosso e no Brasil. Essa conquista aconteceu através de muita articulação dos professores indígenas e de muita luta com o governo. Era uma reivindicação antiga dos professores que ainda não tinha sido concretizada. E, ao longo desses anos até os tempos atuais, nunca se realizou outro concurso específico para os professores indígenas do Mato Grosso, mesmo havendo demanda nas escolas. No caso dos professores Apyãwa, a maioria é contratada e todo ano precisa fazer a renovação dos contratos. Com isso, acontece a perda de direitos trabalhistas, como férias e 13º salário, além do recolhimento da contribuição previdenciária nos meses iniciais de cada ano.

## 8.5. Programa Mais Educação

O Programa Mais Educação foi uma conquista do povo Apyãwa em relação ao projeto político do Ministério da Educação. Em 2012, aconteceu o acesso dos professores Apyãwa ao Programa Mais Educação. Abraçamos esse programa do governo porque ele trouxe uma oportunidade de educar mais as nossas crianças que precisam de acompanhamento pedagógico. Nossa preocupação não foi somente com esse fato. Nos preocupamos também com o fortalecimento dos nossos conhecimentos, que estão sendo pouco ensinados, porque, em algumas áreas, a SEDUC possibilita apenas uma hora de ensino por semana. Por esse motivo, no Programa Mais Educação, pensamos em focar mais nas áreas de conhecimento que estão sendo menos trabalhadas em sala de aula: canto, dança, canteiro sustentável, etnojogos, língua materna e matemática.

Nosso objetivo com o canto e a dança foi ensinar as crianças desde pequenas, na fase em que elas têm mais facilidade de aprender aquilo que é ensinado. Pensamos nisso para que, através desses trabalhos práticos, as crianças e os jovens tomem a iniciativa de serem lideranças tradicionais na nossa comunidade Apyãwa. Somente dessa forma, nós, povos indígenas, vamos continuar mantendo e preservando nossos conhecimentos originários.

O ensino desses conhecimentos ajuda bastante as crianças e os jovens a praticarem o canto e a dança não só em sala de aula mas até mesmo durante a festa tradicional realizada na aldeia. O resultado do ensino se concretizava em todos os encerramentos das áreas de conhecimento na comunidade, quando os alunos com seus pais, de todas as aldeias, vinham participar da comemoração de encerramento das atividades e dos estudos de seus filhos. Nessa festa comemorativa, os alunos demonstravam seu domínio de aprendizagem e habilidades referentes aos conteúdos estudados em cada área de conhecimento, demonstrando também a valorização do canto, da dança e das brincadeiras tradicionais do nosso próprio povo. Nesse momento, os estudantes de cada aldeia disputavam várias competições, por exemplo: canto, dança e arco e flecha.

Na primeira oficina, foram campeões os estudantes da Aldeia Tapi'itãwa. Eles demonstraram excelente domínio do canto e da dança tradicional do seu próprio povo. Na segunda competição, foram cam-



peões os estudantes da Aldeia Akara'ytãwa com arco e flecha. Na terceira competição, os campeões foram os estudantes da Aldeia Wiriaotãwa com arco e flecha. Vendo a capacidade dos estudantes, os pais ficavam orgulhosos dos seus filhos. Por tudo o que foi feito, a comunidade só tem a agradecer pelos trabalhos do Programa Mais Educação.

Dessa forma, esse ensino do Programa Mais Educação era realizado na aldeia Tapi'itãwa pelos professores e alunos Apyãwa. Em 2016, terminou o ensino no Programa Mais Educação por falta de repasse de recursos do governo para a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.

Estes são os professores que atuaram como coordenadores no Programa Mais Educação: 2012: Nivaldo Korira'i Tapirapé (Paroo'i); 2013: Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (Tenywaawi); 2014: Kamoriwa'i Elber Tapirapé (Ware'i); 2015: Kamoriwa'i Elber Tapirapé (Ware'i); 2016: Arakae Tapirapé.



**Figura 60:** Competição com arco e flecha. Foto: Apaxigoo Tapirapé (2012).

## 8.6. Vaga do CEFAPRO Para Educação Indígena

O Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO) é um centro de formação que foi implantado em Confresa (MT) para cuidar da formação continuada dos professores das escolas da região.

A partir de 2013, surgiu uma vaga específica para cuidar das escolas indígenas da região. Essa vaga da educação indígena no CEFAPRO foi ocupada pela professora Agenora Moraes, que trabalhava orientando os professores indígenas na questão pedagógica. Até porque os professores indígenas Apyãwa não concorreram para trabalhar no CEFAPRO. Durante a gestão da professora Agenora, foram promovidas algumas formações continuadas na aldeia Tapi'itãwa. Todos os professores indígenas Apyãwa participavam da formação continuada.

Quando a professora Agenora foi afastada, o professor indígena Apyãwa Nivaldo Korira'i Tapirapé foi trabalhar nesse cargo no CEFAPRO em Confresa, a fim de continuar a formação continuada para os professores Apyãwa. Tudo o que acontecia no Cefapro Korira'i informava aos professores indígenas ou à gestão da escola para estar fazendo o trabalho na escola.

Então, o trabalho de Korira'i no CEFAPRO foi muito importante por estar lutando pelo direito dos povos indígenas. Durante dois anos, Nivaldo Korira'i Tapirapé fez um bom trabalho no sentido de orientar os professores indígenas Apyãwa, buscando a melhor forma de trabalhar com os alunos e com a comunidade Apyãwa.

A partir de 2017, essa vaga foi cortada pelo governo. Hoje, as escolas indígenas não têm representante indígena no Cefapro em Confresa.

## **8.7. Saberes Indígenas**

Os Saberes Indígenas, na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, constituem uma ação que busca e promove a formação continuada dos professores da educação escolar Apyãwa, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica, oferecendo recursos didáticos e pedagógicos que atendam à realidade da organização Apyãwa.

A língua materna e a interculturalidade são princípios que fundamentam o projeto educativo na comunidade indígena Apyãwa, definindo metodologias e processos de avaliação que atendam o anseio da comunidade no processo de letramento, numeramento e conhecimentos próprios do povo Apyãwa. Esses processos de avaliação, metodologias e conhecimentos Apyãwa fomentam pesquisas que resultam na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos monolíngues, con-



forme a vida e a situação sociolinguística e de acordo com a educação escolar indígena Apyãwa.

Para isso, os bolsistas fazem os trabalhos juntamente com as professoras não indígenas da rede UFG – Universidade Federal de Goiás, que são as professoras Mônica Veloso Borges (Koxamy) e Themis Nunes da Rocha Bruno (Noxa'i). Os professores bolsistas são os seguintes: Koria Valdiane Tapirapé (Yrywaxã) e Orokomy'i Tapirapé (Arawyo), da Aldeia Myryxitãwa; Kaxowari'i Tapirapé (Tanawe'i), Taroko Edimundo Tapirapé (Maxa'io'i), Josimar Xawapare'ymi Tapirapé (Jeremy'i), da Aldeia Tapi'itãwa; Makato Tapirapé (Koxamare'i), Koxawiri Tapirapé e Alzirene Iparewao Tapirapé (Taipaxigoo'i), da Aldeia Tapi'itãwa; Arnaldo Axawaj'i Tapirapé (Xaripy), da Aldeia Tapiparanytãwa e Iranildo Arowaxeo'i Tapirapé (Kaorewygi), da Aldeia Wiriaotãwa. Além desses, há um pesquisador, Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (Tenywaawi), da Aldeia Wiriaotãwa; um orientador de estudos, Xawapa'i Tapirapé (Arapaxigi), da Aldeia Akara'ytãwa; um coordenador, Nivaldo Korira'i Tapirapé (Paroo'i), da Aldeia Myryxitãwa e um conteu-dista, Kaorewygi Tapirapé (Korako), sábio cultural da Aldeia Tapi'itãwa.

O foco do trabalho do Saberes Indígenas é destacar a importância das ações desenvolvidas para nossa escola. Desde 2013, as ações vêm sendo desenvolvidas e discutidas em nossa escola. Percebe-se que, nesse processo, o trabalho não desconsidera o Projeto Político Pedagógico de nossa escola, ele vem conectado com o artigo 210 da Constituição Federal de 1988. Fica claro que existe a característica da educação escolar Apyãwa e que busca uma nova forma de letramento e numeramento.

Os encontros e as discussões referentes aos Saberes Indígenas vêm sendo realizados na Aldeia Tapi'itãwa a cada semestre. Nessa ocasião, os professores alfabetizadores apresentam os conteúdos explorados nos Saberes Indígenas. A partir desse foco e da reflexão é que buscamos rever nossa metodologia e nossa prática pedagógica.

## 8.8. Sala do Educador na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa



**Figura 61:** Aula passeio. Prof. Kléberson Awararawoo'i com seus alunos e alunas.  
Foto: Kléberson Awararawoo'i Tapirapé (maio/2018).

O ano de 2014 marcou o início do estudo dos professores Apyãwa no programa Sala do Educador, sendo que esse programa acabou em 2015. O objetivo do estudo na Sala do Educador é o fortalecimento e a valorização dos conhecimentos do povo Apyãwa (Figura 61). Havia muita dificuldade dos professores na prática pedagógica. Por isso, a equipe da coordenação colocou como principal item de discussão o PPP da Escola Tapi'tãwa.

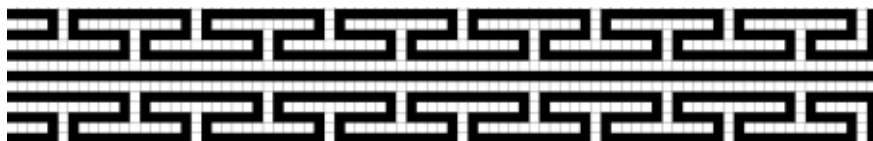
As atividades desenvolvidas na sala do educador com os professores Apyãwa foram feitas a partir do Projeto Político Pedagógico. Os professores discutiram cultura Apyãwa, alimentação típica Apyãwa, avaliação, regimento escolar, ensino de línguas, matemática, matriz curricular, inserção de diários e outros trabalhos no sistema e prática pedagógica.

Toda quarta-feira os professores discutiam uma atividade para desenvolver na prática pedagógica que realizavam com os alunos. Além desses trabalhos, os professores discutiam como desenvolver as atividades com os alunos. Por isso, cada professor apresentava o trabalho dele explicando a experiência em sala de aula.

Depois da apresentação, os professores debatiam a respeito desse trabalho, completando as ideias e experiências. Com todas essas experiências, os professores desenvolviam seu conhecimento e produziam atividades para realizarem junto com os alunos.



## **Para não terminar e nem concluir, mas para seguirmos o caminho**



A aldeia é um espaço onde os jovens Apyãwa aprendem sua própria identidade, história, danças, cantos, pintura corporal, organização social e questões ligadas à vida cotidiana. Com essa aprendizagem, as crianças e adolescentes aprendem como viver felizes com a natureza e são sempre orientados pelos sábios da comunidade sobre o que deve ser feito e o que deve ser explorado na prática cultural para não acontecer o imprevisto na vida das pessoas.

Dessa mesma forma, as mulheres Apyãwa aprendem a sua própria identidade em casa, o modo e a convivência tradicional. A mãe e a avó já são as professoras da mulher jovem Apyãwa, pois elas têm o conhecimento e a responsabilidade de difundi-lo para sua filha ou seu neto. A casa não é só para morar, também é a fonte de aprendizagem dos saberes dos mais velhos da comunidade.

Mas, com o tempo e os contatos que nós, povos indígenas, mantemos atualmente com as sociedades não indígenas, as escolas implantadas nas nossas aldeias devem estar prontas para preparar as crianças e os jovens para certas políticas que possam garantir a sua sobrevivência física e também a sobrevivência das nossas culturas, línguas e de outros saberes que os nossos avós vêm mantendo milenarmente.

É importante ressaltar que, para isso acontecer de fato, nós, professores, e os coordenadores indígenas das escolas precisamos estar preparados para esses desafios, pois somente nós podemos saber coordenar e guiar as nossas escolas para um caminho em que elas possam beneficiar as nossas comunidades atendendo as suas necessidades.

Os livros didáticos devem ser escritos e publicados com a nossa própria autoria, pois somente nós temos um bom conhecimento sobre

as nossas ciências e cosmologias. Inclusive só a nossa língua pode transmitir os nossos saberes tradicionais de modo transdisciplinar e de modo dialógico.

Diante desses dois mundos em que vivemos hoje, nós, professores indígenas, não podemos nos limitar a trabalhar em sala de aula com as nossas crianças e jovens apenas com a nossa visão de mundo como nossos avós costumavam fazer. Obviamente, hoje não somos mais um povo isolado. Todos os dias estamos entrando em contato com as sociedades não indígenas e com seus produtos. Sendo assim, temos o dever de preparar as crianças e os jovens do nosso povo para a vida social de dois mundos: o nosso e o das sociedades não indígenas. Só assim eles saberão viver em dois mundos distintos.

Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé; Arakae Orlando Tapirapé; Mare-pipytyga Tapirapé; Xawapa'i Tapirapé e Eironi Elizete Tapirapé.

## **A Formação de Líderes**

A formação dos líderes através do estudo veio no tempo certo. O estudo na escola fez com que muitos líderes tivessem outra visão do que estava acontecendo com a comunidade Apyãwa. Ajudou-nos ainda na garantia de reconhecimento e de valorização da educação tradicional na formação do futuro líder.

O conhecimento da escrita tem nos facilitado o registro de algumas sequências das músicas cantadas pelos homens e pelo líder cacique. São registradas as histórias importantes, as regras e as receitas de trabalho que os jovens nem sequer conhecem e muito menos sabem. Esses documentos são fundamentais na formação dos novos líderes.

A escola também tem nos garantido e propiciado a formação e a qualificação profissional dos jovens na área de educação, de saúde e de gestão. Isso, para o povo Apyãwa, foi muito importante na nossa autonomia, autossustentação, na luta pela demarcação territorial, no reconhecimento das leis e na garantia dos direitos conquistados na Constituição Federal de 1988, artigos 231 e 210. Para esses direitos serem assegurados, de fato, foi muito tempo de discussão, reflexão por parte das organizações indígenas e instituições de apoio à causa indígena.

Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé), 2009.

## Como a escrita me ajudou a aprender Ma'e Kwajtãwa

Durante minha carreira como Cacique-Geral do povo Apyãwa, tive vontade de aprender vários rituais que pertenciam a mim. Por isso, minha aprendizagem foi bastante gratificante através do meu pai, que é grande chefe do ritual Apyãwa e que passou o seu próprio conhecimento para levar essa sabedoria dele para as futuras gerações Apyãwa.



**Figura 62:** Formando como liderança Apyãwa.  
Foto: Demílson Makarore Tapirapé (2013).

Todos os rituais que o Cacique devia entoar, o meu pai ia me ensinando e também ele me informava o tempo certo de cada ritual. A orientação que ele me passava era para saber certinho cada acontecimento ou o mês dos rituais.

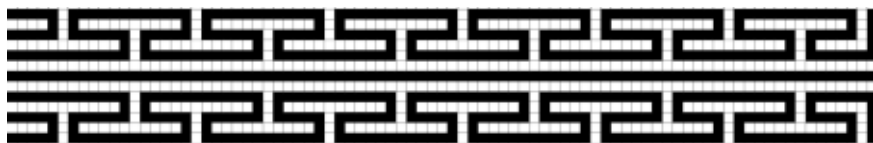
Durante essa minha aprendizagem, a escrita me ajudou bastante, porque tive de transcrever todos os rituais que entoava. Através da escrita tive de fazer várias vezes a leitura de todos os rituais e também através da escrita tive facilidade em aprender rápido todos os rituais, os quais decorei na minha memória.

Por isso mesmo, tive oportunidade de aprender quaisquer rituais que pertenciam ao Cacique, que eu próprio entoava sem ajuda dos mais velhos, porque a escrita e a transcrição me ajudaram bastante a decorar os cantos próprios dos rituais.

Também através da escrita e da transcrição, consegui assimilar corretamente, na minha entoação, cada letra do ritual, que foi bastante difícil de pronunciar na hora de entoar, mas, através da escrita, tive sempre segurança na hora de entoar um ritual, principalmente na festa de Xiwewexiwewe. Nesse dia, também é levado *mexo* (beiju) quando é o final da festa Apyãwa. Nesse dia, os mais velhos, os especialistas de cantos Apyãwa, os participantes da festa, todos estão presentes e se concentrando na observação do canto do Cacique, se realmente ele se dedicou a aprender sem errar nada do canto. Esse dia é um momento muito importante; por isso, nesse dia, o Cacique deve ficar bem concentrado, criar coragem e mostrar seu talento e habilidade.

Isso eu mostrei para meu povo durante minha carreira como Cacique-Geral, pois tive o maior prazer de aprender nossos rituais através da escrita, o que facilitou minha aprendizagem, conforme apresento, no Apêndice, os cantos que devem ser entoados pelo Cacique antes de cada ritual.

## Glossário de palavras Apyãwa



Elaborado pelos organizadores

**Akamaxywa:** taquara ou taquari usado para confeccionar flechas.

**Akygetãra:** cocar.

**Apiwaãwa:** diadema.

**Apyãwa xe'ega:** língua do povo Apyãwa, conhecida na literatura como língua tapirapé.

**Axygexa'eryna:** vitória régia.

**Ayro:** cocar de formato cônico, trançado com folha de buriti, enfeitado com penugem de ave e encimado por uma coroa de penas de rabo de arara. É usado por jovens do sexo masculino.

**Emoywã:** árvore de grande porte da mata virgem, de folhas finas e casca lisa, referida no mito da origem do povo Apyãwa.

**Inatã'i awa:** folha de um coqueiro de folhas finas chamado pelos Apyãwa de *inata'i*, encontrada no cerrado e varjões.

**Inĩ:** rede tecida de algodão.

**Inima pe xema'eãwa:** jogo com barbante, com o qual a pessoa mostra a sua habilidade, formando diferentes figuras com o fio preso nos dedos das mãos. Em algumas figuras, como a da lua, são usados mãos e pés. Foram registrados mais de cinquenta figuras destas entre os Apyãwa. Muitos povos do mundo praticam esta arte.

**Kawaro'yga:** brincadeira da perna de pau. Para a fabricação da perna de pau é usada madeira amarrada com embira.



**Ka'o:** ritual com canto e dança que se realiza em meados do período chuvoso até o início do período de seca. Inicia-se logo após o anoitecer e vai até o amanhecer. Os *wyrã* - grupo dos homens - cantam e dançam organizados nas duas metades em que se divide a sociedade masculina. A maior parte dos cantos se refere a fatos míticos. Uma pequena parte se refere a fatos mais recentes. Como relembra o mito, os cantos antigos do *ka'o* e a dança foram aprendidos por um Apyãwa, que esteve em tratamento de saúde na aldeia dos pássaros. As mulheres fazem uma “segunda voz”, ecoando sobretudo a última sílaba da estrofe. Na festa de rapaz, as moças desempenham papel especial quando, alinhadas lado a lado, na porta da *Takãra*, dançam e cantam, lindamente enfeitadas, para recepcionar os dançarinos. Da mesma forma e em sequência, dançam e cantam na porta da casa em que está se realizando o ritual *kawiypyarakãwa*.

**Kawĩ:** bebida cozida, não fermentada, feita de milho, arroz, abóbora, semente de algodão, semente de banana-brava etc. Pode ser mais líquida ou mais grossa, semelhante a um mingau.

**Kawio:** Ritual realizado na madrugada. Neste ritual, o *kawĩ* preparado para o ritual do *kawiypyarakãwa* é levado ao redor da aldeia, parando nas casas em que há alguma liderança ou criança em processo de formação para ser liderança. Nestas casas, as lideranças e as crianças em preparação lavam a boca com o *kawĩ* azedo e jogam fora. As pessoas que quiserem, podem por o *kawĩ* na boca, ingerindo em seguida. Quem ingere o *kawĩ* azedo, pode pedir à liderança ou aos filhos ou netos dela que estão em preparação, algum bem dessas lideranças ou futuras lideranças, em pagamento por ter bebido. Nessas ocasiões, são pedidos bens como rede, canoa, contas de miçanga, cobertores etc. A liderança dá os bens que são pedidos a ele ou à criança, como demonstração de grande generosidade, um traço que deve ser característico das lideranças Apyãwa.

**Kawiypyarakãwa:** ritual que se realiza na segunda metade do período chuvoso. Inicia-se com canto e dança de abertura, no interior da *Takãra*, onde os homens se organizam em pares de dançarinos com os braços sobre os ombros um do outro, separados de acordo com as duas metades. As mulheres cantam diante da porta por onde vão sair os cantores. Após os cantos iniciais, todos os dançarinos saem para o terreiro da *Takãra* e se dirigem para uma casa da metade *Araxã*, localizada no lado norte da aldeia e dançam, cantando uma série de cantos, em volta de uma panela de *kawĩ* azedo, feito de milho cru e água, fermentado por alguns dias. O par de líderes dos cantos cantam tendo nas mãos um arco cerimonial enfeitado. Terminada essa série, um par de cantores da metade oposta assume a liderança do canto

e todos se dirigem dançando e cantando para uma casa da metade *Wyraxiga*, do lado sul da aldeia. Lá também dançam e cantam como fizeram na casa da metade *Araxã*. Nas duas casas, as mulheres entram para cantar junto com os homens. Terminada a dança no interior da casa de *Wyraxiga*, trocam-se os pares de líderes dos cantos, que pegam o arco ritual e todos se dirigem para o terreiro da *Takãra* dançando e cantando. Lá no terreiro, continuam canto e dança. Terminada a série, o canto é encerrado e são servidos alimentos para todos, levados pelas mulheres de cada metade para a metade oposta.

**Kywãwa:** pente feito com espinhos de tucum ou talos de palmeira, tecidos paralelamente com fios de algodão formando desenhos geométricos.

**Maira:** termo usado para se referir a pessoas não indígenas.

**Mani'akawỹ:** brincadeira de roda das crianças Apyãwa, na qual, quem está no centro, percorre a roda tocando o ombro das outras crianças e perguntando “o que é isso”. A criança tocada responde com o nome de algum alimento. Em determinado momento, a criança que está tocando as companheiras avança sobre algum dos vãos da roda formada pelas crianças que estão de mãos dadas, tentando furar o cerco. As demais tentam fechar o vão e impedir a passagem.

**Marakayja:** dança circular realizada pelos homens no terreiro da *Takãra* que relembra o mito de Makaxiwewe, personagem mítico que ensinou aos Apyãwa esta dança e os cantos relacionados a ela. Makaxiwewe ensinou também a fazer as roupas e enfeites do jovem Apyãwa no ritual de iniciação em que ele passa da fase de jovem para a fase de adulto. Os jovens que passam pelo ritual de iniciação devem participar das quatro rodadas de dança que acontecem durante o dia e das danças da noite. Neste dia, eles usam o vestuário e os adornos ensinados por Makaxiwewe.

**Marakaxawãja:** Dança ritual em que as duas metades dançam enfileiradas, frente a frente, com participação das mulheres.

**Maxirõ:** trabalho em mutirão para derrubada da roça, com refeição, dança e disputa de corrida, no final. Trabalho em grupo, na escola.

**Miaãwa:** esteira trançada com folha de bacabeira.

**Myryxi:** palmeira buriti.

**Myxo'ỹ:** adorno tecido em algodão e pintado com urucum, que envolve o tornozelo de meninos que são preparados para assumir a liderança e o tornozelo de meninas e moças.

**Orokorowa:** artefato de forma cilíndrica, trançado com talo de buriti, usado na cabeça como parte das vestimentas dos dançarinos que representam *Axyga* (Espíritos), em vários rituais.

**Peyra:** cesto retangular, trançado com folha da palmeira bacabeira. Preso à cabeça e aos ombros, pode ser usado para carregar cargas bastante pesadas, como produtos da roça, caças ou pertences.

**Pityga pa'yra:** Colar especial de criança, usado, sobretudo, no desmame.

**Takãra:** casa construída de modo tradicional, de forma oval, coberta com camadas de folhas de banana-brava, intercaladas com palha de bacaba, localizada no centro da aldeia Apyãwa. É a casa onde moram os Espíritos, casa por onde circulam a sabedoria e os ensinamentos do povo Apyãwa: nela, meninos e jovens realizam iniciações e adquirem muitos conhecimentos. No interior e no terreiro leste da *Takãra* chamado *takawytera*, é realizada a maior parte dos rituais. Também no terreiro acontecem reuniões diárias dos homens, à noite, para conversar sobre algum assunto específico ou simplesmente para refrescar o corpo. O espaço da *Takãra* é dividido ao meio, pertencendo a parte sul à metade *Wyragiga*, que a constrói. A parte norte pertence a *Araxã*, que também a constrói. Cada Apyãwa, de modo geral, entra e sai pela porta que pertence à sua metade.

**Tamakorã:** adorno usado por homens, meninos e por meninas, estas, até a fase da juventude. Além de enfeite, tem a função de moldar a panturrilha. Consiste em um anel tecido em algodão, pintado com urucum, de aproximadamente um centímetro e meio de largura, que envolve a perna, logo abaixo do joelho. Dele sai um pendente de fios que desce até a metade da perna.

**Tataopãwa:** refeição comunitária que ocorre no início do ciclo de rituais. Nesta refeição, as pessoas comem em grupos organizados por ligação que se inicia desde a infância. As crianças podem aderir ao grupo do pai ou ao da mãe e permanecerão neste grupo durante toda a sua vida. Este ritual relembra a formação dos Apyãwa como povo, conforme narra o mito. Os grupos de *Tataopãwa* são oito.

**Tatayakopy:** motocicleta.

**Tytykãwa:** brincadeira em que as participantes percorrem um traçado no solo, em formato de caracol, pulando em uma perna só. A participante de trás tenta alcançar a que vai na frente.

**Tapire'ore'o:** disputa com arco e flechas em que os arqueiros ficam lado a lado e é atirada uma fruta redonda diante deles e eles devem flechar a fruta enquanto ela rola pelo chão.

**Xaapiãwa:** disputa ritual entre dois participantes das duas metades Apyãwa, *Wyraxiga* e *Araxã*, na qual o participante de uma das metades tenta acertar o adversário da outra metade com uma flecha que tem ponta de cera, enquanto o outro procura se desviar da flecha. Em seguida, o papel se inverte.

**Xamajnãwa:** disputa de tiro ao alvo com arco e flecha, em que o melhor atirador tem como prêmio as flechas dos adversários. Em geral, o alvo é um tronco de bananeira.

**Xani'ã:** um tipo de bagre; jundiá.

**Xanoomayjtãwa:** parte do ritual em que as meninas correm atrás do Espírito *Xanoo* (Ema) para pegá-lo. Quando alguma delas consegue pegar, ela o dirige, segurando pela palha da vestimenta dele e o dirige para a casa onde está localizado o *Kawĩ* ritual e oferece para ele beber. Como os pais fazem as roupas de buriti e o *orokorowa* de colocar na cabeça para os meninos menores, estes também brincam com as meninas, imitando o ritual.

**Xapakanĩ:** gavião; brincadeira em que as crianças, em fila, fortemente agarradas às cinturas umas das outras, tentam escapar do gavião. O gavião é uma outra criança que procura agarrar e separar a última da fila das demais companheiras. A criança que está na frente da fila tem que defender as demais do gavião. Enquanto isso, a fila se move para um lado e para outro para livrar a cauda das garras do gavião.

**Xawatyãwa:** brincadeira do cabo-de-guerra.

**Xeke'ã:** armadilha em formato de cone, feita de talo de buriti, usada para pegar peixes; jequiá.

**Xekwagato'ygãwa:** disputa de tiro ao alvo com arco e flecha que tem, em geral, por alvo um tronco de bananeira.

**Xigy:** pescaria realizada com o cipó timbó, que é batido na água para soltar o sumo. Em geral, é realizada de forma comunitária.

**Xixinyãra:** helicóptero.

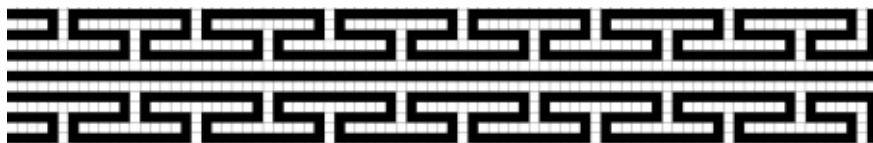
**Yro:** cesto trançado com palha ou talo de buriti ou tecido de algodão; invólucro.

**Yropema:** peneira.

**Yrywo'ywãwa:** Serra do Urubu Branco (urubu-rei); local da serra onde o urubu-rei bebe. Local sagrado, morada das crianças que vão nascer, conforme a tradição Apyãwa.

**Ywytaty:** Árvore de pequeno porte, de folhas finas e casca grossa. É encontrada no cerrado.

## Referências Bibliográficas



BALDUS, Herbert. **Tapirapé, Tribo Tupi no Brasil Central**. São Paulo, Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

COMUNIDADE TAPIRAPÉ. **Xanetãwa Paragetã – histórias das nossas aldeias**. São Paulo-Brasília: MARI/MEC/PNUD, 1996.

ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL TAPI'ITÃWA. **Projeto Político Pedagógico - Ensino Médio “Proje Aranowa'yao – Novos Pensamentos”** – Aldeia *Tapi'itãwa*. Terra Indígena Urubu Branco. Confresa – MT. 2005. (Texto digitado).

ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL TAPI'ITÃWA. **Projeto Político Pedagógico - Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa – Novos Pensamentos”**. Aldeia Tapi'itãwa, T. I. Urubu Branco, Confresa-MT, 2009. (Texto digitado).

Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. **Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa**. Aldeia Tapi'itãwa, terra indígena Urubu Branco. Confresa, MT, 2014. (Texto Digitado).

PAULA, Eunice Dias de. **Relatório Técnico do Magistério Intercultural**. Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, Aldeia Tapi'itãwa, T.I. Urubu Branco, Confresa, 2012.

PAULA, Eunice Dias de. **A língua dos Apyãwa - Tapirapé- na perspectiva da etnossintaxe**. 1a. ed. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendaju, 2014.v.01.

SILVA, Adailton Alves da. **A Geometria na Construção da Takãra**. Monografia de Conclusão de Curso de Licenciatura e, Matemática, apresentada à Licenciatura Parceladas/UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, MT, 1997.

TAPIRAPÉ, Agnaldo Wariniay'i. **Educação e Medicina Tradicional do Povo Tapirapé**. Monografia de Especialização Em Educação Escolar Indígena. Unemat, 2010.

TAPIRAPÉ, Awaetekato'i José Miguel. **Fala de abertura da 10ª Assembleia de Chefes Indígenas**. In: Boletim do CIMI. Brasília, Conselho Indigenista Missionário, 1977. Ano 6, no. 43, dez. 1977.

TAPIRAPÉ, Gílson Ipaxi'awyga. **Primeiros passos Apyãwa no mestrado**. Texto inédito, 2018. (Digitado).

TAPIRAPÉ, Iranildo Arowaxeo'i. **Experiências no curso de mestrado**. Texto inédito, 2018. (Digitado).

TAPIRAPÉ, Júlio César Tawy'i. **A educação alimentar do povo Apyãwa**. Monografia do curso de Especialização em Educação Escolar Indígena apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, MT, 2012.

TAPIRAPÉ, Júlio César Tawy'i. **Rituais de iniciação masculina do povo Tapirapé**. Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, MT, 2009.

TAPIRAPÉ, Kamoriwa'i Elber. **A educação tradicional na formação de um líder tradicional Tapirapé**. Monografia do curso de Especialização em Educação Escolar Indígena apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, MT, 2010.

TAPIRAPÉ, Koria Valdvane. **Experiência de ingresso no mestrado**. Texto inédito, 2018. (Digitado).

TAPIRAPÉ, Makato. **Educação feminina conforme a cultura tradicional do povo Apyãwa/Tapirapé**. Monografia do curso de Especialização em Educação Escolar Indígena apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, MT, 2012.

TAPIRAPÉ, Xario'i Carlos. **Educação tradicional do povo Apyãwa-Tapirapé**. Monografia do curso de Especialização em Educação Escolar Indígena apresentada à UNEMAT, Faculdade Indígena Intercultural, Barra do Bugres, MT, 2010.

TORAL, André Amaral de. **Relatório de identificação e delimitação da área Indígena Urubu Branco**. Brasília: FUNAI/Ministério da Justiça, 1994.

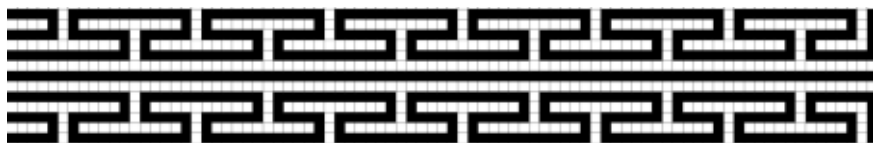
TORAL, André Amaral de. Os Tapirapé e sua área tradicional Urubu Branco. In: RICARDO, Carlos A. (Org.) **Povos Indígenas no Brasil 1991/1995**. São Paulo: Instituto Sócio Ambiental, 1996.

WAGLEY, Charles. **Lágrimas de Boas-Vindas: os índios Tapirapé do Brasil Central**. Editora Itatiaia Limitada. Belo Horizonte, 1988.





## Consultores Apyãwa<sup>4</sup>



**IPAREWÃ** (Maria Rita Iparewã Tapirapé). Senhora, grande conhecedora da cultura e da história Apyãwa. Moradora da Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT.

**IXOWÏJA** (José Antonio Makapyxowi Tapirapé). Liderança do povo Apyãwa, morador da Aldeia Tapiparanytãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT.

**KORAKO** (Kaorewygi Tapirapé). Chefe de cerimonial dos Apyãwa. Morador da Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT.

**KOREME** (José Miguel Awaetekato'i Tapirapé). Liderança do povo Apyãwa, morador da Aldeia Myryxitãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT.

**MAKAPYXOWA** (Valdemar Makapyxowa Tapirapé). Liderança do povo Apyãwa, morador da Aldeia Akara'ytãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT.

**WARAI** (Aluizio Tamakorawygi Tapirapé). Liderança do povo Apyãwa, morador da Aldeia Inataotãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT.

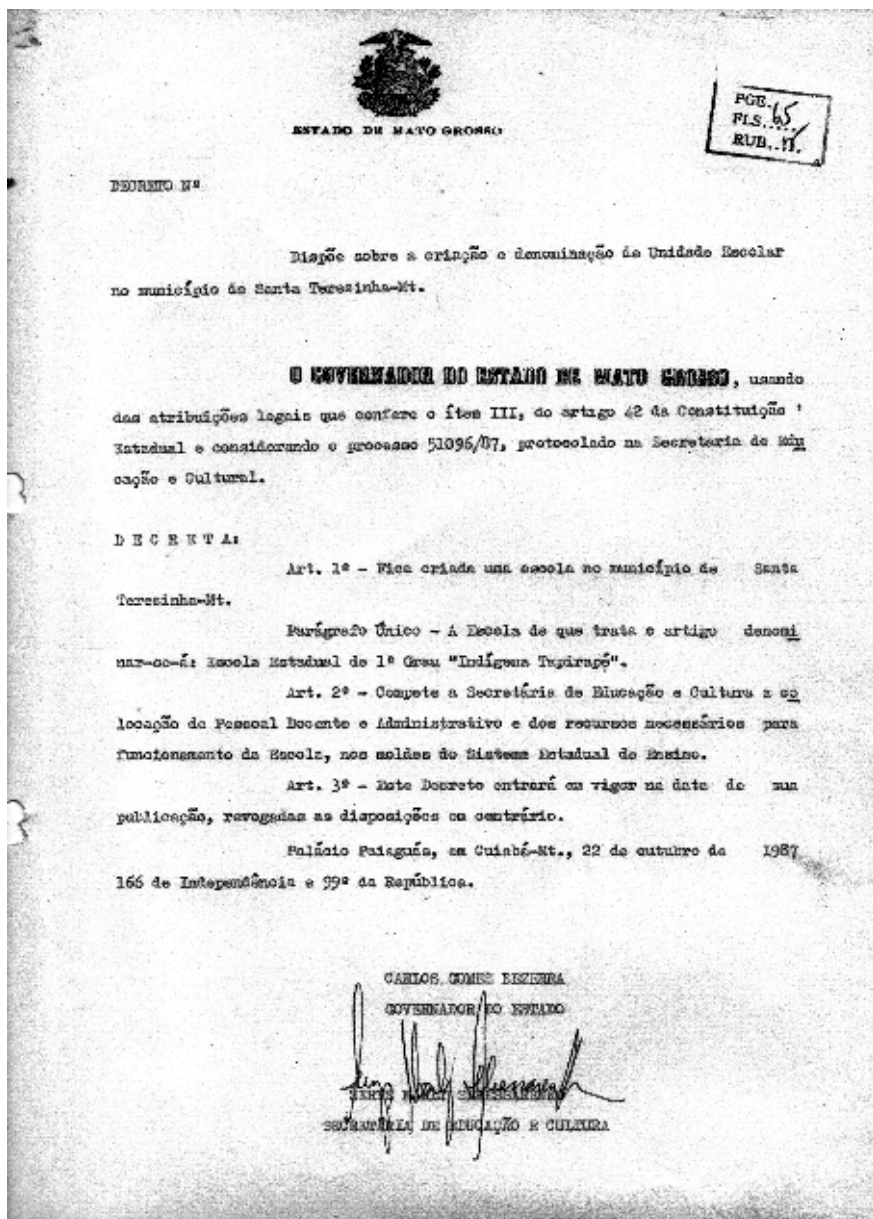
---

<sup>4</sup> Os Apyãwa mudam de nome em diferentes fases da vida. Por isso, os nomes dos consultores Apyãwa são apresentados conforme são usados na aldeia na data de publicação do livro, seguidos, entre parênteses, dos nomes que constam em seus documentos pessoais (Nota dos Organizadores).

**WARIO** (José Pio Xywaeri Tapirapé). Liderança do povo Apyãwa. Morador da Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT.

**XYWAPARE'I** (Lourenço Xywapare'i Tapirapé). Grande conhecedor da cultura e da história Apyãwa. Morador da Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT.

## Anexos



Decreto apresentado ao Governador



UNICAMP

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"  
03 de julho de 1997

FLS. 53  
RUB. 100

PARÊCER SOBRE A PROPOSTA DA ESCOLA INDÍGENA TAPIRAPÉ

O Projeto curricular apresentado reflete simultaneamente os objetivos fundamentais da educação, extremo cuidado em respeitar e valorizar a cultura própria Tapirapé e a conscientização do grupo na realidade indígena na qual estão envolvidos.

A filosofia do projeto de aproveitar o lúdico, o dia-dia, o cercano, de se adaptar a escola às características da vida da comunidade, integrando-a a esta sem perder seus objetivos propósitos, parece, ironicamente, poder ser conseguida mais facilmente na aldeia indígena, que nos grandes agrupamentos urbanos.

Por este motivo, o presente projeto, extraordinariamente bem elaborado, por pessoal competente e dedicado não tem só relevância local. A implantação deste tipo de escola, será exemplo das novas técnicas e filosofias de ensino de validade universal.

Prof. Dr. CARLOS ALFREDO ARGUELLO  
Coordenador do NINEC  
Núcleo Interdisciplinar para Melhoria  
do Ensino de Ciências

Universidade Estadual de Campinas  
Caixa Postal 1170  
13100 Campinas SP Brasil

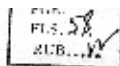
Telefone: FAPX (019) 33.1301  
Telex: (019) 1150

Secretaria  
de Arquivo  
Fl. 56

Parecer Carlos Alfredo Arguello



UNICAMP



PARECER

A Proposta Curricular para a Escola Indígena Tapirapê foi cuidadosamente elaborada a partir do conhecimento da história do grupo Tapirapê e das condições e da dinâmica da vida na aldeia. Com o objetivo de fazer da escola um lugar onde se dão a troca e a construção do conhecimento do/no mundo, e onde se trabalham formas de sistematização e organização deste conhecimento, a proposta foi pensada de modo que os vários componentes curriculares se acham articulados entre si e relacionados aos movimentos e momentos cotidianos vividos pelo grupo.

Assim, diante da inadequação do sistema curricular oficial, que entra em conflito com o ritmo de vida da comunidade em questão e inviabiliza, muitas vezes, o processo de escolarização, o projeto propõe um processo de ensino trabalhado em ciclos, para crianças a partir dos sete anos de idade, onde "não há uma margem rígida de dias letivos limitada pelo calendário oficial"; onde cada aluno, "tendo atingido as metas propostas para um ciclo, passa ao seguinte, sem reprovação"; onde são asseguradas ao aluno a "continuidade dos estudos" e a ampliação dos conhecimentos "sem a repetição dos conteúdos já dominados".

Universidade Estadual de Campinas  
Caixa Postal 1170  
13100 Campinas SP Brasil

Telefone: PBX (019) 38-1301  
Telex: (019) 1150



Parecer Ana Luisa B. Smolka



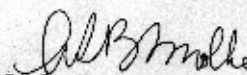


UNICAMP

MS. 5.7  
RUB. 5.7

Reunindo especialistas de várias áreas - Linguística, Antropologia, Etnociências, Educação - a proposta revela não só atenção e sensibilidade com relação à "diversidade cultural, à especificidade sócio-linguística, à pedagogia própria na transmissão do conhecimento", mas revela, além disto, uma preocupação com o processo histórico de construção do conhecimento e o comprometimento com esse grupo indígena no sentido de colaborar para que eles possam recuperar sua autonomia enquanto povo, sendo protagonistas de sua própria história. Com isso, esta proposta também provoca, no mínimo, uma ampla e profunda reflexão sobre o espaço, o lugar e a função da escola como instituição na nossa sociedade.

A Proposta Curricular da Escola Indígena Tapirapé merece a maior atenção e empenho da Secretaria de Educação do Estado no sentido de apoiá-la e implementá-la com urgência, sobretudo por constituir um trabalho pioneiro no que diz respeito à prática pedagógica e à pesquisa interdisciplinar, podendo redimensionar o papel da escola, abrindo, concretamente, novas possibilidades de realizações e transformações socio-históricas.

  
Profa. Dra. Ana Luisa B. Smolka  
Depto. Psicologia Educacional

Universidade Estadual de Campinas  
Casa Postal 1170  
13100 Campinas SP Brasil

Telefone: FAPX (0182) 38-1301  
Telex: 00191 1150

Secretaria  
da Justiça  
Fl. 58  
Rub. 58

Parecer Ana Luisa B. Smolka

MS. 00.  
RUB. 47

## AVALIAÇÃO

A proposta curricular da Escola Indígena Tapirapé que está sendo encaminhada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, tem, a meu ver, as seguintes qualidades:

1. Expressa de maneira clara e transparente seus propósitos, metas e meios para atingi-los.
2. Está perfeitamente de acordo com as diretrizes estabelecidas no Estatuto do Índio em seus artigos 47 e 49 e com a Convenção 107 de Genebra, da qual o Brasil é um dos países signatários.
3. Harmoniza, de maneira exemplar, a aquisição dos conhecimentos exigidos pela escola tradicional brasileira com a visão indígena do mundo.

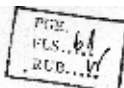
Torna-se imprescindível enfatizar aqui que as crianças de Tapirapé são privilegiadas em seu saber sobre o mundo natural e biológico, uma vez que, como é ressaltado na Proposta, participando de maneira informal de todas as atividades do cotidiano, podem observar e gradualmente vir a conhecer, as plantas, os rios e os peixes, a mata, os animais e seus hábitos, o corpo humano e suas funções. O saber nessa sociedade não é propriamente de um indivíduo, e sim, é por todos partilhado. O que distingue o indivíduo não é, pois, o que ele sabe, ou não sabe, mas a maior ou menor habilidade com que ele executa alguns mistérios. Reconhecer esse conhecimento integralizado, manter esse modo de aquisição bem menos traumatizante do que a forma com que se faz a transmissão do saber em nossa sociedade, enriquecê-lo sem o fragmentar, exige sensibilidade, tato, imaginação. É a equipe que elabora o Projeto preenche todos esses pré-requisitos.

A Proposta não é apenas um projeto educacional. Ela visa também a recuperar essa forma de saber, cada dia mais

anexação  
Secretaria  
de Justiça

Parecer Yonne de Freitas Leite





2.

pela rápida expansão da sociedade envolvente que traz consigo outros valores, outras concepções, que privilegia a especialização, estabelecendo, assim, divisões entre iguais. É uma proposta que resgata uma parte de cultura Tapirapé, através de recolhimento e divulgação de seus mitos e de sua ciência, o que nos permitirá entender melhor esse povo, contribuindo, assim, para a preservação da memória nacional.

O que singulariza o Projeto é a idéia de uma escola viva, direcionada para e pela comunidade, ideal esse que as escolas tradicionais também almejam e lutam por alcançar.

A programação apresentada é equilibrada e, acima de tudo, realista: é o que se faz, o que se pode fazer da melhor maneira com a maior honestidade. Não há nada de pomposo, de sofisticação sem base, de ilusório, de falsas promessas. O que se apresenta é resultado de experimentação, de coisas já feitas, de idéias executáveis. É, pois, simples e, ao mesmo tempo, aberto a reformulações futuras, se forem necessárias.

A minha avaliação dessa Proposta é a de que ela é altamente recomendável pelo muito que encerra em prol de um redimensionamento da idéia da escola e da inserção do povo Tapirapé em nossa sociedade, de uma maneira digna, respeitosa de ambos os lados, num verdadeiro diálogo em que não há vencidos nem vencedores. É uma maneira, tardia que seja, de pagarmos a parcela de uma dívida com essa população que vem brava e pacificamente lutando pela manutenção de seus costumes e tradições.

Procurei usar nesta Avaliação o tom neutro e conedido, próprio dos pareceres e apresentações de projetos. Não me foi fácil e creio que muitas vezes deixei transparecer minha emoção. É que pude colaborar de maneira modesta de algumas fases de estabelecimento da escrita Tapirapé. E muito me orgulho disso, pois hoje posso ver seus resultados altamente positivos. E, sem dúvida, essa foi uma das

Parecer Yonne de Freitas Leite

Setor de Jura Fl. 61 Rubrica	P.T. P.L.S. 61 RUB. 12
---------------------------------------	------------------------------

experiências mais recompensadoras de minha trajetória acadêmica, que me deu a oportunidade de reformular posições sobre a realidade psicológica das descrições linguísticas e de melhor entender as relações entre escrita e análise fonológica.

Ao mesmo tempo, minha participação me possibilitou observar a atitude da equipe frente ao Projeto. Pode ver as idas e vindas das propostas de ortografia, o cuidado com que cada sugestão era examinada, testada e avaliada. Mudar algo já ensinado, e até mesmo aprendido, exige modestia e humildade. Não é uma atitude que se encontra com frequência. A equipe de professores, porém, esteve sempre disposta a mudar para melhorar, para aperfeiçoar, para chegar àquele ponto tão ideal de perfeição que eu julgava perfeccionista. O resultado que ora apresentam é fruto de um "saber de experiência feito" de uma vivência diária, pensada e introjetada, de um longo e contínuo caminho, de muitas buscas, algumas alegrias, várias decepções. Isso eu pude testemunhar. Foram incansáveis na procura de assessoria para as diversas disciplinas.

Essa Proposta é, por seus objetivos, uma exceção no pobre e desesperador quadro da educação nacional. Exceção que deveria se tornar paradigmática e se constituir num exemplo para professores e alunos e também para legisladores. A oficialização da escola Tapirapó constituirá um marco, pois se poderá cumprir efetivamente o espírito do Estatuto do Índio e da Convenção 107 de Genebra, qual seja, o de proporcionar aos povos indígenas uma educação bicultural e bilingüe.

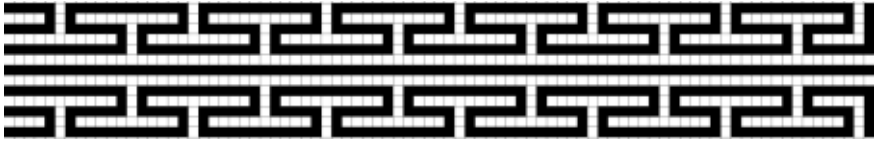
Rio de Janeiro, RJ, 30 de setembro de 1987.

*Yonne de Freitas Leite*  
Yonne de Freitas Leite, Ph  
Professora-Adjunto IV-UFRRJ  
Pesquisador IA do CNPq

Parecer Yonne de Freitas Leite



## APÊNDICE



### KWAJTĀWA - CANTOS DE CONVOCAÇÃO PARA OS RITUAIS

#### AXYWEWOJA PATĀWA KWAJTĀWA

O'i peapa areweeeee;  
Tarawe ratyyyyy;  
Wyraxigio ratyyyyy;  
Araxã ratyyyyy;  
Wyraxiga ratyyyyy;  
Warakorã ratyyyyy;  
Wyraxigoo ratyyyyy;  
Tarama'ema'eixe 'yopãwa re xerexewe neeeee;  
Koooooooooooo.  
Pexe ima'ãwoxewo areweeeee;  
Pexe ima'ãwoxewo areweeeee;  
Ymykweeeee;  
Ymykweeeee;  
Koooooooooooo.

#### IRAXAO PATĀWA KWAJTĀWA

Axykywynawe;  
Taraweratyyyyyyyyyy;  
Wyraxigioratyyyyyyyyyy;  
Araxãratyyyyyyyyyy;  
Wyraxigaratyyyyyyyyyy;

Warakorãratyyyyyyyyyy;  
Wyraxigooratyyyyyyyyyy;  
Axyga akygyro apaawera re ma'e pe'ãwykiyirota axygariatyyyyy;  
Axyga akygyro apaawera re ma'e pe'ãwykiyrotaaaaa.

### **XANERAMÕJA MAMA'E KWAJTÃWA**

Axykywynawe;  
Taraweratyyyyyyyyyy;  
Wyraxigioratyyyyyyyyyy;  
Araxãratyyyyyyyyyy;  
Wyraxigaratyyyyyyyyyy;  
Warakorãratyyyyyyyyyy;  
Wyraxigooratyyyyyyyyyy;  
Xaneramõja mama'e kwajtãwa re,  
Ma'e pe'ãwyky irota axygariatyyyyy.  
Xaneramõja mama'e kwajtãwa re,  
Ma'e pe'ãwykiyrotaaaaa.

### **MYRYXI PIAROWÃWA KWAJTÃWA**

O'i peapa areweeeee;  
Tarawe ratyyyyy;  
Wyraxigio ratyyyyy;  
Araxã ratyyyyy;  
Wyraxiga ratyyyyy;  
Warakorã ratyyyyy;  
Wyraxigoo ratyyyyy;  
Tarama'ema'eixe myryxitywa re xerexewe neeeee;  
Kooooooooo;  
Pexe ima'ãwoxewo areweeeee;  
Pexe ima'ãwoxewo areweeeee;  
Ymykweeeee;  
Ymykweeeee;  
Kooooooooo.

## **TATAOPĀWA KWAJTĀWA KWARIPEWĀRA- KOXŶ REWE KAROĀWA**

Xere'yga we taka ma'e pe'āwyky Karaxatywetyyyyyyyyyyy;

Apirapeeeeeeeeeee;

Kawaroooooooooooo;

Kawaro'iiiiiiiiii;

Paranyjwatyyyyyyyyyy;

Awaopetyyyyyyyyyyy;

Xaretapyyyyyyyyyy;

Xere'yga we takaaaaa;

Xere'yga we takaaaaa;

Koooooooooooo.

## **TATAOPĀWA KWAJTĀWA – AMYXEWYRIPEWĀRA**

'Ipirā pe'o Karaxatywetyyyyyyyyyyy;

Ywyrā pemamyrō Karaxatywetyyyyyyy

Apirapeeeeeeeeeee;

Apirapeeeeeeeeeee;

Kawaroooooooooooo;

Kawaroooooooooooo;

Kawaro'iiiiiiiiii;

Kawaro'iiiiiiiiii;

Paranyjwatyyyyyyyyyy;

Paranyjwatyyyyyyyyyy;

Xakarepetyyyyyyyyyyy;

Xakarepetyyyyyyyyyyy;

Xaretapyyyyyyyyyy;

Xaretapyyyyyyyyyy;

Awaopetyyyyyyyyyyy;

Awaopetyyyyyyyyyyy;

'Ipirā pe'oooooooooooo;

Ywyrā pemamyrooooooooooooo;

'Ipirā pe'oooooooooooo;

Ywyrã pemamyroooooooooo;  
Koooooooooooo.  
Koooooooooooo.

## **XEPAANOGÃWA KWAJTÃWA – WYRÃ 'IPIRÃ 'OWÃWA, EIRA NE**

'Ipirã pe'o Taraweeeeeeeeee;  
Ywyrã pemamyro taraweeeeeeeeee;  
Wyraxigiooooooooooooo;  
Wyragiooooooooooooo;  
Araxãããããããããã;  
Araxãããããããããã;  
Wyraxiiiiiiiiiii;  
Wyraxiiiiiiiiiii;  
Warakorãããããããããã;  
Warakorãããããããããã;  
Wyraxigiooooooooooooo;  
Wyraxigiooooooooooooo;  
'Ipirã pe'oooooooooooo;  
Ywyrã pemamyrooooooooooooo;  
'Ipirã pe'oooooooooooo.  
Ywyrã pemamyrooooooooooooo;  
Koooooooooooo.  
Koooooooooooo.

## **TAWÃ PATÃWA KWAJTÃWA**

Ma'e pe'awyky axykywenawe;  
Tarawe ratyyyyyyyyyy;  
Wyraxigio ratyyyyyyyyyy;  
Araxã ratyyyyyyyyyy;  
Wyraxiga ratyyyyyyyyyy;  
Warakorã ratyyyyyyyyyy;  
Wyraxigoo ratyyyyyyyyyy;  
Awykynaheeeee;

Awykynaheeeee;  
Axyga remi'o towyra re;  
Ma'e pe'awyky irota axygiāra ratyyyyy;  
Axyga remi'o towyra re;  
Ma'e pe'awyky irotaaaaa;  
Koooooooooooo.

### **KAPITĀWA TAKĀRA RAWAJXAKĀRA**

Ma'e awyky axykywynawe;  
Tarawe ratyyyyyyyyyyy;  
Wyraxigio ratyyyyyyyyyyy;  
Araxā ratyyyyyyyyyyy;  
Wyraxiga ratyyyyyyyyyyy;  
Warakorā ratyyyyyyyyyyy;  
Wyraxigoo ratyyyyyyyyyyy;  
Awykynaheeeee;  
Awykynaheeeee;  
Axyga keawere'yma re ma'e awyky irota axygiaratyyyyy  
Axyga keawere'yma re ma'e pe'awyky irotaaaaa;  
Koooooooooooo.

### **TEYJA KWAJTĀWA**

Pexe xixeweyweyj xe'i ranōōōōō;  
Pexe xixeweyweyj xe'i ranōōōōō;  
Apy'āpe'i ranōōōōō;  
Kokokokokokokoko.



Realização:



Apoio:



E. I. E. T.

ProExt/MEC

**CTMAT**

Centro de Tecnologia de Mato Grosso  
Campus de Barra do Bugres



ISBN 978-85-7057-012-3



9 788570 570123